

ROBERTO FREIRE



AME
e de
VEXAME

3. E D I Ç Ã O

EDITORA  GUANABARA



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

AME E DÊ VEXAME

ROBERTO FREIRE

AME E DÊ VEXAME

Editor de texto: Sérgio de Souza
Datilografia: Berenice De Poli

Copyright: ® Roberto Freire, 1990.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa
Copyright © by

EDITORA GUANABARA KOOGAN S.A.

Travessa do Ouvidor, 11
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20040

Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros), sem permissão expressa da Editora.

Orelha:

AME E DÊ VEXAME

O homem fruto de sociedade autoritária pode estar biologicamente vivo, mas seu amor está morto, assassinado, e é preciso — e possível — ressuscitá-lo.

Roberto Freire conclama os amantes ainda disponíveis e inteiros a guerrear com o coração, a pele, o sexo, e sobretudo com a poesia, contra o autoritarismo que aprisionou e está matando o amor em todas as partes do mundo.

A ideologia do sacrifício — vem da direita e da esquerda, do céu e do superego — tem convencido o homem de que amar significa fundamentalmente perder a liberdade. Nosso cotidiano de relações de poder, dominação e castração tem definitivamente rimado *amor* com *dor*.

Em *Ame e dê Vexame*, o escritor anarquista declara guerra total a essa ideologia destruidora através de outra, natural e ecológica: a ideologia do *prazer*.

Através dessa luta e em função dela, criou a *Soma*, uma forma de terapia-pedagogia holisticamente libertária, com a qual combate, há quase 20 anos, todas as formas de autoritarismo e sacrifício. E denuncia como essas ideologias de “não-vida” são sustentadas sobretudo pelas religiões judaico-cristãs, pelo Marxismo e pela Psicanálise.

A ideologia do *prazer* decorre da compreensão de que o ser humano é essencialmente lúdico, ou seja, que viver é basicamente brincar e jogar. Se a “moral” do sacrifício aproxima *amor* e *dor*, o prazer anarquista grita, canta e rima *amar* com *criar* e *libertar*. Defende a necessidade de amar lúdica, criativa e prazerosamente.

Como forma de controle, as sociedades autoritárias desenvolvem no homem a noção e o medo do *ridículo*. O medo do

ridículo se confunde com o medo de ser, de amar, de ser livre. Contra esse veneno, só há um antídoto: o *vexame*.

Partindo do princípio de que “Vexame pouco é bobagem”, na segunda parte do livro Roberto Freire apresenta uma seleção de seus vexames mais marcantes e apaixonados, que o ajudaram a sobreviver enquanto *Homo ludens* e lutar por uma sociedade anarquista, que preserve a saúde das pessoas através da manutenção da ludicidade, do tesão natural e do prazer de viver.

CAPA - RICARDO LEITE

ARTE FINAL - EDUARDO BORGES

Contra Capa:

DECLARAÇÃO DO AMANTE ANARQUISTA:

Porque eu te amo, tu não precisas de mim. Porque tu me amas, eu não preciso de ti. No amor, jamais nos deixamos completar. Somos, um para o outro, deliciosamente desnecessários.

Roberto Freire

“Mas eu desconfio que a única pessoa
livre, realmente livre, é a que não
tem medo do ridículo.”

Luis Fernando Veríssimo

“É o nosso dever de artista mostrar às
pessoas que o medo, a culpa e a morte
não fazem necessariamente parte da vida.”

Genesis P. Orridge
(Líder da Psychic TV, banda
britânica de *tecno-acid-beat*)

“Por educação eu perdi minha vida.”

Arthur Rimbaud

“Eu nunca teria chegado a conhecer o
poder se não o tivesse praticado e se
não me tivesse tornado vítima de minha
própria prática de poder. Assim, o poder
é triplamente familiar para mim: eu o
observei, eu o pratiquei, eu o sofri.”

Elias Canetti
(Uma luz em meu ouvido)

Para quem ainda vier a me amar

SUMÁRIO

Introdução

Primeira parte

Segunda parte

Meu caso de amor com Marília Pera

De quando me apresentei com Milton Nascimento

Eu te amo, eu te sinto, eu te vivo

O sino no pescoço da Globo

Amor muito menos amor quase dor

Perfurações a bala em nosso coração

Tinha super-homem dentro da babá

Manga com leite

Maria do medo de amar às portas da vida

Se bater o bicho morde, se apanhar o bicho come

Era tudo uma coisa só: Mário, pedra e lago

Caçada nos esgotos do DOPS

Canto fúnebre da insubmissão

Tempo de meu tempo em semente

Uma vida para dois

Quem tem medo de ser Cléo ou Daniel?

Eu e o meu amor no barco bêbado

Para quem ainda vier a me amar

INTRODUÇÃO

Este livro tem duas partes aparentemente distintas. Por isso foi assim dividido. É preciso advertir o leitor de que cada uma explica e justifica a outra. Entretanto, a ordem — para efeito de leitura — pode ser perfeitamente invertida. A sua compreensão será falha caso as duas partes não sejam lidas uma seguida da outra, porque o autor as concebeu como as faces da mesma moeda: a liberdade no amor, como reflexão e como vivência.

Todos os episódios narrados na segunda parte tratam de vexames amorosos, sinceros e verídicos. Três deles já tinham sido publicados no livro *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!* (Editora Global), mas considero este livro o seu lugar próprio e definitivo.

Acredito ser útil abordar nesta introdução meus conceitos sobre anarquismo somático e o que é *Soma* ou *Somaterapia*. Com base nessas idéias, nas práticas libertárias e somáticas, desenvolveram-se todas as teses e os fatos contidos em *Ame e Dê Vexame*.

Os anarquistas são os socialistas não autoritários, ou seja, são pessoas que sabem e gostam de dar vexames em todos os campos, especialmente no amor. A *Soma* ajuda-os a conservar e a desenvolver essa poderosa arma revolucionária.

Não existe o Anarquismo, mas, sim, anarquismos. Só a vida é singular. Todas as formas de anarquismo possíveis possuem uma origem ou raiz comum: são libertárias e antiautoritárias. A

liberdade social e a pessoal, conquistadas e praticadas simultânea e dinamicamente, são o nosso único objetivo político essencial. Nenhuma forma de anarquismo aceita a existência do poder de Estado. Portanto, somos fiéis à origem etimológica da palavra *anarquismo*: *a*, não, e *narchos*, poder, em grego. Para o anarquista, *poder* será sempre e apenas um verbo.

Variam os anarquistas apenas no adjetivo, que indica mais suas características próprias de ação do que a sua natureza essencial, como *sindical* ou *somático*, por exemplo. O anarquista é nato, seu anarquismo é reativo, circunstancial e específico. Além disso, possuímos uma natureza especial: é o anarquista que cria e desenvolve o anarquismo, nunca o contrário.

O anarquismo somático é mais próximo da natureza genética, corporal e existencial do homem, impondo-lhe a realização da vida na busca permanente de liberdade e na realização plena de seus potenciais de prazer.

A palavra *soma*, para esse tipo de anarquistas, significa o ser corporal ou a totalidade do ser humano. E muito mais do que existe no lado de dentro da pele de uma pessoa. Mais também do que sua capacidade cognitiva e sensitiva, pois são também *soma* as suas extensões corporais físicas, afetivas, sensuais e sexuais. O anarquista somático busca mais contato com a totalidade do seu ser do que as pessoas ainda não libertárias.

Soma ou Somaterapia é uma prática terapêutica corporal e em grupo, baseada na obra de Wilhelm Reich, visando a prevenção e a recuperação de pessoas submetidas a repressão autoritária. Funciona através da dinâmica de grupo autogestiva, utilizando-se de técnicas bioenergéticas e gestálticas, em exercícios lúdicos e de conscientização política, que proporcionam a oposição de uma ideologia do prazer (saúde) à ideologia do

sacrifício (neurose). Foi criada e desenvolvida no Brasil.

A *Soma* é a única terapia de conteúdo e objetivos políticos explícitos: o socialismo libertário ou anarquismo. No livro *A Alma é o Corpo*, estão reunidos os seus fundamentos teóricos.

Restaria dizer ainda algumas palavras sobre algo muito importante: o meu conceito de liberdade. Mas é impossível repeti-lo sem reproduzir na íntegra o que escrevi com Fausto Brito para o primeiro capítulo do livro *Utopia e Paixão*. Peço ao leitor, pois, que o leia e o integre exatamente aqui. De qualquer modo, posso resumir sua essência dizendo que *liberdade* é para mim como o *camino* no poema de Antonio Machado: *Caminante no hay camino, se hace camino al andar*. De amor em amor. De vexame em vexame.

Roberto Freire
Borrifos, Ilhabela, 1989

PRIMEIRA PARTE

My candle burns at both ends;
It will not last the night;
But ah, my foes, and oh my friends —
It gives a lovely light!*

Edna St Vincent Millay

*Minha vela queima nas duas pontas;
Não vai durar toda a noite;
Mas ah, meus inimigos, oh meus amigos —
Que bela luz ela dá!

Porque de amor se trata, vou contando logo como vivo o meu amor, o que me acontece quando sinto o seu amor, o que nos encanta quando se faz anarquista o nosso amor.

Mas escrever sobre o amor é difícil, porque essa palavra nem sempre designa realmente *amor*, sendo mais freqüentemente usada como superlativo do afeto que se pode sentir por uma pessoa.

Aliás, isso acontece porque a maioria, da forma como se vive hoje, não consegue amar realmente e supõe ser amor o gostar intenso e doloroso que lhe foi possível sentir por alguém.

O mais grave, entretanto, é o fato de as pessoas acreditarem tratar-se verdadeiramente de amor o gostar desmesurado. Em sua vida incompleta e insatisfatória, o possível, mas difícil amor pelos outros, é substituído pela afeição e dependência às coisas materiais.

No falar cotidiano dos franceses, para lembrar um exemplo, o problema ressalta ainda mais que entre nós, de fala portuguesa. Na França (aprendi com o poeta Leo Ferré), ao declarar verdadeira paixão por alguém, deve-se dizer assim, sem medo algum de pleonismo lingüístico ou amoroso:

— Je t'aime d'amour!

Pelo sim, pelo não, como já não quero mais cometer

equivocos em minhas eventuais e ainda possíveis paixões, adotei o procedimento semântico gaulês quando estou amando de verdade e em português:

— Eu te amo de amor!

Entre as muitas causas, tanto da transformação semântica que sofre a palavra amor — dificultando a comunicação na relação afetiva — quanto da modificação essencial do sentimento amoroso por causas de natureza psicológica, social e política nas sociedades contemporâneas, uma se destaca logo de início: a que faz as pessoas tomar os vocábulos, eles mesmos (a *palavra* falada ou escrita, enfim, comunicada) como sendo os próprios sentimentos ou as coisas que representam simbolicamente.

Considero alienação o esforço que se faz para considerar qualquer forma de facilitação pela fala (apesar de sua decisiva influência no processo civilizatório) sempre um avanço na expressão e na comunicação da afetividade humana. É preciso lembrar que a fala pode também ser um retardo, bloqueio, ou transformação da naturalidade com que o homem pode manifestar seus sentimentos e sua criatividade espontânea, através de processos corporais.

A tecnologia também, que seria um aperfeiçoamento e uma ampliação na comunicação de nossa vida intelectual e afetiva, está levantando questões sérias que reclamam estudos mais aprofundados e uma atitude crítica tanto no campo da ciência

quanto no da política.

As mais importantes conquistas tecnológicas a partir da Revolução Industrial, sobretudo no campo das pesquisas eletrônicas, termonucleares e da informática, exerceram decisiva e aparentemente irreversível influência no surgimento e fortalecimento do capitalismo burguês e das demais formas contemporâneas de autoritarismo de estado.

Passou, assim, essa tecnologia a atuar diretamente na formação cultural dos povos, de modo a alterar e deformar conceitos básicos sobre o valor e o significado da vida.

Uma consequência direta desses fatos foi o **desvirtuamento da linguagem**, por efeito de influência semântica também autoritária, **porque se fez de cima para baixo**. Duas palavras, especialmente, tiveram seu significado natural alienado, e tornou-se praticamente impossível o resgate da sua natureza original: *amor e liberdade*.

O mesmo acontece, por idêntico mecanismo, mas em sentido inverso, quando o autoritarismo, por via psicológica e pedagógica, torna irreconhecível para as pessoas o sentimento que gerou essas duas palavras. Podemos ainda pronunciá-las, porém não é mais possível conhecermos o seu natural sabor.

Apesar de tudo, a necessidade desses sentimentos não desaparecerá jamais. O homem pode ser confundido, não compreendê-los claramente, não saber direito como exprimi-los corretamente, mas sempre poderá ser conscientizado de que os sentimentos não são as palavras que os designam e tampouco

deixarão de existir apenas porque bloqueados e alterados em seus mecanismos naturais de expressão e de comunicação.

De alguma forma, enquanto permanecer vivo e animado pelo desejo de sobrevivência, o homem vai encontrar um meio de fazer sentir por si mesmo e pelos outros o seu amor, como é o seu amor, o que deseja o seu amor.

Só que, para isso, precisa viver uma certa regressão antropológica cultural, desistindo do uso exclusivo das palavras, da linguagem verbal, passando a comunicar o seu amor através das expressões corporal, gestual, facial e, sobretudo, por meio da poesia emergente do fato de estar apaixonado, que produz profunda mas indecifrável comunicação. Apenas os amantes podem captar e compreendê-la, quando se amam de amor.

Essas reflexões me fizeram lembrar de um texto meu, escrito a propósito das impressões que me causaram as poesias de Bernardo, um dançarino somático:

Foi a dança que modelou o homem no homem. Depois a poesia exprimiu o homem para o homem. Por fim o teatro espelhou o homem do homem para os homens.

Talvez seja uma espécie de saudade dos sons primitivos que designavam o sentimento de estar amando profunda e realmente uma pessoa, aquilo que de modo obsessivo nos faz necessitar ouvir, sussurradas no ouvido ou gritadas na praça, palavras e frases tão gastas e tão vazias de sentido hoje, como *Eu te amo!* e *Meu amor!*

É possível que não venha do som, como certamente não vem

do léxico, a nossa comoção e satisfação ao ouvirmos na voz da pessoa amada tais frases e tais palavras, mas, como dizia Paul Verlaine referindo-se às cores: *não as cores, mas as nuances*. Sim, as *nuances* são mais calor e mais emoções que pigmentos, como o jeito de falar e o tom da voz são mais o sentimento e a emoção atuais, especiais e específicos do que o vocábulo amor.

A resistência do amor em perder sua possibilidade de ser realmente amor, quando se vive uma paixão, me comove ainda mais quando, através da linguagem misteriosa e encantada do silêncio e da solidão, conseguimos dizer para nós mesmos não apenas tanto, mas tudo o que e como se ama. Infelizmente, a expressão do amor no silêncio e na solidão não tem o mesmo poder de comunicação para os outros, na convivência comum. Sua eficácia é mais vertical que horizontal.

Acho que sempre soube amar de verdade, naturalmente, assim como se respira. Certamente por isso sobrevivi. Mas nem sempre pude falar de meu amor com a clareza e a sinceridade com que faço agora que fiquei velho. Isso se deu ao descobrir na *Soma* quem, de fato, eu sou, e depois que ela me ensinou a adquirir a força necessária para adequar-me ecologicamente em relação ao mundo.

Quando era mais jovem tinha medo de me entregar totalmente ao amor porque isso me fazia parecer frágil, vulnerável, sensível demais, facilmente dominável e usável. Sobretudo, eu tinha vergonha de parecer romântico, sei lá por quê. Assim, toda vez que me apaixonava, ficava romântico e isso me enchia da sensação do ridículo. Desgraçadamente, naquela época eu ainda não sabia ser um romântico por opção profunda, tão profunda que

eu próprio não conseguia me dar conta disso. E lutava para enfrentar e não permitir a exteriorização do que considerava ser a minha tara, apavorado de dar vexames. Porém, felizmente, acabei podendo dar todos os vexames possíveis a que tinha direito, no correr dos amores e da vida.

Caetano Veloso, o poeta predileto, ajudou-me muito com sua comovente composição *O Velho*. Ele a canta com tão intensa e verdadeira emoção, com tamanho respeito poético pela sabedoria que sabe ser a sensualidade dos velhos, que me faz esquecer o que a velhice significa para mim como decadência e como fim. Atualmente vou caminhando contra os ventos que sopram úmidos e doces do futuro, ainda impulsionado e atraído apenas pelo amor, graças à *coragem de me saber imortal*, agora que posso ir *deixando a vida e a morte para trás*.

Sobre essa imortalidade figurada poeticamente, vale a pena lembrar um momento de grande tristeza pela perda recente de um jovem e lindo amor, quando, depois disso, fracassava sempre em novas e obsessivas tentativas de restaurá-lo com outras pessoas, também jovens. Rabisquei e nunca mais revi estes versos. Ficaram assim, em estado bruto e inacabados, como estava também até há bem pouco tempo o meu amor.

*Como demora a morrer
a juventude em mim.
Se recomeço a amar
eu me afasto do fim.
Amo ao contrário do tempo.
Não me posso envelhecer.
Talvez eu venha a morrer*

Como se estivesse nascendo.

Custou-me muita dor, solidão e desespero aprender que sentir amor é uma potencialidade vital minha, é produção criativa da pessoa que sou e, para amar, dependo apenas de mim mesmo. E sua expressão e comunicação são produtos da liberdade pessoal e social conquistada.

Em minha inocência e ignorância, eu atribuía a algumas pessoas o poder de liberar, produzir, fazer exercer-se e se comunicar o amor em mim e de mim. Esse amor pertencia, pois, exclusivamente a essas pessoas, ficando eu delas dependente para sempre. Se, por alguma razão, me deixassem ou não quisessem mais produzi-lo em mim, eu secava de amor e — o que é pior — ficava em seu lugar, na pessoa e no corpo, uma sangrenta ferida, como a de uma amputação, que não cicatrizaria jamais.

Certamente foi isso o que fez Shakespeare levar Romeu e Julieta à morte, bem como Goethe fazer Werther se matar e, em consequência, muitos de seus leitores tentar suicídio. Não tenho a menor dúvida de ter convencido meus personagens *Cléo e Daniel* a optar pelo suicídio quando lhes provei ser impossível o amor total na sociedade burguesa.

Entretanto, algo em mim, já naquela época, fazia-me duvidar dessa tese, pois, após tomar o medicamento que iria matá-los, tentam o amor pela última vez. Para sua grande surpresa, o amor volta inteiro, completo. Libertando-se, através do suicídio, da vida social burguesa, redescobrem o sentimento essencial. O seu amor estava lá, neles e entre eles, pronto e todo, intocado. Começam a pedir socorro, pois não querem mais livrar-se da vida. Porém, estavam nus, batendo nas portas dos apartamentos. Em lugar de

chamar a ambulância (eles só diziam a palavra *amor*), os moradores do prédio pedem a ajuda da polícia. Cléo e Daniel morrem na delegacia.

Depois de me matar assim tantas vezes, hoje eu não me mato mais. Sei que a dificuldade para a realização plena do amor entre as pessoas não é um problema do amor em si, mas do ambiente social, dos preconceitos, do moralismo laico ou religioso, do autoritarismo, da luta de classes, dos interesses econômicos e políticos.

Valeria a pena fazer um estudo nesse sentido, investigando as obras literárias que tornaram célebres alguns amantes como Romeu e Julieta, vitimados por conflitos de interesses políticos e econômicos que tornaram inimigas suas famílias, os Montechios e os Capuletos. Por exemplo: Paulo e Virgínia, Peleas e Melissande, Daphnis e Chloé, Tristão e Isolda, inclusive os nossos Marília e Dirceu, Ceci e Peri, Maria Bonita e Lampião, Riobaldo e Diadorim.

Quando o amor acaba por ele mesmo, quando existe incompatibilidade entre as personalidades dos amantes, suas reações à perda não chegam nunca ao desespero trágico dos desfechos produzidos de fora para dentro, do social para o pessoal, do desamor geral contra o amor possível.

Os amantes sabem que só se ama por inteiro, ou então o que estão fazendo não é amor, mas uma associação de interesses mútuos, um negócio. Além disso, quando se ama, não se está pensando em segurança, duração, controle, posse, pois isso corresponde à forma com que o autoritarismo capitalista familiar

ou de estado se expressa no plano pessoal e afetivo. Se sou um libertário, desejo que tanto eu quanto o meu parceiro vivamos o amor em liberdade, na emoção, no espaço e no tempo. É o amor em si mesmo que comanda a intensidade, a beleza, a forma e a duração do nosso amor, em cada um e entre os dois, jamais o contrário.

Tenho um antigo e recorrente personagem que, no romance *Cléo e Daniel*, servia-me de *alter ego* para eu poder disfarçar vexames públicos devido à *metamorfose ambulante* em que me tornei depois de 1964. Estou falando de Rudolf Flügel (metade o prenome de um querido amigo suíço, colega de faculdade, cujo sobrenome é Hausmann, hoje vivendo na Alemanha, e metade o sobrenome de um famoso psicanalista alemão).

Na época do lançamento do romance, em 1966, eu sonhava poder ser do jeito como criara meu personagem. Porém de semelhante entre nós existia apenas o fato de ele também ter abandonado a Psicanálise recentemente e possuir em seu nome as mesmas iniciais que eu. Semelhança, aliás, apenas timidamente intencional, pois logo me arrependi e busquei ocultá-la. O que, no fundo, eu queria mesmo ser naquela época atormentada de minha vida, devido ao golpe de 64, era o que fiz de Rudolf: um homem apaixonado de modo anarquista, sem nenhum caráter, uma espécie de Macunaíma urbano e, sobretudo, um completo e cruel filho da puta, segundo a visão burguesa, moralista, religiosa e hipócrita.

Mas eu ainda carregava um reconhecido caráter ilibado,

uma sólida cultura acadêmica, uma elogiada probidade médica, um tradicional e respeitado nome de família, mulher e filhos para amar, alimentar e proteger e, sobretudo, uma sexualidade e uma afetividade que julgava satisfatórias, porém discretas, sadias, do tipo cristãs, a zelar. Então, cínica e covardemente, fiz com que o personagem, logo no início do romance, encontrasse um colega seu, o doutor Roberto Freire. Apesar de espinafrá-lo (usando material depreciativo de críticas ao meu teatro publicadas em jornais da época), Rudolf lhe passa todos os seus clientes. Pronto, os leitores, sobretudo meus amigos, clientes, correlegionários e parentes estavam suficientemente iludidos: apesar de todas as aparências, eu não era Rudolf Flügel e nem ele me servia de *alter ego*.

Assim, me senti liberado e protegido para descarregar através do Rudolf e do Benjamim (um negro louco e fático, logo impossível quaisquer associações comigo) todo o meu ódio e o meu ressentimento, mas sem parecer ridículo, sem dar vexame. Com o máximo de lirismo poético, contrastando com um atrevido naturalismo ao estilo das pastorais gregas (Daphnis e Chloé), eu fazia uma velada autocrítica à minha origem e formação burguesa e à minha impotência revolucionária, mas, sobretudo, conseguia provar a impossibilidade de sobrevivência do amor, do meu amor, naquelas condições criadas a partir de 64.

Mas o sucesso do livro e da ditadura e o insucesso de minha vida pessoal, bem como de meus ideais políticos, acabaram por terminar, na marra, a metamorfose que, apesar de ambulante, mostrava ser também um dos meus importantes disfarces para permanecer escondido, em cima do muro, em cômoda, permanente e infinita transição. Assim, não assumo nem a nojenta larva nem a frívola borboleta. Foi quando morri pela

última vez.

É verdade que essa morte durou cerca de dez anos e só fui ressuscitar em 1976, quando saí gritando por aí o meu *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!* Estava totalmente convertido e apaixonado por mim mesmo. Um infarto e um descolamento de retinas, a convivência com a cegueira e a iminência da morte convenceram-me a retomar um romance parado em 1972 e a ir vivendo-o enquanto era inventado. Uma fantástica e protomutantíssima paixão durante estes últimos anos serviu de estímulo e catalisação para que terminasse o romance *Coiote* e fizesse com que eu passasse a ser, definitivamente, o *alter ego* do Rudolf.

Tendo sido a primeira cobaia da *Soma*, tornei-me mesmo, absolutamente, uma pessoa sem nenhum caráter e um sofisticadíssimo filho da puta para os que mantiveram alguma esperança em relação ao meu humanitarismo de origem semicristã e semimarxista, tão ao agrado do paladar burguês. Porém foi o meu atual anarquismo macunaímico que me levou a descobrir e a fruir, deliciado, algo que o personagem *Coiote* descobre e coloca para mim e para o Rudolf, nesta pergunta:

Não tem coisa ainda mais bonita que o amor naquilo que a gente chama de amor, não tem doutor?

Uma das mais eficientes maneiras de diminuir nosso sofrimento pelas dificuldades em exprimir e comunicar verbalmente o amor direta e substantivamente é podermos adjetivá-lo à vontade e, com isso, atenuarmos sua força e o

travestirmos de roupagens tão variadas e diversificadas que, longe de sua crueza e de sua nudez autênticas, o amor acaba sendo mais a máscara do que o mascarado, ou — o que é mais trágico — às vezes a máscara apenas disfarça e encobre a ausência do que devia mascarar.

Amor paterno, amor materno, amor fraterno, amor de parentes, amor filial, amor de namorados, amor de esposos, amor de amantes, amor de amigos, amor de companheiros, amor de sócios, amor de correligionários, enfim, todas essas e muitas outras formas de amar, em verdade, variam sobretudo em função da sua carga afetiva, sensual e sexual, dos compromissos, das obrigações, das dependências consangüíneas, legais, sociais, financeiras e políticas.

Por muito tempo a adjetivação do amor me confundia, e cheguei mesmo a suspeitar de que cada um desses amores era de qualidade realmente diversa no conteúdo, na energia, como o era na forma e no objetivo.

Preso ao conceito clássico e autoritário de que o amor é uma relação de troca complementar, ou seja, sistema de vasos comunicantes, eu deveria amar mais a pessoa que suprisse minhas carências pessoais em todos os planos, ficando, assim, atada indissolavelmente a idéia de atração, amor e complementação à de gratidão e dependência.

A idéia de que amar podia ser coisa completamente diferente deixou-me tão perplexo e apavorado porque, dentro do código de ética e de normalidade que regula a forma clássica de amar, qualquer violação dos limites de cada uma dessas maneiras adjetivadas de amar é punida com classificação de tipo pejorativa,

marginalizante e alienante, podendo até ser caracterizadas como perversões patológicas ou transgressões criminosas.

Acho que consegui exemplificar bem essa situação num de meus romances, quando um jovem pede amor a um homem maduro, amor substantivo que ele, jovem, sabe exprimir e comunicar de forma crua e nua, porque é um protomutante, é uma pessoa que nasceu do futuro e não conhecia as normas de amar vindas do passado. Então, o homem maduro, atraído e fascinado pela originalidade e beleza do jovem, mas em pânico e preso aos preconceitos de sua formação burguesa, comportava-se assim, no diálogo com o rapaz, que naquele instante lhe pedia proteção:

— *Proteger como?*

— *Com o teu amor.*

— *Meu amor?*

— *O teu amor por mim... o teu amor pelo meu amor por você!*

Nos olhávamos de frente, tensos os dois. Eu estava perplexo e indignado. Amor? Amor por um menino? Amor de pai? Amor de amigo? Amor de irmão? Amor de amante? Eu pensava e exprimia as interrogações em palavras orais. Ele não respondeu a nenhuma.

— *Por que você não responde?*

— *Porque eu não sei, porque eu não quero nenhum desses tipos de amor de que você falou!*

— *E o que você quer, então?*

— *Esse aí...*

E tocou meu peito com a ponta do dedo. Relaxou a tensão nele. Sorriu e continuou tocando meu peito com a ponta do dedo.

— *Todo esse aí...*

Queria mostrar com esse diálogo ficcional o que considero mais importante para se alcançar o amor libertário. Quando não se consegue amar com o amor semente, tem-se sempre muita dificuldade em aceitar que o amor vive de uma só e única energia que materializa esse sentimento de forma natural. Acabamos, assim, por nos perder e desorientar em face das formas variadas com que socialmente ele se apresenta como raiz, como caule, como folhas, como flores e como frutos. Os anarquistas aprendem a amar mais a possibilidade de amar que o próprio amor e os nossos objetos de amor. Possibilidade de amar, em anarquismo somático, significa liberdade.

No livro *Utopia e Paixão*, declarei minha total incompetência para escrever sobre o amor, tanto como fenômeno biológico quanto como vivência exclusiva da vida humana. O amor, para mim, só pode ser expresso pelas artes e viajado pela poesia. Mas falar científica ou literariamente do amor e explicá-lo psicologicamente não significa absolutamente saber *o que ele é e como ele funciona*. Descubro ser o mistério a sua natureza mesma. Desvendá-lo é assassiná-lo. Só podemos, pois, senti-lo, jamais compreendê-lo. Quem começa a entender o amor, a explicá-lo, a qualificá-lo e quantificá-lo já não está amando. Procurei resumir assim, neste livro, minhas conclusões: *do amor só se pode fazer necrópsia, jamais biópsia*.

Como escrever, então, sobre o jeito que vivo o meu amor? Como dizer o que sinto em mim sobre o seu amor? E como falar de nosso amor quando ele se realiza de modo anarquista?

Há mais de dez anos decidi aprender, através de uma pesquisa sistemática, como amam os jovens em meu país. E procurei comparar seus depoimentos a tudo o que via e sentia de suas vidas em torno de mim, em contatos diretos, nas ruas, nas praças, nas escolas e nas festas, bem como através de contatos indiretos nos filmes, nos romances, nas letras de música, nos poemas, nas danças, nas peças de teatro e na televisão. O que aprendi dessa pesquisa ensinou-me a viver e a escrever sobre o amor anarquista.

Procurava organizar esse trabalho em torno de um questionário científico, mas acabei por realizá-lo, felizmente, através de uma genial poesia musicada, que traz em si as sementes do amor libertário. Gilberto Gil não sabe que desde 1976 uso sua poesia *O Seu Amor* como base para interrogar como é e como poderá ser o meu, o seu, o nosso amor, tomando como base e estímulo à discussão a ideologia anarquista contida nesse poema. Milhares de jovens que fazem *Soma*, em todo o Brasil, discutiram comigo nesses últimos 13 anos como vivem e como querem o seu amor, ouvindo e debatendo essa composição, gravada pelos *Doces Bárbaros* (Caetano, Gal, Bethania e Gil).

O seu amor

Ame-o e deixe-o

livre para amar

Nestes primeiros versos, o poeta reagia de modo irônico e esperto à estúpida campanha do governo militar (*Brasil, ame-o ou deixe-o*) durante as décadas de 60 e 70, dirigida contra aqueles

que denunciavam, contestavam e enfrentavam a ditadura fascista por eles implantada em nosso país. Cinicamente, os militares identificavam-se ao Brasil e dirigiam-se a nós, que queríamos e amávamos outro Brasil, propondo essa ridícula opção que, se não a fizéssemos por bem, eles nos obrigariam a fazer por mal, como, aliás, à nossa revelia, acabaram por fazer através das prisões, do degredo, da tortura, do assassinio. Gil vai muito além da ironia e faz a devida e definitiva crítica: *amar não é ou, amar é e. Deixar não é afastar, é facilitar. E amor, só livre.*

Eliminando assim todo o conteúdo autoritário da frase fascista, o poeta, agora também filósofo libertário, afirma que o mais verdadeiro ato de amor é o que garante a quem amamos a liberdade de amar, além e apesar de nós e de nosso amor. E, através de um jogo inteligente e preciso de linguagem, faz confundir o seu amor (objeto) com o seu amor (sentimento), deixando claro ser sempre bilateral essa liberdade de amar e esse amor em liberdade, na dinâmica entre sujeito e objeto amorosos, na qual um se transforma no outro e estão sempre ambos, isolados ou unidos, potencial e prazerosamente disponíveis para todos.

Muito raros foram os jovens que afirmaram ser esta, a do poema, a sua forma assumida de amar. Entretanto, inúmeros, quase todos, sonham com essa possibilidade. Desses, mais da metade é de opinião que isso é possível. Sempre existe quem afirme que essa ideologia amorosa é pura utopia, não desejam esse tipo de amor e, além disso, o consideram impossível porque antinatural.

Pessoalmente, isso é tudo o que desejo: o meu amor, tanto

meu sentimento quanto a pessoa que amo, além de amá-los apenas do jeito que gosto, deixo-os livres para amar do jeito que gostam, até mesmo além e apesar de mim. Procuro pessoas que também amam assim. Tem sido difícil, mas acabo sempre por encontrá-las. É fascinante, assustador, maravilhoso, doloroso, prazeroso, novo, imprevisível, inconsolável, rico, poético, maluco, romântico, caótico e aventureiro.

O seu amor

ame-o e deixe-o

ir aonde quiser

Ir aonde quiser foi entendido sempre como síntese, podendo o verbo *ir* significar *caminho de opção* nos mais variados sentidos: o que fazer da própria vida, dos sentimentos, das emoções, da sensualidade, do corpo, da sexualidade, do potencial criador e produtivo, ideológico, ético, da compreensão e do comportamento filosófico e político. Além, claro, de significar o uso do espaço, no ato de estar, deslocar-se e mudar. Sempre tudo dentro de um conceito amplo e irrestrito de liberdade individual, de opção: *aonde quiser*.

Claro que quem procura a *Soma* sofre problemas neuróticos, quer dizer, são pessoas que vivem alguma forma de impotência e/ou incompetência para o amor, para a criação e para a luta. Enquanto, na discussão, permaneciam no aspecto espacial do verbo *ir*, o deslocar-se livremente, os jovens não viam grande problema na proposta; porém, quando aprofundavam o significado do *ir aonde quiser*, surgiram sempre no debate as graves questões do autoritarismo, da dominação, da apropriação, do paternalismo e do parasitismo nas relações amorosas da sociedade burguesa.

Assim, poucas são as pessoas que não desejariam propiciar essa liberdade aos próprios sentimentos e à pessoa que ama: porém as que a alcançaram, na maioria, acabaram por perder o objeto amado e, por isso, consideram esse tipo de liberdade no amor uma decisão de alto risco, um mito, uma utopia. A discussão sobre o ciúme, a competição, a mono e a poligamia surge como produto direto da questão. Ou seja, parece ser muito difícil e arriscado para os jovens conciliar seus impulsos e desejos libertários com a realidade dos resíduos da formação burguesa em si mesmos e nos parceiros. Esses resíduos, estimulado pelo ambiente social, opõem-se radicalmente aos impulsos e desejos libertários, parecendo aos jovens impulsos e desejos também naturais quando, na verdade, não passam de deformações de caráter incutidas pela educação autoritária e capitalista que receberam e que estimula neles o desejo de poder e só lhes dá segurança na apropriação, na dominação, tanto no plano material quanto no afetivo.

Porém aqueles que conseguem deixar seus sentimentos e seus objetos amorosos livres para ir aonde quiserem, sem deixar de amá-los e sem que estes os amem menos, descobrem, como eu, as infinitas possibilidades do amor e as formas diferentes, originais e únicas com que o amor pode apresentar-se em cada pessoa ou na mesma pessoa, a cada momento, dependendo do lugar e da circunstância emocional em que pode ocorrer. Além disso — e para mim essa é a maior descoberta —, quando o parceiro desiste de nos seguir nessa viagem, por medo dos riscos ou porque

descobriu melhores companheiros para viajar, aprendi a aceitar, embora de início a contragosto, o seu direito a essa liberdade (como a desejo igualmente para mim). Mais ainda, descubro nessa secessão algo de sábio a meu favor também pois, se inicialmente ela me pareceu incompreensível, quando volto a me sentir bem com outra companhia (que vive a mesma ideologia e tem coragem para a sua prática libertária na relação amorosa), fica claro que eu estava sendo autoritário e capitalista, na relação anterior, tentando conservá-la apesar de tudo.

Em outros livros já tratei do que venho aprendendo sobre ciúme, competição, machismo (masculino e feminino) e sobre as diferentes formas de dominação e apropriação chantagísticas nas relações amorosas. Na segunda parte deste falarei sobre os mecanismos gerais e especiais que venho pondo em prática, no cotidiano libertário, para poder distinguir o que é natural e o que é neurótico, o que favorece e o que atrapalha o acerto ecológico necessário para a sobrevivência tanto da espécie humana quanto a do seu amor.

Estou convencido de ser o amor, quando plenamente realizado, o principal fator do processo genético que determina as mutações necessárias para a sobrevivência da espécie humana. É o amor (quando amor mesmo) a matéria-prima, a munição, a chave para o crescimento pessoal, a revolução social e a evolução natural.

O seu amor

ame-o e deixe-o

brincar

ame-o e deixe-o

correr

ame-o e deixe-o

cansar

ame-o e deixe-o

dormir em paz.

Para quase todos os jovens que ouvi, esta seqüência dos versos de Gil revelou uma evidente e fascinante relação entre o ato de amar e a ludicidade da existência, pautada por verbos que exprimem os grandes prazeres da infância: brincar, correr, cansar e dormir. O homem, quando ama, brinca de Deus, já pensei certa vez. Hoje penso muito diferente: o homem adulto, quando ama, brinca de ser criança. Concordando com Georges Groddeck, para mim o homem é o que ele foi e viveu até o fim da adolescência, sendo sua vida adulta apenas um doença lenta, longa e incurável, às vezes amenizada pelo que lhe sobra da ludicidade infantil, especialmente a que chama de amor.

Assim fica fácil compreender Gil: amar deve ser um faz-de-conta de verdade. Viver não é *pensar e saber* do jeito que desejaram os racionalistas, nem tampouco é *trabalhar* na maneira marxista, mas sim *brincar e jogar* como gostam os anarquistas. Para quem curte o Latim, fica mais bonito assim: o *Homo* não é *sapiens* nem *faber*, ele é *ludens*!

Alcançar essa leveza, essa clareza, essa pureza e essa sabedoria infantis no amor é o grande objetivo dos amantes anarquistas. A gravidade e a seriedade do amor burguês apenas escondem o objetivo de transformá-lo em instrumento de poder. Os jovens que trabalharam com a composição *O seu amor* quase sem exceção confessaram, muito decepcionados, ter *dançado*

sempre que *brincaram* no amor. O *Homo sapiens* e o *Homo faber* expulsam o *Homo ludens* de dentro dos jovens quando estes se integram no sistema capitalista burguês. Então o amor possível não podendo ser lúdico, não lhes sendo permitido brincar e jogar com os próprios desejos, sentimentos e emoções, são obrigados a institucionalizar, a regradar e a utilizar os desejos, sentimentos e emoções como instrumentos dos mecanismos de poder autoritário (através do casamento e da família) na reprodução e na perpetuação da relação dominador/dominado .

Os jovens percebem claramente que para viver uma vida lúdica, para amar e deixar seu amor brincar, correr, cansar e dormir em paz, terão de romper com os mecanismos autoritários de acasalamento e relacionamento afetivo do sistema capitalista. Para isso, a única saída é marginalizar-se e criar novos tipos de relacionamento e acasalamento, bem como descobrir outras formas de vida comunitária em substituição à do lar e à da família tradicionais.

E sabem que na base desse buscar está um princípio anarquista fundamental: convivência e produção autogestivas, ou seja, sem patriarcado, sem machismo, sem poder econômico, sem pai patrão, sem homem mantenedor e mãe doméstica, sem qualquer forma de violência (física e chantagística).

Vários jovens, que antes se interessaram mas logo se desencantaram com a vida comunitária e a organização familiar autogestiva, após a *Soma* conseguiram criar e manter comunidades, desenvolver plantas produtivas e creches, com base e organizadas nos princípios anarquistas. E aprenderam a amar autogestiva e ludicamente. Porém como conseguiram isso? Luta

intensa e permanente na invenção de uma técnica-ética para a manutenção de uma dinâmica de grupo libertária que, a um só tempo, limpe as relações afetivas (de convivência e de produção) dos resíduos burgueses de sua formação e as adapte à realidade local, pessoal e circunstancial, na aplicação da ideologia anarquista adotada e desenvolvida pelo grupo. Enfim, conscientizam-se de que são os anarquistas que inventam e produzem o anarquismo lúdico e somático, nunca o contrário.

*O seu amor
ame-o e deixe-o
ser o que ele é*

Terminado o depoimento de meus jovens clientes sobre como era o amor de cada um deles naquele momento, depois de ouvirmos atentamente Os Doces Bárbaros cantando *O Seu Amor* do Gilberto Gil, sento-me diante deles e conto-lhes com a máxima sinceridade como anda o meu amor. Sempre, nestes últimos 13 anos, senti-me mais tocado quando me conscientizava, feliz e orgulhoso, do fato de querer mesmo amar o meu amor e de conseguir deixá-lo ser o que realmente é.

Ficava muito emocionado porque sabia o quanto isso tinha sido o maior problema de minha vida, o meu maior nó neurótico. E foi numa dessas sessões de *Soma*, há alguns anos, que pude dizer ao grupo estar finalmente amando como queria, que realizava na minha vida afetiva e sexual a forma ideológica proposta pelos anarquistas. A partir daquele momento eu me sentia verdadeiramente anarquista, ou seja, não era mais um burguês neurótico. Lembro-me que chorava de emoção e alegria diante de meus clientes, como diante do meu amor (do meu

sentimento e do meu objeto amoroso) porque eu, de fato, os amava e os deixava ser como eles realmente eram. Já era um homem velho quando isso aconteceu, mas ainda não tinha me sentido tão inteiro, tão eu, tão meu. Não custou constatar depois desse dia que inventara a *Soma* primeira e egoisticamente para isso, quer dizer, para mim.

A intuição do poeta tinha apontado para o que considero o tema científico mais importante da *Soma*, bem como seu objetivo principal: a originalidade única das pessoas. O anarquismo como ciência política e a *Soma* como terapia libertária visam fundamentalmente conscientizar as pessoas de que cada uma é uma experiência biológica e existencial original e única na Natureza, sendo assim indispensável para o equilíbrio ecológico natural que cada pessoa consiga aproximar-se de sua originalidade única e aprenda a enfrentar os mecanismos emocionais, psicológicos, sociais e políticos que tentam bloqueá-la nesse sentido.

Para ser o que realmente somos, só possuímos um indicador: o prazer de viver. E ninguém vai negar ser o amor o melhor prazer e o mais seguro indicador de nossos caminhos. Entretanto, para conhecê-lo é preciso amá-lo, é necessário deixá-lo ser o que ele é, impulsionado por mecanismos genéticos originais e conduzidos por nossas opções livres e prazerosas.

Numa sociedade autoritária como a nossa, sermos o que somos, deixarmos o nosso amor ser o que ele é sem dúvida alguma é a coisa mais difícil de se realizar. Por outro lado, é a mais emocionante também porque, uma vez vencida a barreira neurótica de origem política, passamos a nadar a favor da

correnteza da vida e do amor.

No fim de todas as sessões desse tipo, ao fechar os trabalhos após reunir todo o material apresentado sobre o nosso amor em confronto com a ideologia do poema do Gil, chegamos sempre à mesma conclusão: ninguém falou de seu amor, todos falamos apenas de nossa liberdade. Os nossos problemas para viver o amor de forma integral e natural não são dificuldades de natureza afetiva, mas sim libertária. Portanto, nada temos a temer do amor, pois ele estará sempre em nós, inteiro e pronto para ser vivido quando for chegado o momento. Uma vez liberto, ele nos fará amar tão satisfatória e naturalmente como respiramos, procriamos, nascemos e morremos. O que geralmente nos falta é a coragem de exercer a necessária liberdade para isso.

É evidente que em relação à sexualidade acontece exatamente o mesmo. Amor e sexualidade não podem ser entendidos e vividos em separado. Depois da obra de Wilhelm Reich, não há mais dúvidas sobre a ação dos mecanismos políticos autoritários através do amor no casamento e na família para desequilibrar emocional e psicologicamente as pessoas e, em conseqüência, levá-las a uma sexualidade insatisfatória. Reich provou como a ausência de orgasmos completos e repetidos nos neuróticos os torna incompetentes e impotentes para o exercício da liberdade no amor, na criatividade e na capacidade de luta ideológica. Logo, ao se bloquear a sexualidade de uma pessoa ou de um grupo social, procura-se, fundamentalmente, bloquear sua capacidade de ser livre e suficientemente forte para buscar a sua originalidade única e a de seu amor.

As pesquisas e os resultados terapêuticos da *Soma*, bem

como de todas as técnicas bioenergéticas derivadas da obra de Reich, começam a ser bem conhecidos pela juventude contemporânea. Assim, os jovens não se vão deixar iludir e enganar por muito tempo ainda pelos consultórios sentimentais e sexológicos em que se constituem hoje as terapias tradicionais, apesar de elas prosseguirem no seu esforço reacionário e irresponsável que tenta ensinar as pessoas neuróticas a amar e a fazer sexo sem liberdade de ser elas mesmas, sem a ludicidade que é a própria dinâmica do amor.

Fica claro, pois, que, para o meu anarquismo somático, revolução social e política se fazem com ideologia na ação, ou seja, também com amor, tesão e orgasmos, simultaneamente no plano pessoal e social. Tendo-se em conta que amor, tesão e orgasmo não ocorrem apenas no plano sexual.

Quero ainda ressaltar a importância do gesto corajoso e da atitude contestadora das pessoas que não se satisfazem com as migalhas de afeto nas relações apropriativas e parasitárias do amor burguês, nem se deixam iludir com as formas neuróticas das relações amorosas sadomasoquistas, implícitas ou explícitas, do amor autoritário. A solidão e a vida (estar vivo, inteiro, limpo e resistindo), enquanto preparamos o momento da libertação, valem mais que o poder e a falsificação de amor na vida autoritária.

Há poucos dias ganhei de presente um poema de nova e especial cliente, Margarida, em que ela encarna e declara essa atitude libertária corajosa e revolucionária:

*“Só conheço dois caminhos,
os mesmos que aprendi quando menina.
Num, o coração se abre verdadeiro*

*desmanchado em mágoas,
lágrimas e tristezas de amor.
Noutro, sobreviver é imperativo
e a raiva alimenta a vida.
A primeira alternativa
me descobre vulnerável e nua,
me mata.
A segunda me consome
a doçura e o prazer,
morro.
E como, até hoje, me deparo
na mesma encruzilhada,
escolho a vida.”*

De modo esperto, porém realista e autêntico, o poeta popular, em seu sambão, conclui e fecha bem o assunto, de modo rápido e rasteiro:

*“Morreu o nosso amor, morreu.
Mas cá pra nós
antes ele do que eu.”*

Quando se optou pela liberdade, deve-se ter sempre em mente a possibilidade da solidão. A conquista da liberdade, incluindo a liberdade no amor, é uma longa batalha contra inimigo poderoso, o autoritarismo. Inúmeras vezes em nossa vida ele nos derrota, nos aprisiona, nos tortura ou nos põe em fuga por terras estranhas. Em qualquer uma dessas situações, somos obrigados a conviver cotidianamente com a solidão.

Georges Moustaki diz numa de suas famosas canções:

*“Je ne suis jamais seul
avec ma solitude.”*

Ele diz não ficar nunca só quando tem a solidão a seu lado. Sinto isso muito verdadeiro. Falando de mim mesmo, creio ter pago pela liberdade em que vivo hoje com pelo menos a metade de minha vida em horas da mais penosa ou da mais fecunda solidão. Em outras palavras: quem não consegue se sentir só e na mais completa solidão não se liberta jamais. Estar só, sentir a ausência do que e de quem se ama, às vezes, para muita gente, como eu, foi o necessário caminho que leva da dependência e da mediocridade à liberdade e à plenitude do amor. Conheço e cultivo bem a minha solidão, na qual, talvez, viva os melhores e mais intensos momentos em que me sinto livre. Não se trata de contradição. Pretendo apenas abrir questão para melhor entendimento das diferentes possibilidades e realidades da solidão. Creio ter já vivido todas as suas formas possíveis, da mais criativa e alegre à mais miserável e trágica. Entretanto, acredito poder imaginar a existência de duas principais maneiras de se viver a solidão.

*“Antes, era a grande solidão
sem mágoa.”*

Assim começa a letra do *Hino a Brasília*, escrito pelo Vinícius, com música de Tom e encomendado por Juscelino. O poeta se referia ao Planalto Central antes da construção da cidade. Para mim, entretanto, sempre foi outro o significado desse

verso: a solidão também pode ser algo desejável, necessário, bonito, saudável e, sobretudo, voluntário.

A solidão sem mágoa é coisa própria da Natureza, reflete o jeito de ser e de estar das pessoas em relação ao todo da vida no Universo, fora e dentro de si mesmas. Sinto que a solidão sem mágoa dos homens faz mais parte de sua natureza mineral, porque parece imóvel, incomunicável e eterna, do que da orgânica, que é pulsátil, móvel, transformável, comunicável e fátua.

Através desse tipo de solidão é que podemos avaliar, sem interferências externas, nossa própria inteireza como ser e como pessoa, podemos conviver com o que nos é realmente próprio, original e único. As outras oportunidades para isso seriam o momento de criação e o instante de amor, porém nessas ocasiões não estamos sós e ocorrem interferências, geralmente boas demais para permitirmos a solidão, mesmo aquela sem mágoa.

Por isso é que os melhores amantes e os melhores criadores necessitam da solidão que libera e alimenta seus potenciais de amor e de criatividade. É essa a razão por que os grandes amantes e os grandes criadores são pessoas muito e satisfatoriamente solitárias.

Fica assim bem distinta a maneira com que vejo a solidão sem mágoa e a solidão produzida pela discriminação, pelo preconceito, pelo medo e pelo ódio de um lado e, de outro lado, pelo abandono, pela fuga, pelo desterro e pelo ostracismo. Há ainda outra fonte para a formação da solidão com mágoa, que são a perda da pessoa amada, a falta de saúde, os defeitos físicos, a pobreza, a neurose e a velhice.

Entretanto, nada me parece mais solitário (não sei se com mágoa ou sem mágoa) que um homem morto. Muito, mas muito mais solitário que aqueles que o amaram e o perderam. A solidão

do morto é essencial e completamente mineral.

Quando vejo as pessoas não conseguindo livrar-se da solidão com mágoa e, ao mesmo tempo, sendo-lhes impossível alcançar a solidão sem mágoa, fico lembrando o quanto isso foi difícil para mim também, embora nos últimos anos tenha começado a viver mais solitariamente, cada vez com menos mágoa, e começado a encarar e enfrentar o que gera mágoa em minha solidão particular.

Aprendi com poetas e com cientistas solitários que a duração da vida é mais vertical que horizontal e que se passa fundamentalmente dentro de nós, não fora. É isso o que chamo viver: eu comigo mesmo, vivendo minha solidão que só pode ser, originalmente, sem mágoa. A vida que se passa fora de nós depende da que se passa dentro; claro, porém é mais horizontal, é mais troca de vida já vivida, que pode agradar e encantar nossa solidão, mas pode também desagradá-la e desencantá-la criando a mágoa.

Não existe mais diferença hoje entre um poeta e um cientista, assim como é impossível separar energia de matéria. O cientista me provou que sou um ser original e único no universo. Nunca houve, não há nem haverá nunca ninguém igual a mim. A minha vida é uma mensagem específica e especial, de cuja resposta do meio ambiente e de outros homens depende o futuro da espécie.

O poeta entende e me explica isso de uma forma que me faz sentir esse poder em mim, sem que precise entendê-lo. Ele me diz que a solidão primordial é produzida por tudo o que nos afasta, na vida pessoal, social, amorosa, profissional e política, de nossa

originalidade única, ou seja, daquilo que só eu posso ser e que, se não for, nada do que seja e faça me significa, me explica, me satisfaz e me recompensa. O resultado é a solidão de mim mesmo. Com mágoa. É uma sensação permanente ou recorrente de incompetência ou de impotência para o amor e para a criatividade. Uma capacidade de sujeição e de submissão aos padrões, à média e ao ressentimento.

Uma das coisas que mais espanta e entristece é o observar na sociedade contemporânea a dificuldade para o amor, e, sobretudo, quando o alcançamos, a dificuldade ainda maior para mantê-lo vivo e inteiro. Através das idéias que defendo nestas reflexões, entendo que, no instante da revelação do amor ou no momento da sedução, abrimos para o parceiro a nossa originalidade única, como se a vivêssemos de fato, sempre.

Acredito mesmo ser nisso que reside o nosso poder de sedução, e é isso mesmo que sentimos ao nos apaixonar. O encantamento do namoro e dos primeiros tempos da relação amorosa deriva da exposição de nossa originalidade única, coisa que só os amantes apaixonados podem exhibir e com elas se comunicar. Porém, nossos bloqueios e medos, apesar do amor, acabam por ocultar de novo que somos originais e únicos e retornamos à velha solidão com mágoa, proporcionando decepção, desencanto e mágoa a nós mesmos e a nossos companheiros. E a solidão se impõe, sozinhos ou acompanhados, porém sempre com mágoa, sempre maior, porque a cada namoro e a cada paixão, embora durem pouco tempo, sentimos o gosto inesquecível, porque essencial e vital, da solidão sem mágoa a dois.

Assim entendida, acredito ser a solidão o fruto do autoritarismo que impede a liberdade individual e a formação de sociedades que entendam a liberdade individual como apenas o singular da liberdade social e esta com apenas o plural da liberdade individual. Na dimensão da liberdade, pelo menos como sentem e pensam os anarquistas, o pessoal e o social são uma só coisa nas pessoas, se existem ambos, por inteiro e complementares nelas. Só numa sociedade socialista libertária isso seria possível. Enfim, a solidão sem mágoa é coisa do coração, da alegria e do tesão anarquistas. E isso explica por que, mesmo já velho, continuo amando muito e me divertindo com a vida. E, saudando o amigo Moustaki, repito que já não me sinto mais sozinho se tenho sempre a minha solidão libertária por companhia.

Recebi há poucas semanas um curioso cartão-postal de Paris, enviado por uma querida amiga anarquista, Miriam, no qual me faz declaração de amor antes tarde do que nunca. O cartão é surpreendente pela criatividade do artista que o concebeu, possibilitando, simbolicamente, possíveis associações entre o movimento de maio de 1968 em Paris e a Revolução Francesa de 1789, o primeiro com 20 e a última com 200 anos de história. Sobre as cores azul, branco e vermelho da bandeira francesa estão colocados os seguintes dados gráficos, e deste jeito:

maio

68

89

julho

É só virar o cartão e tem-se a surpresa: julho fica em 68 e maio em 89, embora apenas as letras dos meses de cabeça para baixo, pressupondo várias e divertidas interpretações ao se relacionar o significado político desses dois acontecimentos tão distintos em verdade, porém, sem dúvida alguma, possuindo algo em comum: potencial transformador de mentalidade sociopolítica, marco de transição ou de mutação cultural no ocidente, ambos nascidos de barricadas e manifestações inflamadas do povo, pelas ruas de Paris.

No ano passado, quando se comemoravam os 20 anos do movimento de maio, encomendaram-me um artigo para revista, com a intenção de comparar o que eram os jovens de 68 em Paris e no mundo e os jovens de 1988. Suponho ter havido na encomenda a suposição de que os revolucionários de maio de 68 hoje estariam aburguesados, bem como seus ideais, e anestesiado pelo capitalismo aquele ardor revolucionário das barricadas.

Este livro trata de amor e de vexames e, quanto a amor político e vexame social, não conheço na história de minha época momento mais apaixonado e mais vexatório do que o inaugurado na cidade de Paris em maio de 1968. Só que também não me lembro de nada mais profundo e duradouro que o papel da juventude anarquista (consciente ou inconsciente), manifestado desde o início da década de 50 com o movimento *hippie* e ampliado nas ações diretas contra qualquer forma de autoritarismo, sendo o movimento de maio em Paris a mais significativa dessas ações, tornando-se seu símbolo histórico.

O filme *A Contestação dos Morangos* sintetiza bem como essas coisas se passavam no meio universitário norte-americano

na década de 60. E ainda tenho na memória a violência da repressão policial nos confrontos com a juventude brasileira que, na mesma época, manifestava-se publicamente contra a ditadura. Se não me engano, a invasão e barbárie cometidas pela polícia dentro da minha Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, ocorreram em 1968.

Como maio de 68 marca o que acredito ser o início do que no futuro será conhecido por *Revolução Mundial Anarquista* contra todas as formas de autoritarismo, aceitei fazer o artigo, principalmente para ressaltar o que esses acontecimentos revelam através de seus grandes vexames: os nossos melhores atos de amor apaixonado pela liberdade no plano político.

Durante a década de 60, a humanidade parece ter sentido de forma mais clara a mutação cultural e social que, em consequência da revolução industrial, sobretudo e também das duas guerras mundiais, ela teria de aceitar, assimilar, para o prosseguimento de sua sobrevivência como espécie.

Essa mutação cultural expressiu-se através de alguns fenômenos sociais que até hoje perturbam as instituições conservadoras, a política reacionária e a moral repressiva do Ocidente. Podemos destacar alguns deles, que nos servirão de exemplo para demonstrar a tese sobre o significado real e as consequências do movimento de maio de 1968, em Paris, acompanhado de movimentações sociais de natureza cultural em todo o mundo.

Vamos referir-nos primeiro ao surgimento ou ao amadurecimento nessa época do movimento *hippie*, do movimento anti-racista, do movimento feminista, da defesa dos direitos dos

homossexuais e, sobretudo, da consciência ecológica. Todas essas manifestações que logo se tornaram universais sem qualquer tipo de controle centralizado, sem orientação partidária e sem lideranças fixas e mitificadas, parecem ter nascido de forma espontânea e atendendo a necessidades de natureza biológica em favor da conservação da espécie e da sociedade humana. Mas, indiscutivelmente, ao mesmo tempo atendiam também à necessidade de proteger a expressão individual, original e única de cada pessoa humana, tanto em relação aos demais quanto ao meio ambiente.

É interessante constatar, através da existência desses movimentos, que em campos diferentes da vida social e individual (dentro da organização política e cultural dos países desenvolvidos no capitalismo pela revolução industrial) impunha-se de modo espontâneo, universal e urgente a aplicação de princípios de natureza anarquista, por exemplo o respeito à diferença entre os indivíduos para a sobrevivência ecológica das sociedades que superaram a escassez, bem como para a manutenção da vida e do desenvolvimento cultural da maioria de seus membros.

O movimento *hippie* colocou-se frontalmente contra a sociedade que vive de necessidades criadas artificialmente (logo, contra o consumo); contrário à violência competitiva gerada pelo poder econômico e que termina fatalmente em guerra (“faça o amor, não faça a guerra”); e exibia publicamente esse amor numa forma de viver, comportar-se, vestir-se, criar, produzir e cuidar dos filhos que, para muitos, parecia um retrocesso ao assemelhar-se aos hábitos dos índios norte-americanos (o movimento surgiu em 1957, na Califórnia).

Entretanto, aquilo que o sistema burguês absorveu dos *hippies* promovendo, industrializando e fazendo ser consumidos seus símbolos exteriores não impediu que, hoje, despidos tanto dos hábitos burgueses quanto das exteriorizações *hippies*, a juventude do mundo insista ainda em comportamentos sociológicos característicos seus, como o combate ao machismo nos dois sexos, a aversão ao casamento legal, o abandono da noção de lar e sua substituição pela de comunidade, a busca de papéis semelhantes em direitos e possibilidades para homem e mulher na manutenção da vida doméstica e no cuidado e educação dos filhos, possibilitando maior liberdade social e profissional para a mulher. Somem-se a tudo isso as tentativas de relacionamento afetivo e sexual aberto ou múltiplo e a descoberta de que o desinteresse e a frieza sexual femininos ou a ejaculação precoce e a impotência masculinas são produto do moralismo machista da sociedade burguesa. E que desaparecem espontaneamente na mudança ideológica e na prática da vida libertária.

Essas e muitas outras coisas os jovens de hoje ainda sonham, buscam e praticam sem qualquer indicação aparente de uma unidade ou identidade, como aconteceu, por exemplo, com os cabelos compridos e as roupas *unissex* produzidos pelo movimento *hippie*. Para mim, em sua essência o movimento *hippie* é mais vivo hoje e bem mais nocivo ao conservadorismo social burguês do que o foi em 68, sobretudo por se ter tornado inconsumível, porque vive apenas de sua essência. Os *hippies* de hoje são os marginais criativos que nos diversos campos da vida pública nos parecem competentes ou geniais, mas, na verdade,

não passam de pontas do *iceberg* que somos todos nós, os protomutantes culturais, que sobrevivemos ao autoritarismo, sobretudo combatendo o próprio e descobrindo o amor libertário.

Nos últimos tempos o movimento feminista vem-se depurando do “feminismo burguês” ou do “feminismo machista” para centrar sua função política em dois pontos fundamentais: primeiro, a realização plena do orgasmo sexual vaginal, que é capaz de produzir na mulher o curto circuito bioenergético descrito por Wilhelm Reich como o meio biológico de renovação energética do soma (unificamos corpo e mente) para o verdadeiro amor, revelando nela seus potenciais criativos e lhe garantindo força física e moral para as lutas contra todas as formas de repressão à sua liberdade pessoal e social; o segundo, que Reich considerou a arma social capaz de realmente liberar as mulheres para a criação e para a produção de modo igual à do homem, além de se tornar a ação profilática mais importante contra a praga do autoritarismo transmitida e perpetuada pela família burguesa, é a criação das creches libertárias, ou seja, que funcionem em autogestão e da qual participem pedagógica e ideologicamente também os pais e, sobretudo, as próprias crianças.

As verdadeiras e libertárias feministas não competem com o homem, não desprezam o seu pênis, não prescindem do seu amor. O objetivo das feministas herdeiras de 68 é preservar e usar o conteúdo humano da condição da mulher, incluindo seu desejo de homem. Para elas, os pais também são “mães” das crianças. Mais que isso, elas estão seguras de que as crianças aprendem mais é com as outras crianças, sendo a função de todos, homens e mulheres adultos, protegê-las e permitir que se auto-eduquem, se

auto-regulem e se autogestionem socialmente, sem prescindir mas também sem depender de nós. David Cooper afirmou com clareza indiscutível: *Ninguém precisa de pai e mãe. Porém ninguém sobrevive sem os cuidados e proteção materna e paterna.*

A incompetência da ciência, ao justificar o preconceito da maioria contra a minoria em todos os campos em que os homens são desiguais, foi que levou — sobretudo a partir da década de 60 — o poder político burguês a recuar e não conseguir manter a discriminação contra os homossexuais. Os argumentos morais baseados em conceitos psicopatológicos não comprovados tornaram-se insustentáveis porque anticientíficos e, portanto, tão arbitrários e imorais como os que justificaram o racismo, na suposição da superioridade da raça branca sobre a negra que justificou a escravidão.

A diminuição do preconceito contra os homossexuais ainda não beneficiou o suficiente a vida social dessas pessoas, mas, sem dúvida, está permitindo que maior número delas seja menos preconceituoso em relação a si mesmo, o que já é um grande passo. Uma pessoa a mais, no mundo, que possa viver seu amor do jeito que ele é, em liberdade, aumenta consideravelmente a possibilidade da efetivação mais rápida e mais completa da mutação de que falamos. Nada pode impedir as mutações, e quando, por alguma razão, elas são por demais retardadas, a Natureza simplesmente extingue a espécie. Acredito que, para a Natureza, os melhores índices da efetivação das necessárias mutações que determina são a maior quantidade e a melhor qualidade do amor e prazer que a espécie libera e de que se utiliza para viver. Não foram uma explosão de amor em liberdade ou de

liberdade para o amor as barricadas efêmeras mas inesquecíveis de 68?

Para terminar, vou referir-me apenas ao que realmente interessa para mim no movimento ecológico que tanto cresceu nos anos 60 e se projetou hoje em nossa direção. Mas antes é preciso entender o que os ecologistas libertários entendem por ecologia: uma ciência que visa a proteção de todas as formas de vida no Universo, incluindo a do homem, mas não a partir do homem em si, e sim de como ele se organiza socialmente como parte do ecossistema a que pertence. Para os herdeiros de 68, ecologia não é apenas ambientalismo. Além disso, é muito mais que uma ciência biológica; para eles, a ecologia é também uma ciência política. Isso quer dizer que para salvar um ecossistema necessita-se de uma política ecológica, de uma sociologia ecológica, de uma ética ecológica, de uma organização comunitária ecológica, que cada um dos homens seja considerado tão útil e necessário à sobrevivência desse ecossistema como tudo o mais que estiver vivo, individual e coletivamente ali. Assim, como falar de ecologia num sistema social e político que explora, escraviza, mata e deixa morrer a maioria dos homens para a minoria acumular bens naturais de que não necessita biologicamente?

A juventude de hoje sabe que, nesse sentido, deve fazer o que fez a juventude de 68 em Paris, não confiando e não respeitando instituições, praticando a desobediência civil, partindo para as ruas e para as escolas gritando o seu amor à liberdade, seu ódio à repressão e ao autoritarismo, desprezando

lideranças autoritárias, desmoralizando os partidos ditos revolucionários e os sindicatos que existem para defender as classes oprimidas, mas que temem e condenam, como em 68 em Paris, essa ação libertária espontânea, para depois, passado o perigo, aderir por puro oportunismo.

Hoje, em todo o mundo, quem luta pela preservação da vida, do amor e da liberdade como coisas naturais e essenciais para a sobrevivência do nosso ecossistema, os herdeiros mutantes de 68, são em sua maioria os jovens anarquistas viscerais, militantes ou não, exatamente como eram aqueles jovens que percorriam abraçados as ruas de Paris, empunhando as bandeiras negras. Aquelles jovens envelheceram 20 anos e não são mais os mesmos, nem precisam ser, pois os que agora fazem desobediência civil, barricadas em defesa de seus sonhos aparentemente impossíveis, no pensamento, no coração e no sexo, nas ruas de Paris de cada um e em seus maços de 68 a 89 de todos os dias, já são mutantes em ação, são os espiões, os subversivos e os terroristas vindos do futuro. Já não realizam mais ação de massa, não fazem publicidade, não agitam bandeiras, não grafitam os muros, eles apenas fazem o amor como quem faz a guerra.

O ciúme, sentimento natural nas relações amorosas, transformou-se em instrumento do poder a partir do momento em que o homem passou a se sentir proprietário da terra, do que ela produz, dos animais e, depois, dos outros homens. Por ser o macho o condutor dessa apropriação, ele sentiu-se também proprietário da fêmea. Esta, através do mecanismo de relação sadomasoquista do tipo dominador/dominado, realiza uma espécie de contra-propriedade sutil do apropriado sobre o

apropriador sem que este sinta, assim, diminuído o seu poder.

Essa teoria, pela primeira vez publicada por Engels, refere-se ao fato de que, deixando de ser migrador e caçador, o homem se fixou na terra após ter descoberto a agricultura. Passando a possuir excedente de alimentos, passa também a ter poder sobre os que não o possuíam, incluindo a sua mulher. A partir do momento em que aprendeu a domesticar os animais para aumentar a produção de alimentos, estava preparado para o passo seguinte, que era escravizar e domesticar o próprio homem para aumentar ainda mais o seu poder. Assim teria nascido o desejo de apropriação, posse e domínio de uma pessoa sobre a outra. Essa é também a origem do capitalismo, do Estado e da família, segundo os antropologistas sociais, a partir de Engels e do pensamento marxista.

Há muita discussão sobre as pesquisas que deram origem a essa teoria, mas um fato é inegável e, para mim, é o que interessa agora: o ser humano desenvolveu um impulso de apropriação, de posse e domínio em qualquer momento de sua história ancestral. A mais grave e aparentemente apocalíptica consequência dessa atitude é a ameaça atual de extinção da espécie graças ao capitalismo selvagem em conflito com o socialismo autoritário e ao antiecológico suicida em que vivemos no Ocidente e no Oriente.

Tudo isso parece revelar que o capitalismo ou qualquer outra forma de poder de estado existente hoje constitui um acerto que acabou tornando-se erro no processo natural de fazer as coisas evoluir e se preservar ou involuir e se extinguir: erro e acerto, correção, menos erro mais acerto, correção, acerto que se vai tornando erro, correção, acerto e erro, correção... Assinalo como correção as mutações culturais e físicas.

Enfim, o que vale para mim, nesse tipo de reflexão com base

em pesquisas antropológicas, é não aceitar a possibilidade de o autoritarismo ter natureza primária no ser humano, como se fosse um instinto, espécie de parte do *instinto de morte*, criado por Freud. Para mim, justificando todas as minhas idéias, paixões e lutas, o autoritarismo é uma opção secundária, como o amor, que é seu oposto permanente.

Nessa linha de raciocínio chego à conclusão de que o capitalismo burguês é opção terciária, conseqüência direta da atual preferência do homem pelo autoritarismo em detrimento da ludicidade no amor. Assim, qualquer violência, crueldade ou crime seria impossível existir se não houvesse no plano social, institucionalizado, o autoritarismo e o desejo de apropriação, domínio e posse das coisas, das pessoas e de seus sentimentos.

Pesquisas definitivas revelaram que a espécie humana é a única na escala zoológica que insiste na liderança absoluta de alguns de seus elementos, com caráter de posse e dominação autoritária. Em outras espécies, mantém-se a competição não autoritária, baseada na competência específica para variadas situações, jamais ocorrendo lideranças fixas, o que equivale a dizer: autoritarismo.

Fica assim, creio eu, definida a origem e o mecanismo de ação do ciúme autoritário. E torna-se fácil entender a violência e a patologia que dele podem derivar. Porém, dizia de início, o ciúme pode ser um sentimento natural na espécie humana, mas, em nenhuma hipótese, se estiver desligado do autoritarismo, vai produzir por si mesmo comportamento violento e patológico.

Entendo que no instante da descoberta, ou quando passamos a fruir a máxima intensidade do encantamento e da

beleza num novo amor, a presença competitiva de outra pessoa em nossa relação com o parceiro é algo biologicamente inaceitável, porque perturbará o desenvolvimento de um prazer que não se completou e está necessitando ainda de espaço e tempo livres para atingir sua plenitude possível.

Mas entendo também que tendo o nosso amor atingido a estabilidade, e se outra pessoa deseja competir tanto comigo quanto com minha parceira, acredito que essa outra pessoa tenha todo o direito de buscá-lo em um de nós, bem como eu e minha parceira temos o mesmo direito de ser amados de novo e por outra pessoa. Além disso, creio ser necessário termos a certeza de que sempre haverá mais alguém podendo e desejando nos amar, mesmo quando estamos felizes com o atual parceiro. O amor não pode ser uma condenação perpétua, embora eu não descarte a possibilidade e o direito de que algumas pessoas o vivam assim, não como condenação, mas sendo esse tipo de amor um fato ecológico possível. O que não consigo entender é o amor *exclusivo e perpétuo* ser uma vantagem em relação às outras formas possíveis de amor.

Mas, como resolver a seguinte questão, que se abre nessas circunstâncias: a possibilidade e o direito ao amor e à liberdade simultaneamente?

Não conheço outra coisa para responder a não ser com aquilo que é visível nos outros animais e faz parte também, creio, da natureza do homem: a ludicidade. Ludicidade significa a capacidade de brincar e de jogar. E quem ama precisa saber brincar e jogar, para não cair nos jogos e brinquedos autoritários das pessoas que não são lúdicas e devem ganhar sempre, nem que para isso tenham de mudar as regras do jogo, roubar no jogo, destruir o jogo ou os próprios parceiros.

Só existe uma única regra na ludicidade que herdamos de nossa infância: a criatividade. Aliam-se sempre à criatividade outros fenômenos secundários: a espontaneidade, o talento, a capacidade de luta e a ética. Mas o que é a criatividade no amor? É simplesmente poder dispor de todos os nossos potenciais humanos liberados, estar o mais próximo possível de nossa originalidade única e vivermos auto-regulados, quer dizer, livres. Então, usar criatividade no amor e até em competições na relação amorosa, para mim, significa apenas ter e exercer *poder de sedução*.

Estou usando a palavra sedução no sentido positivo, ou seja, fazer-se agradar e tornar-se irresistível, através de atributos próprios, verdadeiros e sinceros, expostos e comunicados de maneira espontânea, sem outro objetivo que não seja o de ser admirados e amados pelo que somos mesmo. Assim, em qualquer tipo de competição amorosa, acredito ser legítimo o direito lúdico ao jogo da sedução que, além de poder resolver a questão a nosso favor, é coisa alegre, gostosa e divertida.

Quem vive ludicamente, mesmo no amor, tem o que os franceses chamam de *savoir-faire*, os ingleses de *fair play* e, no Brasil, costumamos designar hoje por *jogo de cintura*. Então quando, apesar de toda a sedução exercida, saímos perdendo, graças ao nosso jogo de cintura damos a volta por cima, sabemos perder com categoria. Depois, passamos a descurtir a dor da perda e partimos tesudamente para outra. Porém, como todo mundo sabe, isso é muito difícil de se viver em meios sociais

autoritários como o nosso, quando somente nós estamos sendo lúdicos, quando apenas a gente cultiva o *fair play*, cuja tradução literal para o português é *jogo limpo*.

Mas de uma coisa estou absolutamente seguro: se minha parceira preferir outra pessoa a mim, e isso for realizado através de um jogo sujo, se houver mentira, se ocorrer violência ou traição, vou logo constatar que, em verdade, não estou perdendo nada. A dor que devo estar sentindo é outra, não é dor de amor. A dor pela perda de alguém que se ama para outra pessoa que joga limpo, que soube exercer o seu poder de sedução, é um tipo de dor perfeitamente suportável e superável, porque é apenas dor de perda, coisa a que temos de nos habituar estando sujeitos permanente e impotentemente ao jogo limpo, porque natural, entre a vida e a morte. Porém, quando se sabe que o jogo não foi limpo, mesmo aquele entre a vida e a morte (perda de alguém que se ama por acidente ou crime), é algo quase insuportável e, às vezes, insuperável.

O ciúme, sem dúvida alguma, é um dos principais fatores que desencadeiam os maiores, mais trágicos e mais feios vexames de amor, sobretudo quando se trata de ciúme em relações autoritárias, que envolvem sempre a violência e a patologia. Começo a conhecer o ciúme que chamo de natural e que não existia para mim quando era jovem. Primeiro, porque fui educado para ser machista; segundo, porque se valorizavam naquele tempo como belas, embora pudessem ser trágicas, as situações de ciúme no relacionamento amoroso. Dizia-se que *quem não sente ciúme não ama*. Porém eu, para minha total vergonha e humilhação, jamais senti esse tipo de ciúme e escondia o fato tanto de meus

amigos quanto de minhas namoradas, fazendo muito teatro. Sempre havia uma peça de Shakespeare para eu não me sentir normal: primeiro *Romeu e Julieta* querendo que eu morresse de amor e depois *Othelo* querendo que eu matasse meu amor por ciúme!

Descobri, com o passar do tempo, não ser vergonha nem humilhação alguma não viver de forma machista, não querer morrer de amor e nem precisar enlouquecer e matar meu objeto de amor de tanto ciúme. Finalmente, me sentia capaz de sofrer toda a dor possível no amor sem envolver a morte nisso. Estava, assim, podendo sentir a dor do ciúme sem precisar perder a razão nem destruir a mim e aos outros. Enfim, eu já estava preparado para me defender dos riscos de aprisionar o amor, e não dos riscos do próprio amor. Isto significava que aprendera ser a liberdade o que se perde ou o que não se tem mais no amor quando ele acaba ou fica ameaçado. Estava também definitivamente claro para mim que o que falta é ludicidade para as pessoas, ao preferirem a morte e a loucura ao ciúme.

Agora, felizmente, acredito estar podendo sentir meu ciúme à vontade, sem tirar a liberdade de ninguém, porque desejo ter essa liberdade de gozar e de sofrer o meu amor como bem entender ou precisar. O mais difícil, e é só isso que me faz falta aprender antes que seja tarde demais, é guardar só para mim a dor do ciúme e não utilizá-la como instrumento para ferir e chantagear quem, no exercício pleno de sua liberdade, preferiu, ao meu, outro tipo de amor. Quando, na segunda parte do livro, estiver tratando mais detalhadamente dos vexames no amor, vai-se ver que essa exposição voluntária e chantagista da dor do ciúme é um dos

principais *vexames autoritários*, tão ao gosto dos machistas (masculinos e femininos), sádicos e masoquistas, dos incompetentes e dos impotentes para o amor não autoritário.

Já se observa entre os jovens de hoje que a vergonha e a humilhação são bem opostas àquelas do tempo de minha juventude. Quem consegue amor através do ciúme, do controle e dominação da vida e dos sentimentos do parceiro tem apenas o que se chama entre nós, brasileiros e amantes do futebol, de vitórias no tapetão; quer dizer, ganha mas não leva. Enfim, alguns jovens, decididamente, não sentem mais nenhum prazer no amor sem liberdade, porque é esse o amor dos que não conseguem deixar de ser escravos, mesmo se supondo senhores; nem deixar de ser também sempre e apenas medíocres na qualidade de seu amor comprado e ameaçado.

Não conheci pessoalmente dois homens de meu tempo que mais admirei e com os quais aprendi muito a entender a vida e os homens, mas, sobretudo, admirei sua forma de ser, o comportamento e a atitude como intelectuais. De um deles já falei aqui, o antipsiquiatra inglês David Cooper. O outro é o alemão Fritz Perls, criador da gestalterapia. Com ambos aprendi o jeito de me portar na condição de terapeuta, sem deixar de ser o homem que sou. Estou dizendo terem sido David e Fritz meus instrutores na coragem de dar os vexames que dei, dou e vou continuar dando por aí, por amor à minha liberdade de ser como pessoa, apesar de terapeuta, ou como terapeuta por não poder deixar nunca de ser neurótico.

Perls não se interessava muito por política. Era um homem prático, direto, alegre e corajoso. Conhecia-o apenas através de

filmes, *tapes*, comentários e livros, mas o fiquei conhecendo mesmo quando aprendi com seus discípulos o que significava realmente a gestalterapia. O fato de ele não se referir quase nunca ao social e ao político como fonte dos sintomas neuróticos fazia com que eu sentisse contraditória a sua liberdade de ser e a busca da liberdade individual implícita e explícita na teoria da Gestalt. Mas, aplicada da maneira por ele demonstrada na prática das sessões terapêuticas e em minha vida pessoal, o que Perls me ensinou tornou-se o que eu chamo o *jeito de ser somático*, isto é, o jeito com que, cotidianamente, para garantir nosso amor e nossa liberdade, temos de ir dando simpáticos mas escandalosos vexames nas relações cotidianas, pessoais e profissionais.

Sentia-me totalmente apoiado e avalizado por Fritz nos vexames que dava pela vida, sem querer; mas me sentia impossibilitado de produzi-los em meu consultório, nas relações com a neurose de meus clientes. O problema era saber se minha conduta escandalosa e radical derivava da atitude saudável em praticar um vale-tudo na guerra contra a neurose ou se, ao contrário, se tratava de vazamentos neuróticos quando me sentia ameaçado pela neurose dos clientes. Sabendo coisas da vida e do comportamento profissional de Fritz em seu atendimento, confirmei ser o meu e o seu comportamento uma metodologia sem dúvida marginal e insólita naquilo que se espera, habitualmente, de um terapeuta. Mas, por outro lado, absolutamente correta e eficaz na desmoralização do comportamento de certos neuróticos que usam e abusam da paciência dos psicoterapeutas, na intenção de restringi-los à função de suas babás. Assim, fui em frente, feliz, com o meu jeito de trabalhar porque, em verdade,

amo meus clientes, mas odeio suas neuroses ainda mais do que odeio a minha. E, como só venço a minha dando tremendos vexames, liberei todo o meu talento vexaminoso para cuidar e acabar com a deles.

Quero lembrar de uns vexames que ouvi contar serem os mais comuns no trabalho do Fritz e que se parecem muito com os meus. Foi fundamental para mim saber que ele se desligava dos clientes que o entediavam, de olhos abertos ou de olhos fechados, não ouvindo absolutamente nada do que diziam. Depois, com seu talento teatral, ele os embrulhava de algum jeito. Ou agüentava firme as conseqüências, se ficavam indignados por ter estado desatento ou dormindo enquanto lhe contavam, com grande dificuldade e emoção, seus graves problemas pessoais.

Perls afirmava ser o tédio o maior inimigo do terapeuta, coisa que deve scandalizar os psicanalistas. No momento em que se entediava, desaparecia nele a capacidade de amar e respeitar o cliente. Então, deixava o cliente falando sozinho, enquanto se renovava de prazer e energia viajando por coisas que lhe agradavam, como comer mentalmente uma torta de maçã ou tomar um banho de cachoeira, para depois voltar a atenção para o cliente, suficientemente disposto para dizer-lhe que estava sendo um chato, que seu blá-blá-blá era pura fuga terapêutica e que, por favor, fosse direto ao ponto.

Ele dormiu mesmo uma vez em que a sessão estava insuportável pela chatice paranóica e tediosa de um cliente. Conta-se que foi acordado violentamente por este, que o agarrava pelo paletó e dizia furioso não ter pago trezentos dólares para ele ficar dormindo durante a sessão. Perls tirou trezentos dólares da

carteira, devolveu-os ao cliente, pediu licença, ajeitou-se na poltrona e voltou a dormir. A história, do jeito que me contaram, tem um fim feliz, como a maioria das minhas semelhantes a essa, o que prova ser essa uma atitude realmente eficaz no tratamento da neurose quando se sabe que chatice e mau caráter não têm outro jeito de ser tratados em terapia. O cliente voltou algum tempo depois e Perls, surpreso ao vê-lo, perguntou se o outro não temia que ele dormisse de novo. O cliente não temia mais nada e foi logo falando de seu problema de impotência sexual, ficando curado em poucas e interessantes sessões. Interessantes para ambos, cliente e terapeuta.

Essa influência do Fritz no meu comportamento terapêutico criou-me muitos problemas, e eu sei que grande parte dos preconceitos que existem contra a *Soma* e contra mim como terapeuta derivam desses vexames. Sei que uma frase minha é mil vezes repetida nessas ocasiões, uma frase que sintetiza a liberdade de amar meu trabalho e minha ideologia, aprendida com a autenticidade humana de David Cooper e com Fritz Perls:

Alugo meu tempo e vendo meus conhecimentos científicos para quem quiser. Porém minha vida, meu prazer de viver e meu amor não estão para alugar e nem para vender.

Com o passar do tempo, meu comportamento terapêutico, hoje compartilhado por dezenas de somaterapeutas, tornou-se um conhecido vexame. Tanto no plano ético quanto no científico. Não estou aqui para discutir essa questão, mas para tornar público, sem intermediários mal-intencionados, alguns aspectos da atitude característica dos somaterapeutas em relação à neurose que eu

tenho orgulho de haver iniciado, devidamente avalizado e precedido por Reich, Perls e Cooper.

O primeiro e talvez um dos meus mais escandalosos vexames é trabalhar exclusivamente com pessoas que posso amar. Geralmente são as pessoas que chamo de protomutantes (hoje também designadas por coiotes). Elas intuem ou entendem ser o anarquismo político, aplicado na vida cotidiana, o verdadeiro e único instrumento terapêutico contra a neurose na sociedade burguesa. Isso resulta na rejeição direta e franca de inúmeros clientes já no primeiro encontro ou, o que também é bastante freqüente, a expulsão, pelo próprio grupo, de pessoas que evidenciam sua vocação e opção capitalista, burguesa e autoritária.

A experiência de quase 20 anos nesse ramo de pesquisas do comportamento humano me ensinou a distinguir com facilidade e precocemente a diferença entre neurose e mau-caratismo. Estou convencido de que mau-caráter não é passível de qualquer tipo de terapia, muito menos da *Soma*, que vê no mau-caráter o exemplo típico do autoritário oportunista e parasita que se beneficia do capitalismo, bem como representa a expressão direta da ética comportamental desse sistema.

Muitos se escandalizam com a absoluta falta de preconceito na *Soma* em relação ao homossexualismo masculino e feminino. Entretanto, o escândalo é idêntico quando percebem ser intolerável para quem faz Somaterapia qualquer arremedo ou caricatura do comportamento humano natural, como se observa no caso do machismo, do bichismo e do sapatismo. Nosso vexame está no respeito integral a qualquer forma de amor e na tristeza em relação a pessoas que, para amar de forma livre, abdicam, voluntariamente, da dignidade humana.

Duas são as principais críticas que recebo da parte de colegas, em suas opiniões sobre a *Soma*. Ambas estão certas, são justas, mas incompetentes. Sobretudo porque vêem a *Soma* pelas aparências, não a estudam e não conhecem sua metodologia. Então, condenam exatamente o que deveriam elogiar. A primeira crítica diz respeito ao fato de desestruturarmos a personalidade dos pacientes. É isso mesmo: desestruturamos tudo o que nele foi estruturado de modo errado, quer dizer, contra a sua natureza, impedindo o exercício espontâneo de seus potenciais afetivos e criativos. Depois, se o paciente quiser, pode ele próprio estruturar de novo sua personalidade, sozinho, graças à sua auto-regulação espontânea. Vários terapeutas que reestruturaram a personalidade de pacientes que abandonaram a *Soma* antes do final do nosso trabalho apenas devolveram-lhes a estrutura falsa, doente, deformada, que os adapta ao autoritarismo familiar, social e terapêutico.

A segunda crítica é consequência direta da primeira. Acusam-nos de não fazermos acompanhamento do paciente após a demolição de sua neurose, deixando-o abandonado à sua sorte. Sem dúvida: confiamos na capacidade auto-reguladora da vida humana, uma vez que a aliviamos daquilo que a bloqueia, divide e aprisiona. Em última análise, nós não gostamos de ser babás de ex-neuróticos. Infelizmente, existem pessoas que preferem viver na e da neurose e, para isso, são indispensáveis as babás terapêuticas, que lhes aliviam e perpetuam os sintomas.

Esses são alguns dos muitos vexames por amor à vida e à saúde das pessoas que vimos dando na *Soma*. Entretanto, dos nossos vexames o que mais me encanta é justamente o que mais nos caracteriza: nossa marginalidade no meio científico, acadêmico e político institucional. Já disse que são os anarquistas

que fazem o anarquismo, da mesma forma que, no caso da *Soma*, são os clientes que a constroem e a praticam. Logo, para que precisamos dos psicólogos, dos psiquiatras, dos Conselhos de Ética, da Universidade e do Ministério da Educação?

O que ficou do Fritz Perls de mais simpático, para mim, foi a sua *Oração da Gestalt*, que eu traduzi para o português, no começo da década de 70. Sinto-me orgulhoso e feliz quando a vejo publicada e repetida por aí, na forma que a coloquei em nossa língua. Vale, pois, lembrar um vexame dessa época. A meu pedido, um amigo artista plástico fez a arte de uma espécie de santinho, desses de primeira comunhão e missa de sétimo dia, com a cara sorridente de Perls dentro de um círculo oval, com seu nome, datas de nascimento e morte e, no verso, a *Oração da Gestalt*. Não esquecemos de pôr um pouco de purpurina nas bordas do santinho. Ficou lindo. Eu encontrava as pessoas, conversávamos e, na hora da despedida, tirava do bolso o santinho e o entregava como lembrança do encontro. Era *vexaminoso*, sem dúvida, a gente ria, mas tenho certeza de que a leitura daquelas palavras, apesar da brincadeira, fez algum bem às pessoas que as desconheciam e que nunca haviam refletido sobre suas vidas daquela maneira.

Eu faço as minhas coisas e você faz as suas. Não estou neste mundo para satisfazer as suas expectativas e você não está neste mundo para viver conforme as minhas. Você é você, eu sou eu. E se por acaso nos encontrarmos será maravilhoso. E se não, não há nada a fazer.

Alguns anos depois desse vexame, aconteceu outro, inspirado novamente no velho Perls e em coisas que dissera a meus clientes no encerramento de uma sessão de *Soma*. Não me

lembro exatamente das palavras, mas esse é um dos meus temas mais importantes quando trato de identidade, de como podemos saber o que somos em verdade: através do outro, das pessoas que nos amam e que amamos em liberdade, da forma como elas nos reconhecem, nos valorizam e nos criticam; é esse o único jeito de ficarmos mais próximos do que a natureza nos fez e do que podemos ser.

Dias depois dessa sessão, um cliente, não tenho mais agora a menor idéia de quem seja, entregou-me a oração do Perls seguida do que ele próprio classificou de *suposta continuação*, sem assinatura, data ou qualquer coisa que me facilitasse a identificação. O importante é que guardei o pedaço de papel. Recentemente, inventariando as coisas que guardara para este livro, encontrei-o e o reproduzo anônimo até que o autor se apresente:

*Se eu faço unicamente o meu
e tu o teu
corremos o risco de perdermos
um ao outro e a nós mesmos
Não estou neste mundo para
preencher tuas expectativas
Mas estou no mundo para me
confirmar a ti
Como um ser humano único para
ser confirmado por ti
Somos plenamente nós mesmos
somente em relação um ao outro
Eu não te encontro por acaso
te encontro mediante uma vida
atenta*

*em lugar de permitir que as coisas
me aconteçam passivamente
Posso agir intencionalmente para
que aconteçam
Devo começar comigo mesmo,
verdade,
mas não devo terminar aí:
a verdade começa a dois.*

Não acredito em sexologia, não trato dos problemas sexuais de meus clientes, embora eu os saiba sofrendo bastante pelas dificuldades de vida nessa área. Apesar disso, como discípulo de Wilhelm Reich, estou convencido de que é através dos bloqueios à sexualidade que se instala a neurose no soma (totalidade corporal) das pessoas. Ainda de acordo com Reich, sei não poder deixar de ser neurótica a pessoa que não viva orgasmos em quantidade e em qualidade suficientes para satisfazer seus impulsos biológicos e realizar o seu amor humano.

Supor haver contradição no que acabo de afirmar é a armadilha na qual costumam cair os que não se preocupam com a origem política dos sintomas neuróticos. Claro, entendendo-se por política a forma de compreender, participar e solucionar conflitos de poder na organização e funcionamento das relações humanas em sociedade. Dentro desse conceito, a política de que falo é a interferência no conflito fundamental do cotidiano das pessoas: *liberdade versus autoritarismo*. Nas relações amorosas, fraternas, produtivas, no acasalamento, na família e no trabalho.

Assim, a *Soma* optou, para economizar tempo terapêutico, pelo ataque direto ao coração do problema, trabalhando quase que

exclusivamente o conflito *liberdade* versus *autoritarismo*, e, agindo assim, confirmou a tese de que, uma vez protegida e garantida a liberdade pessoal, os problemas afetivos, sexuais, criativos e produtivos desaparecem.

Por essa razão, muito raramente escrevo ou falo sobre assuntos relativos a sexo. Para não perder tempo, sem dúvida, mas também para não iludir as pessoas. Recentemente, entretanto, concordei em dar entrevista sobre esse assunto para a revista gaúcha *Wonderful*, justamente visando explicar e difundir essa postura.

W. — *Quem é Roberto Freire, pessoa?*

RF. — *Talvez essa seja a coisa mais difícil, saber quem a gente é. Na verdade, não tenho mais nenhum interesse em saber quem sou. A vida vem me fazendo viver de muitos jeitos, como se já tivesse sido várias pessoas. Eu me sinto múltiplo. Quando se vive muito tempo e muito intensamente, acabamos por descobrir em nós potenciais de vida ainda não usados, por medo e por ignorância de nós mesmos. E não é a mesma coisa do que usar máscaras ou viver personagens teatralmente, como defesa ou astúcia. Quando superamos o medo de ser o que a gente realmente é, vai se surpreendendo com o que ainda dispúnhamos para ser. Talvez o melhor de nós mesmos é o que nos fazem mais reprimir. Mas, entenda, claro que a gente é um só, o que foi produzido geneticamente, mas tem também a parte que a vida nos ensina a ser, esta última de que falei. A gente vai se revelando aos pedaços e se modificando de tal forma a nos fazer pensar, quando chega a velhice, que fomos muitos homens diferentes durante a vida. O que sou hoje é quase o oposto do que fui na juventude. Acho que sou mais este velho.*

W. — *Mais ou menos como quando falas do amor*

multifacetado, mais nas mil maneiras de amar...

RF. — A gente é monogâmico só quando o amor está bom demais. Se ele fica bom, quer dizer, normal, a gente se torna logo poligâmico. Agora, quando está bom demais, não há como pensar em outras coisas, querer outras pessoas. Ficamos ali mergulhados naquela experiência, querendo aprofundá-la, vivê-la por inteiro. Isso deriva daquele negócio da gente, se quer a liberdade, não poder ser uma coisa só. Fritz Perls tem uma frase de que gosto muito: “Deus me livre das pessoas de caráter.” É que as pessoas de caráter são únicas, não mudam, não evoluem, têm obsessão pela coerência. E a vida não é assim. Na vida você tem de aparentar muita incoerência para poder viver todos os seus lados. Eu me sinto uma incoerência só, hoje em dia. E assim vivo muitas experiências, amo de mil maneiras mil pessoas, e sigo o que a Natureza me impõe. Sem entrar em um modelo, viver a moda, obedecer a padrões. Estou vivendo meus impulsos, minhas funções vitais que às vezes coincidem com as gerais e institucionalizadas, com as que foram classificadas; outras vezes, a maior parte das vezes, não, pareço maluco, dou vexames...

W. — E isso inclui alguma paixão?

RF. — Tenho várias ao mesmo tempo, atualmente. Estou vivendo uma fase diferente, interessante, porque me sinto muito disponível. Estive muito tempo preso a uma grande e exclusiva paixão e, depois que acabou, tive uma sensação de renascimento. Agora estou tentando viver envolvimento diferentes. Fico totalmente apaixonado pela pessoa que está a meu lado, na hora que estou com ela. E acontecem sempre coisas fortes e bonitas. E ficamos juntos o tempo que for bom para nós. Preciso de pessoas que não me cobrem fidelidade, nem continuidade, nem exclusividade. Gosto do namoro, do encontro, que propicia sexualidade original, lúdica,

alegre, descartável. Assim, a gente vive em permanente estado de descoberta, surpresa e encantamento.

W. — E como é tua relação com os amigos?

RF. — Eu sou muito apaixonado pelos meus amigos. A minha paixão por um amigo é quase igual à paixão por uma mulher. Eu os amo profundamente. Não tenho a menor dúvida de que a sensação de amor é a mesma. Eu acho que filho, amigo, irmão, amante é tudo a mesma coisa em termos de quantidade e qualidade de amor. Porque só existe mesmo um único amor, uma só forma de amar, uma única e só energia amorosa que nos faz amar de jeito diferente com cada pessoa, com o tipo de relacionamento que desejamos, livremente, ter com ela. A Natureza nos deu toda uma gama de possibilidades de exercer o amor que vai da genitalidade à espiritualidade. É muito bom poder viver toda essa gama de possibilidades amorosas com toda a gama de possibilidades de pessoas que vamos encontrando por aí...

Durante longo tempo da entrevista falei de coisas já escritas aqui, então, pulando um bom pedaço, chegamos a um ponto que vale a pena reproduzir:

W. — Essa relação de sexo com liberdade é interessante...

RF. — Antes de nos preocuparmos com nossa vida sexual, nossa vida afetiva, a gente devia se conscientizar se estamos livres, livres para dizer sim ou não. As pessoas fazem sexo, fazem amor e se sentem envolvidas com pessoas a quem elas estão dizendo não intimamente, mas se sentem obrigadas a ficar com elas e fazer tudo o que elas pedem, inclusive em matéria de sexo. Então o mais importante a resolver é a gente procurar estar preparado para dizer sim ou não, quando sente, respectivamente, sim ou não. Quando você diz sim para alguém que deseja se relacionar sexualmente com

você e está sentindo esse sim inteiro dentro de seu desejo, de seu sentimento, então a Natureza, o que mantém as coisas vivas e funcionando de modo harmonioso dentro de você, vai fazê-lo exercer sua sexualidade livre e prazerosamente, sem nenhum impedimento, dificuldade ou medo. Nessas condições, será impossível ocorrer frigidez sexual e vaginismo na mulher bem como impotência e ejaculação precoce no homem. A idéia em que me baseio, provada cientificamente, é que existe uma auto-regulação espontânea em nosso organismo, para que todas as funções vitais, incluindo a sexual, funcionem natural e espontaneamente. Quando o homem nasce, está pronto e apto para viver todas as suas funções vitais, como respirar, pensar, amar, fazer sexo, se alimentar. Não precisamos aprender a buscar nosso prazer com ninguém. Mas para a auto-regulação funcionar é preciso que não haja em você nenhuma trava emocional, psicológica e física. Acontece que a educação autoritária nos enche de travas. E a trava principal é quando a gente realmente gosta de alguém não poder sair correndo atrás dela dizendo eu te amo, te adoro, te desejo. Da mesma forma, quando a pessoa de que você não gosta está a fim de você, seria importante você pode dizer eu não quero, não gosto assim de você, não estou a fim. O problema é que não conseguimos nem dizer nem ouvir isso normalmente, sem nos parecer violência, ofensa, rejeição.

Claro, falando de sexo, não poderíamos evitar certas posturas absurdas e reacionárias da Igreja Católica. E o assunto entrou em pauta na entrevista, quando eu dizia o seguinte:

RF. — A sexualidade acontece de modo natural, é espontânea e o amor nasce dessa necessidade de aproximação entre as pessoas, com duas finalidades: a procriativa e a do encantamento.

W. — Para a Igreja só existe a necessidade procriativa...

RF. — E a vida permanece graças à procriação que deriva desse encantamento. Agora, o homem não sobrevive pela procriação, ele vive e sobrevive pelo encantamento. Mesmo entre os animais a procriação é importante, mas as espécies não permanecem porque procriam, mas porque têm prazer em permanecer. Se não têm prazer em permanecer, não adianta procriar. O que adianta é viver o encantamento derivado do prazer sexual. O ser procria em alguns minutos e, depois, como suportaria os outros milhões de minutos após a procriação?

Fatalmente cairíamos na questão da homossexualidade. Tenho me recusado ultimamente a responder a perguntas sobre esse assunto, porque sempre são acompanhadas de outras ligadas à AIDS, fazendo com que qualquer resposta se acabe tornando tão preconceituosa e reacionária quanto as perguntas, e eu acho que esse tipo de diálogo não ajuda a esclarecer nenhuma das duas questões. A meu ver, elas só devem ser tratadas em separado, porque a homossexualidade faz parte da condição humana e a AIDS é apenas um embuste, embora trágico, forjado por interesses políticos e financeiros no campo da saúde pública. Recentemente, esse embuste começou a ser denunciado e revelado. Sabe-se, com segurança, que AIDS não existe como uma doença isolada, não se comprovou ainda satisfatoriamente ser o vírus HTLV3 o seu causador. É bastante suspeito também o fato de receber *royalties*, em cada teste feito para a sua localização, o cientista que o isolou. Em verdade, as pessoas que estão morrendo e rotuladas como portadoras de AIDS possuem várias doenças debilitadoras do sistema imunológico do organismo como depressão psicológica, alcoolismo, desnutrição e dependência a drogas e, por interesses científicos e políticos inconfessáveis, pelo menos por enquanto, continuam sendo anticientífica e antieticamente classificadas de

modo discriminador, visando sobretudo imobilizar a liberdade no sexo e no amor.

Antes de voltar à entrevista, quero relatar um episódio real sobre homossexualismo que, devido à inteligência brilhante de seu protagonista, ajuda a entender os aspectos políticos reacionários, tanto os relativos ao homossexualismo quanto à AIDS.

Leonard Matlovich, membro da Força Aérea Norte-Americana, foi condecorado por sua atuação no Vietnã. Posteriormente foi expulso da corporação por homossexualismo, em 1975. Depois de cinco anos de batalhas nas cortes americanas, recebeu uma indenização de 160 mil dólares da Força Área. Leonard ficou famoso por esta frase, com a qual resumiu o episódio:

A Força Aérea me condecorou porque matei dois homens no Vietnã e me expulsou por amar um.

Ele morreu de AIDS, em Los Angeles, aos 45 anos de idade.

RF. — A noção comum sobre o homossexualismo tem de ser refeita. Pelos valores tradicionais, homossexualismo é um defeito na pessoa humana, uma doença, uma perversão, uma tara. Agora, como provar isso? A única coisa que se sabe com segurança é o fato de sempre ter existido um número de pessoas que prefere viver sua sexualidade dessa maneira, com as mesmas dificuldades no plano afetivo que os heterossexuais. De novo volta-se ao problema da liberdade, também quando se fala em homossexualismo: cada um tem o direito de usar o seu corpo da maneira que lhe der mais prazer e poder atender assim a seus impulsos naturais. Importa é que todos os atos humanos sejam de inteira responsabilidade de quem os pratica. Mesmo o suicídio deveria ser entendido dessa forma, como um ato livre e de exclusiva responsabilidade da pessoa

que optou decidir sua vida dessa maneira. Eu não teria dúvida em afirmar hoje que prefiro o suicídio a qualquer restrição essencial à minha liberdade de ser e viver de acordo com a minha natureza original e única. Digo isso porque sei ser a neurose, a loucura e a mediocridade o resultado de qualquer conciliação nesse campo.

Quando a conversa voltou para a AIDS, em qualquer momento, afirmei enfaticamente:

RF. — É lamentável que o ser humano seja agora assim atingido naquilo que ele mais precisa liberar, que é o amor e a sua sexualidade. Acho, sinceramente, que eu prefiro morrer de AIDS a viver em solidão. Prefiro morrer de qualquer excesso a morrer de qualquer contenção.

Depois, para finalizar, a entrevista entrou num pingue-pongue, do qual ainda se podem selecionar algumas coisas, como estas:

W. — E como você vê a educação sexual nas escolas?

RF. — É um absurdo ensinar sexo para as crianças, porque elas sabem, quer dizer, estão prontas para fazer sexo no momento em que realmente necessitem disso. O que é preciso é ensiná-las a ser elas mesmas, para conseguirem ter uma sexualidade livre. Os corpos das crianças sabem fazer sexo. O que não sabem é como, mais tarde, vão conseguir sobreviver economicamente numa sociedade autoritária, sem se vender, sem se prostituir, mesmo sexual e afetivamente.

W. — Como você vê a liberação da mulher?

RF. — A mulher não pode ser dependente, submissa ou diminuída em relação ao homem. Acho um absurdo se usar a anatomia para explicar o comportamento do homem e da mulher,

usar a anatomia como justificativa para comportamento psico e sociológico. Só porque a mulher tem o sexo invaginado e o homem o tem penetrante, isso estaria indicando que é o homem quem produz o prazer na mulher. Isso não é, absolutamente, verdade científica. A mulher, quando se faz livre, só sente real prazer se ela também produz prazer no homem, não apenas por recebê-lo. A relação de privilégio, poder, dominação de origem fálica, tem de desaparecer. Todas as curas que fiz em mulheres anorgásticas foram obtidas após essa conscientização. Assumindo uma função ativa na relação sexual, elas conseguem seu orgasmo indo buscá-lo, elas próprias, no corpo do homem.

W. — Enfim, qual é a melhor maneira de se fazer sexo? Como atingir a felicidade sexual?

RF. — Simplesmente conseguindo ser você mesmo e identificando-se com o que você é em seu corpo todo, em seu soma, não dividido, sobretudo em cabeça, tronco, membros e sexo. E aprendendo a enfrentar todas as dificuldades que se apresentam contra isso. Ser livre é muito mais difícil do que alcançar o prazer sexual. Existe um certo tipo de prazer sadomasoquista que é fácil de alcançar. É o jeito como gozam os escravos, os neuróticos, os medíocres e os poderosos. A repressão sexual nas crianças e nos jovens não visa diminuir-lhes o prazer em si, mas, sobretudo, de modo indireto, o que se pretende é mesmo reduzir sua liberdade, para ser mais fácil dominá-los e conduzi-los.

W. — Nisso tudo, onde fica o amor?

RF. — A maioria das pessoas tem uma visão estreita e conformada sobre o amor. Pra se viver um amor inteiro, livre e nem um pouco sadomasoquista, sem nenhum sacrifício, é preciso ter a coragem do ridículo, de assumir coisas aparentemente absurdas e incomuns. Porque cada um tem uma forma original e pessoal de

amar, se é realmente livre. Eu sou um romântico, não há nada a fazer, só sei ser assim. Mas ser romântico hoje é ser ridículo. Então, sou ridículo, assumo, proclamo, dou vexame e fico com a sensação de que a beleza e o amor são uma só coisa. Só nesse meu romantismo consigo perceber a beleza da vida, quando estou amando.

Terminava de fazer esse resumo quando me lembrei de um pensamento meu que devia estar no roteiro para o filme *Coiote*, mas não coube ali. Então resolvi usá-lo para fechar estas reflexões:

A sobrevivência dos homens depende mais da paixão pelo belo do que lutando contra o mal. Em outras palavras: o bem não existe. A oposição ética fundamental é entre o belo e o mal.

Talvez não caiba aqui também, mas eu gosto de ter pensado isso quando refletia sobre sexo. Vai ficar aqui mesmo.

Sobre a liberdade e a ludicidade no amor, a melhor frase que conheço é a de David Cooper, o pensador mais importante de minha geração, porque libertário, apaixonado e *vexaminoso* como ninguém. Infelizmente não o conheci pessoalmente, mas foi com ele que aprendi a gramática da vida. Consola-me um pouco o fato de o jornal *Folha de São Paulo* ter registrado a notícia de sua morte numa pequena matéria com o seguinte título: *Morreu David Cooper. No Brasil, só Roberto Freire lamenta.*

“Fazer amor é bom em si e quanto mais isso acontecer de qualquer modo possível ou concebível entre tantas pessoas

quanto possível e o maior número de vezes possível, tanto melhor.”

Para se falar de vexames no amor é necessário primeiro confrontar a *ideologia do prazer*, criada pelos anarquistas somáticos, com a *ideologia do sacrifício*, proposta pelo catolicismo, pelo socialismo autoritário e pela psicanálise: nem paraíso celeste, nem paraíso comunista, nem paraíso psicológico. Não acreditamos estar possuídos e dominados pelo pecado original, por qualquer tipo de infantilismo político nem por um instinto de morte primário. Só existe um instinto primário: o da vida. E sua realização, em todos os planos de existência, é o que chamamos prazer. Só a patologia aceita buscar o prazer através da dor. Conviver com a dor natural de viver é a garantia para sentir o prazer natural da existência.

O anarquista somático não se sacrifica por nada e por ninguém, simplesmente porque nada ou ninguém precisa disso. Todo sacrifício é feito com segunda intenção, é um pacto de mediocridade, algo que se cobra com juro bem altos. Logo, a ideologia do sacrifício é fruto do autoritarismo e o favorece de forma disfarçada. Só o ato prazeroso é realmente livre, sincero e espontâneo. Só no ato prazeroso o amor serve apenas para se amar.

Não se pode esquecer também que os vexames no amor são produzidos através de um ato de libertação comandado pelo tesão de viver. Essa, a sua maior beleza.

Assim, fica claro que existem dois tipos de vexames bem

distintos, opostos mesmo: o vexame libertário, o que nos livra do autoritarismo para podermos fruir o amor em liberdade; e o vexame autoritário, o que escraviza e nos obriga a optar pelo amor ou pela liberdade. Não é desse segundo tipo de vexame, comum nas relações amorosas autoritárias, que estamos falando. Ao contrário, é com os vexames libertários que nos livramos da possibilidade de utilizá-lo ou dele nos tornarmos vítimas.

Desejo, pois, caracterizá-lo bem para evitar confusões. Típicas do vexame autoritário são as chantagens, coisa própria da ideologia do sacrifício. Refiro-me à ameaça de se retirar o amor caso o desejo de posse e de dominação não estiver sendo atendido pelo outro parceiro. Com medo de perder o amor, o chantageado se submete, se sacrifica, perde sua liberdade e torna-se dependente.

Essa chantagem só funciona, claro, se foi possível desenvolver amor intenso no parceiro que se vai chantagear. Ela pode ser completa, direta, clara. O vexame, nesse caso, se caracteriza por escândalos e violências.

O outro tipo de chantagem indireta, sutil, parcial é aquele que, de início, produz confusão emocional e foi identificado como sendo o principal fator na gênese da neurose e da psicose na pessoa atingida. Esse comportamento é chamado *duplo vínculo*. Nesse processo chantagístico passamos para o parceiro um sofrimento evidente sempre que ele não atenda ao nosso desejo, expresso ou não, mas por nós mesmos disfarçado, de modo que a outra pessoa acaba se submetendo à nossa vontade em razão do remorso e do sentimento de culpa que acaba sentindo, apesar de insistirmos, com as palavras, que está tudo bem.

O vexame, no duplo vínculo, são as atitudes melancólicas, deprimidas, angustiadas, ansiosas, cuja causa nós sabemos qual é, mas o chantagista a nega até o momento em que o parceiro se submete; então os sintomas desaparecem como por encanto.

O vexame autoritário é a grande arma dos pais e dos amantes, na vida familiar e nos acasalamientos, para a instalação e a manutenção da sociedade autoritária, bem como a fonte do amor medíocre que, em lugar de ser naturalmente um prazer, se torna patologicamente um poder.

Os vexames libertários são ridículos, sem dúvida, mas possuem certo encanto, apesar de tudo. Isso não quer dizer que jamais eu tenha praticado vexames autoritários. Fui formado para isso, sou um velho e jubilado neurótico que está apenas tentando regenerar-se. Entretanto, possuo alguns exemplos de vexames libertários dos quais me orgulho e que podem servir de ilustração para a intenção fundamental deste trabalho: denunciar e desmoralizar o vexame autoritário e ser um hino de amor e glória ao vexame libertário. Com uma intenção: se as pessoas começarem a trabalhar cedo nesse sentido, quem sabe algumas consigam viver de fato o que lhes estava reservado como reais e naturais possibilidades de amor?

Como a alegria, a beleza é fruto do prazer. Para o anarquista somático a arte também é considerada uma forma natural de terapia. Só existirá beleza no exercício do prazer. Infelizmente há muita mistificação nesse campo. Não foi o sofrimento pela surdez e pelos padecimentos amorosos que propiciaram a genialidade na

obra de Beethoven; foi o imenso prazer que sentia em seu amor pela música e pelo ato criador.

Não há nada mais incômodo, desagradável e perturbador para uma sociedade autoritária, e sob a ideologia do sacrifício, do que um homem alegre. A alegria é uma agressão e ofende porque provoca inveja e rompe pactos de mediocridade. O homem saudável é revolucionário e alegre. A beleza pode ser, ao mesmo tempo, raiz e fruto do prazer. Só o prazer nos dá (com o contraponto da dor) o sabor da vida.

Só nos sentimos capacitados a dar vexames no amor quando estabelecemos uma relação sadia com as pessoas. A saúde é a verdadeira ética dos anarquistas somáticos. Portanto, não ser sincero é essencialmente não ser anarquista.

Não poder ou não querer exercer a sinceridade significa estar paralisado pelo medo ou movido por um jogo de interesses autoritários, por nós designado *pacto de mediocridade*: não serei sincero com você; em paga, não seja sincero comigo, assim encobriremos nossas verdades e o fracasso da relação não será atribuído a ninguém. Enfim, um jogo medíocre, doente, neurótico, nivelando as pessoas por baixo e boicotando a dinâmica e a liberdade no amor.

O anarquista somático não pode ser um neurótico, ele conhece e evita todos os pactos de mediocridade que o cotidiano em grupo lhe prepara, na forma de armadilhas psicológicas, mas de caráter moral e natureza política: medo, covardia, hipocrisia, impostura, mentira e traição. Todas, evidentemente, disfarçadas e perdoadas através dos pactos de mediocridade.

Um certo medo da natureza é biologicamente necessário se conscientizamos os riscos a que se submetem os animais para garantir a sobrevivência. Por outro lado, é impossível sentir o prazer da liberdade, como nos instantes dos vexames no amor, sem assumir riscos na realização de nossos desejos animal e humano. Busca-se o mínimo de segurança para sentir o prazer de ser livre. O equilíbrio instável e dinâmico entre vivermos mais riscos que segurança caracteriza e garante nossa liberdade. A sociedade autoritária combate o risco e aumenta a segurança visando diminuir a liberdade das pessoas.

O medo do risco é que não nos permite dar os indispensáveis e belos vexames libertários. Usando o mesmo sistema de domesticação animal, a pedagogia autoritária instala nas crianças a âncora de um duplo medo, submetendo-as à autoridade: o medo da dor na punição (física, mental e afetiva) e o medo da ausência do prazer (físico, mental e afetivo) pela não recompensa. Esses dois medos reforçam-se mutuamente, levando à inação, ao não-risco, à não-liberdade e à submissão. O anarquista somático luta, fundamentalmente, contra o medo paralisante das três fontes energéticas para a vida orgástica, que são a afetividade, a sexualidade e a criatividade. A realização dessas três formas de prazer garante energia suficiente e livre em nosso corpo para lutarmos e conquistarmos a liberdade. O medo é o contrário do orgasmo. Sem vexame não há tesão. Sem tesão não há solução.

SEGUNDA PARTE

“Barbaridade

Isso é bom que mete medo

E se mete medo é bom

Isso é bom barbaridade.”

Do cancionero popular

Meu caso de amor com Marília Pera

Teatro Hilton, em São Paulo, 1987. Sala lotada. Chegamos atrasados. Nos arranjam cadeiras extras. Marília Pera, cenário exposto, está sentada num praticável à boca de cena, conversando com a platéia. Era assim que abria o espetáculo *Brincando em cima daquilo*, de Dario Fo.

Marília Pera e Fernanda Montenegro são as duas atrizes brasileiras que mais me produzem prazer, alegria e beleza; portanto, tesão, segundo eu mesmo. Fernanda é antiga e querida amiga. Marília eu não conheço pessoalmente, nem fiz força para isso. A genialidade de sua criação, além do encantamento amoroso que me produz, parecia bastar-me.

Entretanto, naquela noite, algo de novo e misterioso aconteceu dentro de mim. Quando Marília resolveu terminar a conversa e começar o espetáculo, perguntou:

— Alguém quer dizer mais alguma coisa? Ergui-me como um autômato, para espanto tanto meu quanto de meus amigos, e gritei, lá do fundo do teatro:

— Marília, eu te amo!

Risos e aplausos. Tremendo muito e emocionado, sentei-me rapidamente. Estava orgulhoso de mim mesmo. Mas, para meu grande espanto, Marília me reconheceu, falou do meu trabalho e a platéia aplaudiu-me também. A certeza do anonimato foi o que, certamente, me dera aquela doce coragem. Aí, então, senti muita

vergonha, mas logo passou, diante do fenômeno artístico e humano que foi a interpretação de Marília Pera representando de modo mágico e comovente diferentes mulheres naquele espetáculo, no qual contracenamos juntos pela primeira vez.

De quando me apresentei com Milton Nascimento

Vivia numa comunidade anarquista em Estocolmo, na Suécia, durante a primavera de 1988. Um querido amigo brasileiro, Fernando, que mora lá, servia-me de guia pela cidade, sobretudo durante a noite, sempre banhada pela luz do sol, até às três da madrugada.

Assim ia me ensinando a descobrir o amor *viking* a que eu assistia explodindo quase nu e exposto pelas ruas, pelas margens do rio, à beira dos lagos, nos jardins e nos parques de Estocolmo. Na Escandinávia, talvez porque o calor dure muito pouco, é onde se vê e se prova a relação profunda e gostosa que existe, naturalmente, entre o sol e o amor.

O trabalho e a atividade política na comunidade libertária serviam de lenitivo e distração para uma dor de perda afetiva que me parecia incurável, mas que, com extrema paciência e habilidade, conseguia esconder dos companheiros e dos desconhecidos. A amizade cúmplice de Fernando ajudava-me a ir fazendo a necessária *catarse* dessa dor que, às vezes, parecia inundar-me e ameaçava transbordar.

Estou falando do fim de um relacionamento amoroso muito forte, muito bonito, muito importante. Juntamente daqueles que nos parecem eternos. Fim que veio de fora e não de dentro de mim e, sobretudo, à minha total revelia. O mais doloroso de tudo era a

saudades do que vivera enquanto esse amor durou e me encantou, renovando minha vida e ressuscitando meu corpo.

Enfim, disfarçava com um comportamento alegre e produtivo, o ressentimento da rejeição, o luto da perda. A Escandinávia e seus hábitos completamente diversos dos nossos, porque tranqüilos, comedidos, lentos, discretos e aparentemente frios, ajudavam-me nesse inútil disfarce, procurando imitá-los.

Um dia Fernando me trouxe a notícia: Milton Nascimento estava em Estocolmo e se apresentaria em espetáculo no dia seguinte. Marcio, seu produtor e meu amigo, nos arranjou os convites, pois o *show* já estava todo vendido. Conhecera Milton recentemente, num trabalho que realizáramos juntos para a televisão francesa. Mas a admiração por ele era antiga, profunda e plena de mistérios. Suas músicas e seus cantos produziam em mim algo muito perturbador e especial, não sabia explicar por quê. Posso dizer mesmo que, de tanto ouvi-lo, fiz com que a voz, o timbre, o jeito de cantar representassem para mim o som, o timbre e a harmonia de muitos de meus sentimentos, de minhas emoções, os mais contraditórios e os mais apaixonados. Claro que ele não podia saber de nada disso e eu não imaginava a força que essas antigas e delirantes identificações teriam dentro de mim naquele momento de minha vida.

Bem, mas o meu lugar no teatro era privilegiado, bem à frente e quase ao lado de onde o Milton cantava. Fernando ficou mais atrás, com alguns amigos suecos. E o *show* correu lindo, perfeito, com um Milton diferente, mais solto, mais alegre, mais — ousou dizer — ele mesmo. Então, de repente, ele começa a cantar, com algo na voz muito conhecido e bastante freqüente em suas antigas interpretações:

— *Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver...*

Era *Travessia*. Até que eu não sou muito ligado nessa música. Mas estava tudo ali: o tom sentido e lamuriante, mas sincero e corajoso, de quem sente quando se perde um amor, do jeito que fiquei quando muitos anos atrás, por idêntico motivo, escrevi isto:

*Há momentos em que se sente
que a vida pode ter fim
antes da morte da gente.*

O pranto veio todo, forte, ininterrupto, de tal modo intenso que competia, também pelo volume e, sobretudo, devido à posição em que eu estava, com o sons da orquestra e com a voz do Milton.

Fernando me acudiu e logo, me abraçando, chorava também, empurrado por mim no tobogã de suas próprias emoções. E lá estávamos nós, dois escandalosos brasileiros, perturbando o *show* de um compatriota diante do atônito e desprevenido público escandinavo que, certamente, preferia o canto do Milton à nossa improvisação serial e dodecafônica, ao estilo das carpideiras árabes. Ouvi muitos *psius* bem educados em sueco, em finlandês e em norueguês, bem como *Que vexame! Só pode ser brasileiro...* em bom e indignado português.

Eu te amo, eu te sinto, eu te vivo

A maior paixão platônica de minha vida foi, sem dúvida alguma, a cantora francesa Edith Piaf. Eu a ouvia no rádio desde menino e, mais tarde, em discos que meu pai comprava em suas viagens ao exterior.

Não entendia uma só palavra das letras que cantava, porém o timbre, a sonoridade e, sobretudo, o tom emocionado da voz de Piaf produziam em mim uma sensação deliciosa e muito estranha. Eu me sentia fascinado, encantado e melancólico ao mesmo tempo.

Esses elementos, associados em proporções diferentes em cada canção, sempre me faziam sonhar, viajar e fantasiar algo romântico e triste, patético e misterioso. E me reportavam também para o estrangeiro, para longe, para experiências desconhecidas ou ainda irreveladas. Porém originadas, ligadas e destinadas ao amor, à relação homem e mulher. Pareciam coisas lembradas ou desejadas com paixão e muita dor. Sempre me excitavam pela intensa sensualidade e, sobretudo, pela beleza, mas uma beleza que eu só pude pressentir em minha adolescência.

Essa era a minha Edith Piaf até que, me 1953, fui morar em Paris. Dos sonhos fundamentais que pude realizar com essa viagem um foi ver Edith Piaf cantar. E isso aconteceu inúmeras vezes. Meu deslumbramento foi total. Especialmente porque passara a entender as letras de suas canções. Descobria, então,

serem suas palavras iguais à sua voz. Logo descobria a razão: os poetas, apaixonados por Piaf como eu, escreviam declarações de amor para ela cantar.

Muitos anos depois, eu a vi cantar em São Paulo. Primeiro num teatro, depois numa boate. Na boate ocorreu o vexame que desejo contar. Numa mesa ao fundo da sala esperava emocionado o início do *show*.

De repente, em meio à penumbra do lugar, descubro Edith Piaf vindo em nossa direção, a caminho do palco, sem ser percebida ainda pelo público. Fiquei petrificado de emoção, por tamanha proximidade de meu amor. Ela caminha com cuidado e passa pertinho de mim. Então, como se a tivesse em meus braços, derreto a voz e faço sair do fundo de mim, carregada de toda a velha e encantada paixão, este sopro: “Edith!”

Acho que, naquele instante, aconteceu com Piaf exatamente o que sempre ocorria comigo quando a ouvia cantar, antes de aprender o francês. O tom apaixonado de minha voz, a inflexão íntima, o jeito cúmplice de pronunciar seu nome em bom sotaque parisiense devem ter produzido nela a sensação fantástica de inesperado reencontro, assim tão longe de casa, de alguém muito querido, alguém que supunha perdido para sempre. Piaf ficou um instante imóvel. Voltou-se devagar, certamente curiosa e temerosa ao mesmo tempo. Olhou-me sorrindo. Os lábios foram murchando e eu a vi com aquela expressão arrasada e triste das suas interpretações mais patéticas. Suspirou fundo. E lá se foi para o palco e começou a cantar, com aquele seu jeito de pardal molhado de chuva, o *Hino ao Amor*.

Piaf viveu toda a glória que um artista pode sonhar. Teve muitos amores, porém todos de curta duração, deixando-a muito infeliz, desgraçada mesmo, depois que terminavam. Com mais de

60 anos, muito doente, dependente de drogas, vítima de gravíssimos acidentes de automóvel, apesar de tudo isso, Piaf ainda tentava cantar. Uma vez desmaiou no palco, em meio a um concerto e pareceu-lhe que a carreira estava terminada. Tinha muitas dívidas e sentia-se abandonada por todos os amigos e admiradores.

Um dia recebeu a visita de um jovem e belo cantor grego, de pouco mais de 20 anos, que se declarou perdidamente apaixonado por ela. Permanecendo a seu lado, o jovem deu-lhe todo o amor e companhia de que necessitava para ressuscitar.

A doença incurável se agravava, mas ela podia contar com a força vital daquele último amor e, assim, ainda fez um último concerto, no qual cantou, junto com seu jovem amante, uma canção feita especialmente para os dois: *Para que serve o amor?*

Eu estava nesse concerto, em Paris. Não dá para transcrever a emoção que senti ao vê-los juntos no palco. Não era a eles, exatamente, que nós, da platéia, aplaudíamos delirantemente e em prantos, mas sim ao amor, ao nosso amor, esperado, ganho ou perdido.

Logo depois, Piaf morreu. Mais tarde, necessitando de codinome para escrever cartas a uma pessoa que tive de amar secretamente, eu me assinava Teo Sarapo, o nome do último amante de Piaf.

Esse amor secreto, quando acabou, levou-me a um desespero piafiano. Sentia-me como um drogado e dependente de *morfina* de quem se tira subitamente a droga. Os médicos chamam isso *síndrome de ausência*: angústia profunda, dores corporais e viscerais generalizadas, ansiedade intensa na busca e expectativa da droga, desespero por sensação de iminência da morte. Alguns cientistas acreditam mesmo na existência de substâncias

químicas no organismo que são secretadas em grande quantidade quando as pessoas estão apaixonadas, as *endorfinas*, que causam dependência e, depois que o amor acaba, *síndrome de ausência* semelhante à produzida por drogas químicas como a *morfina*.

Como acontece com os dependentes, custei a recuperar a saúde e, apesar disso, já recomeço também, como todos os viciados no amor, a produzir vexatoriamente grandes quantidades de *endorfinas*. Mas durante o período dos vexames resultantes da minha *síndrome de ausência*, passava horas ouvindo Leo Ferré cantando e descrevendo a dele numa canção chamada *A carta*, dirigida à mulher que acabava de abandoná-lo.

Sua sombra está aqui sobre a mesa.

E inexplicavelmente, o sol nascente

vai apagando a minha lâmpada

e não a sua sombra.

Eu sei que você está aqui.

Você nunca me deixou, nunca.

Tenho você dentro de mim,

bem no fundo, no sangue.

Você corre em minhas veias,

você passa por meu coração

e se purifica em meus pulmões.

Eu te amo, eu te sinto, eu te vivo.

Na última vez que vi a pessoa que amei tanto e desesperadamente assim, o vexame foi outro, em sentido inverso, mas puro amor também. O que lhe disse lembra-me outra canção, de Danilo Caymmi e Ana Terra:

Se um dia você for embora

não pense em mim

*que eu não te quero meu
eu te quero seu.*

*Se um dia você for embora
vá lentamente como a noite
que amanhece sem que a gente saiba
exatamente
como aconteceu.*

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecer novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

O sino no pescoço da Globo

Meu amor à música popular proporcionou-me inúmeras oportunidades de servi-la, sempre na condição de coadjuvante, de um modo que me orgulho e envaideço ao recordar.

Fui jurado de quase todos os festivais de música popular brasileira, desde o primeiro, na Televisão Excelsior, aos da Televisão Record e alguns da Rede Globo. Quase sempre quem me indicava era o seu produtor, Solano Ribeiro. Em outras ocasiões, pelo que me dizia Solano, meu nome era lembrado pelos próprios concorrentes.

Assim, tive a alegria de ter ajudado a nascer, como um obstetra, claro, os mais importantes compositores brasileiros: Edu Lobo, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, entre muitos outros. A maior alegria em ter participado desses eventos decorre do fato de ter ajudado a impedir que fossem cometidas injustiças contra os artistas que acabei de citar.

Nunca trabalhei em qualquer outro tipo de júri, então não posso generalizar. Porém, a responsabilidade estética do jurado em concursos de música popular brasileira tem de ser acompanhada de outra, tão ou mais importante que aquela: a política. Política do tipo brasileiro mesmo: briga de foice no escuro. Briga entre as tendências estéticas e políticas dos jurados, briga entre os jurados por causa de sua amizade e admiração pelos

compositores em concurso, briga dos jurados com os organizadores dos festivais, briga dos jurados com a direção da televisão, briga dos jurados com os patrocinadores dos festivais. Resumindo, se o jurado não topa a briga de foice no escuro, não se fará a devida justiça, acabando por não saírem vitoriosos os mais competentes e talentosos.

Essas brigas ocorrem na forma de bate-bocas que podem terminar em ameaças ou, o que de fato muitas vezes aconteceu, em porradas mesmo. Lembro-me de que, no primeiro festival, um jurado (músico famoso) acusou Edu Lobo de ter plagiado Villa-Lobos em *Arrastão*. Dei-lhe 24 horas para que provasse isso, trazendo-nos a prova em número de compassos idênticos, nas duas músicas, para que se configurasse o plágio. Caso contrário eu quebraria a sua cara, por estar ofendendo a honra do meu amigo Edu. Não trouxe a prova e teve de fugir de mim durante todo o festival.

Arrastão ganhou o festival merecidamente, mas foi muito ajudado pela interpretação brilhante, emocionante, que levou o público a confirmar nossa decisão, da genial cantora que surgia também naquele festival, Elis Regina.

Quando a direção da Record desclassificou Sérgio Ricardo por ter jogado o violão sobre a platéia que o vaiava, me insurtei e levantei o júri contra a direção da emissora, obrigando-a a retirar publicamente a decisão. Para, em seguida, votar contra a música *Beto bom de bola*, de que realmente eu não gostava, do meu querido amigo Sérgio Ricardo.

Não estou autorizado a dar detalhes e citar nomes das pessoas pertencentes a um grupo de jurados que sempre se aliaram em defesa da Música Popular Brasileira, numa atividade tanto política quanto artística, discutindo e decidindo quais as

composições a classificar, criando estratégias e táticas que nunca foram desonestas, porém surpreendiam nossos adversários, derrotando-os, em maneiras espertas e surpreendentes de dar notas na hora da votação.

O que muito nos orgulhava e desfazia qualquer mal-estar por participarmos de tantos jogos e manobras políticas era o enorme talento dos jovens compositores que protegíamos. Além disso, o que é óbvio, eram pessoas que, além de excelentes artistas, possuíam visão de mundo progressista e antiautoritária.

Tínhamos a nosso favor a admiração total e imediata do público a esses artistas que logo se tornaram ídolos populares e, ao mesmo tempo, uma espécie de reserva cultural e política de integridade e resistência à ditadura militar da época.

Porém, de todas essas aventuras, a que mais me alegra lembrar, apesar dos sofrimentos físicos que me foram infligidos na ocasião, foi a ocorrida no FIC, um festival da Rede Globo, onde eu trabalhava na época criando o programa *A Grande Família*.

Numa foto do jornal *O Estado de São Paulo*, que foi reproduzida no meu livro *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!* está documentado esse episódio, acontecido no dia 2 de outubro de 1972.

No júri dirigido por Nara Leão, estavam, entre outros, além de mim, João Carlos Martins, Décio Pignatari, Rogério Duprat e Sérgio Cabral. Como a direção da Globo suspeitou que tínhamos a intenção de premiar a música originalíssima, porém muito agressiva, *Cabeça*, de Walter Franco, ela decidiu destituir o júri nacional, substituindo-o pelo júri composto por estrangeiros que trabalhavam na parte internacional do festival.

Lembro-me da reunião realizada no hotel Copacabana Palace, na qual decidimos redigir um manifesto de protesto e de

denúncia contra a Globo, pela sua decisão de nos destituir e por submeter a música brasileira a um julgamento de estrangeiros, atestando, assim, nossa incompetência. E ficou decidido também que um de nós invadiria o palco do Maracanãzinho durante a transmissão ao vivo do festival e leria o manifesto ao microfone. Até aí, tudo bem, e até me faz lembrar a velha piada: os ratos, para se prevenir da aproximação do gato, decidem colocar um guizo no seu pescoço; então um rato gaiato pergunta: “Sim, mas quem vai colocar o guizo no pescoço do gato?” Não sei por que, não me lembro dos argumentos utilizados, mas ficou decidido que eu é que ia ler o manifesto.

O espetáculo corria solto. Munido da credencial, entrei nos camarins do Maracanãzinho e consegui o apoio do grupo *O Terço* (formado por jovens amigos de meus filhos), que se prontificou a me levar escondido entre eles na hora que entrassem no palco. E assim foi. Cheguei ao microfone e, diante do espanto geral, comecei a ler o manifesto. Mas fui logo agarrado por homens da segurança da Globo que me arrastaram para trás das cortinas. Ali, fui jogado nas mãos de uns dez policiais que começavam a me aplicar uma tremenda surra no exato momento em que o fotógrafo do jornal *O Estado de São Paulo* conseguia fazer a foto a que me referi. Bateram o quanto quiseram, fraturando-me um braço, quatro costelas e fazendo do meu rosto uma couve-flor sangrenta. E me trancaram num camarim, preso.

Os primeiros a aparecer foram os meus companheiros do júri, preocupados com meu estado físico e indignados com a violência. Contaram que a televisão tinha saído do ar depois da minha intervenção. Alguns membros da diretoria da emissora apareceram também e fizemos ali mesmo uma reunião, na qual chantageei a Globo: ou liam nosso manifesto no ar, durante o

festival, ou eu receberia os jornalistas, daria entrevista sobre a surra e lhes entregaria o manifesto. A chantagem foi acrescida da ameaça dos meus companheiros: tentariam invadir o palco eles também, a menos que fossem todos presos.

Com a retirada de algumas frases agressivas demais para a Globo ler no ar contra ela mesma, o manifesto foi lido pelo apresentador do festival. E fui levado para o hospital, me sentindo feliz e um tanto ridículo por bancar o herói e ter acabado como mártir da MPB ao ousar botar o guizo no pescoço da Globo.

Amor muito menos amor quase dor

Nina namorava três amigos meus, todos estrangeiros como ela, que era alemã. Apesar de morar no Brasil já há tempo suficiente para aprender o português, Nina, para namorar, preferia o inglês, quando se tornava impossível o alemão. Eu invejava o meu amigo norte-americano, o predileto de Nina, e gostaria de ter a sorte do tcheco e do inglês, pois ficavam com as polpudas e calorosas parcelas do estranho e inédito amor de Nina, que não podia caber todo num homem só.

Os namorados de Nina eram também amigos entre si e não sentiam ciúme um do outro, mas ficavam desesperados quando ela se interessava por um estrangeiro, quer dizer, por um brasileiro. O primeiro com quem Nina os traiu fui eu. Experiência tão curta como fascinante e inesquecível.

Foi Nina quem me ensinou a localizar, a amar e a me relacionar com Mauá. Assim, a lembrança que tenho de Nina se faz sempre nas alturas. Eu a vejo de memória tendo ao fundo céus azuis e transparentes, chegando vitoriosa ao topo máximo e pedregoso das montanhas, ou caminhando sob chuva forte dentro das matas e banhando-se nua nas águas geladas das cachoeiras do rio Preto.

Mas eu não acreditava na possibilidade de Nina se interessar por mim, por causa do jeito apaixonado com que a via envolvida ora por um ora por outro de nossos amigos. Meu inglês não era

tão bom assim para tocar namoro e de alemão não entendo absolutamente nada. Tola preocupação esta, pois naquele tempo ainda não havia descoberto o espontâneo e sempre disponível esperanto sensorial dos amantes internacionais.

Um dia, Nina sumiu de todos nós. Passei mais de ano sem vê-la e completamente sem notícias suas, embora continuasse sempre e cada vez mais apaixonado por ela. Quando estava só em Mauá a saudade doía demais. Saudade de meu amor que nunca se realizou, a não ser em sonhos, em fantasias e em loucos delírios. Também saudosos e tristes, os meus amigos estrangeiros costumavam contar, para meu deliciado desespero, o jeito como eram amados fisicamente por Nina, detalhando as formas originais e inéditas com que buscava o seu prazer e satisfazia os parceiros.

Naquela época eu vivia numa casa pequena, de madeira, dentro de um bosque de eucaliptos, à beira do rio. Escolhi o local para escrever um romance cuja história se passava em Mauá. Uma tarde de verão chovia muito desde cedo e eu tinha passado todo o dia fazendo anotações para uma cena do livro, deitado no tapete, junto ao fogo da lareira. Quando começou a anoitecer, a chuva se adensou, o vento ficou muito forte, passando a soprar por todos os lados e enlouquecendo as árvores que não sabiam mais para onde dobrar-se, quebrando galhos e perdendo as folhas.

Súbito, a porta se abre. Junto com o vento e a chuva, Nina entra na sala, completamente molhada. Grita meu nome e, muito alegre, se atira em meus braços, rolando no chão agarrada ao meu corpo. Enlouquecido de felicidade pela surpresa, tentei ajudá-la a tirar a roupa molhada, para que fizéssemos amor ali mesmo, antes que descobrisse ser sua presença pura fantasia de autor delirante ou de amante frustrado e carente.

— Não! Eu vim aqui pra te levar para a Pedra Selada. Quero fazer amor com você a quase três mil metros de altura, debaixo dessa tempestade. Vem!

O inglês com sotaque germânico, o jeito sincopado de falar me garantiram que era mesmo Nina. Claro que, depois de passado o susto, saí correndo atrás dela sob a chuva. Ela ria feito criança, voltando-se sempre, na correria, para certificar-se de que eu a seguia. Chegamos à estrada e ela entrou no carro. Entrei também e partimos em direção a Mauá e, depois, até a base da Pedra Selada. Do toca-fitas do carro de Nina vinha a *Quarta Sinfonia* de Brahms, enquanto ela pisava no acelerador de modo extremamente perigoso. A estrada era de barro e esburacada, e a visibilidade, com toda aquela água caindo, era pouquíssima. Eu nada dizia, encolhido em meu canto, com medo de despertar. Anoitecia rapidamente.

Depois, tomando coragem, tentei, mas em vão, descobrir por onde Nina tinha andado, o que a levara a me procurar de novo e qual o motivo do súbito desejo de me amar sob aquele temporal e a três mil metros de altitude. Ela me sorria com aquele seu jeito de menino malicioso, agarrada ao volante, mas não dizia nada. Então percebi o tremor em sua cabeça loira e pude distinguir seguidos esgares, pequenos e rápidos movimentos da face junto aos lábios. Era a cocaína, sem dúvida. Sim, era tudo uma viagem de cocaína, dela e minha, um no delírio do outro. Eu já tinha visto Nina sob o efeito dessa droga. Então, tudo aquilo podia não passar de uma excitação tóxica, não tinha nada a ver comigo, propriamente comigo. Eu era um personagem de sua fantasia, como ela podia ser da minha. Precisava fazer alguma coisa que tornasse tudo mais real, mais claro. Então falei, colocando principalmente essas minhas dúvidas. Nina ficou séria, tensa e

respondeu em alemão o que lhe perguntara em inglês. E falava sem parar, entusiasmando-se com as próprias palavras e não me ouvindo quando tentava interrompê-la. Dentro do intenso amor que vivia naquele instante, senti medo da loucura de Nina.

Chegamos à base do morro onde fica, no alto, a Pedra Selada. Nina saltou do carro e me estendeu a mão. Já era outra, de novo linda e alegre. Assim fomos, em silêncio, por mais de uma hora escalando a montanha que conhecíamos muito bem. À medida que subíamos ia se fazendo mais escuro, mas a chuva não parava de cair. Nina tinha treino de alpinismo e eu não. Cheguei absolutamente exausto ao ponto mais alto da pedra. Lá, Nina se despiu e, de braços abertos, se oferecia para mim. Parecia-me ouvir a *Quarta Sinfonia* de Brahms no soprar do vento. O cansaço desapareceu de meu corpo e foi substituído por violento desejo.

Todas as situações insólitas vividas até ali, desde que Nina reapareceu, liberavam sempre mais o meu desejo antigo pelo seu corpo, do jeito que era insólito também o meu amor por aquela estranha e linda mulher. Nós nos amamos de todas as formas possíveis, sobre as pedras e sob a chuva, menos uma: com as palavras. Nina se calara desde que havíamos descido do carro e se negou, o tempo todo do amor, a falar qualquer coisa, mesmo em alemão.

Quando se esgotou em mim a energia física para o amor, instalou-se em nós, produzida por energia totalmente insuspeitada e desconhecida em mim, uma imensa e dolorosa ternura que nos fazia chorar. Amanhecia lentamente enquanto a chuva ia ficando mais rala. Sempre senti que a ternura, não importa seu jeito e sua intensidade, será sempre uma coisa muito mais bela e comovente do que gostosa e excitante. A ternura marca o fim do amor, impede o amor por algum tempo. Abraçados

de um jeito difícil de explicar, que mais nos fazia parecer um grande ovo, deixamos rolar no choro quase infantil toda a dor e toda a beleza que sentíamos e que era impossível exprimir de outro jeito, enquanto humanos.

Depois de um tempo nos soltamos, e eu caí de costas sentindo uma das mãos de Nina apoiada sobre o meu sexo, como uma palpitante concha protetora. Assim adormeci. E só acordei com a sensação do sol forte fazendo arder a pele do corpo. Não havia mais ninguém ali. Eu conhecia Nina, ela era mesmo assim, sempre desse jeito meio irreal, não adiantava eu sofrer com isso. Fiquei, então, olhando a incrível, imensa e belíssima paisagem que se perdia no horizonte, longe, a toda a minha volta. A beleza da paisagem não arrefecia a dor que sempre me ocorre sentir num lugar escondido e profundo de mim, depois do amor, coisa que, talvez, seja parte dele ou, quem sabe, é o próprio amor no seu lado do avesso.

Sentei-me sobre uma pedra, na beira do abismo, e revi no pensamento e em todo o corpo o que tinha vivido aquela noite. Primeiro o amor, tudo do amor. Depois a dor, tudo da dor. Então olhei para o alto e encarei o céu azul, absolutamente limpo e transparente. Desci o olhar e, aos poucos, descobri o verde da paisagem que se espalhava lá embaixo e vinha vindo na minha direção.

Subi com o olhar pelo verde, até onde estava a beira do azul. Súbito, a dor voltou e ficou muito forte quando percebi, olhando meu corpo, que estava sexualmente excitado. Ao levar a mão para o sexo, senti de novo a primeira e leve sensação de amor. Aos poucos ele foi vindo por inteiro, como se todo o meu corpo estivesse dentro de outro corpo, até o orgasmo, nesse meu jeito solitário e recorrente de buscar não perder para sempre a

possibilidade pelo menos poética de meu amor por Nina.

Amor

menos amor

muito menos amor mais dor

quase dor

dor

menos dor

muito menos dor mais verde

quase verde

verde

menos verde

muito menos verde mais azul

quase azul

azul

menos azul

muito menos azul mais verde

quase verde

verde

menos verde

muito menos verde mais dor

quase dor

dor

menos dor

muito menos dor mais amor

quase amor

amor

Perfurações a bala em nosso coração

Chamava-se Geraldo Mori o fotógrafo que trabalharia comigo numa reportagem a ser feita em Recife, sobre os meninos de rua, 1967, no tempo que trabalhava para a revista *Realidade*. A redação dessa revista era para mim assim como é o harém para o sultão: amava todos os meus companheiros, e talvez a grande qualidade da revista, além do talento dos jornalistas que a produziam, era garantida por esse amor que nos unia.

Gostava e admirava muito a pessoa e as fotografias do Mori, mas era a primeira vez que íamos trabalhar juntos. E foi uma experiência fantástica, tanto a luta para conseguir e suportar a convivência íntima com marginais, ladrões, drogados, traficantes e assassinos de 8 a 12 anos de idade, quanto curtir e viajar na convivência íntima com um ser humano muito especial e único, com quem vivi alguns dos mais belos e dos mais trágicos momentos de minha vida.

A experiência estava sendo muito dura e difícil para a minha sensibilidade exaltada e desprotegida em se tratando de crianças. Entre outros lances de muita emoção ao conviver de modo cúmplice com a miséria infligida ao ser humano ainda criança, e de muito risco por participar de sua vida marginal, repleta de conflitos com bandidos de todo tipo e, como, para poder realizar a reportagem, tornei-me parceiro e amigo desses meninos, sofria com eles também a repressão policial. Para poder permanecer

aceito pelo grupo, tive de ajudá-los num assalto a uma padaria (comeram todos os doces preparados para um casamento) bem como fui obrigado a assistir, impassível, a um espancamento de um garoto que traiu o bando. O menino de 12 anos veio a falecer no dia seguinte num hospital, mas sem denunciar seus assassinos.

No dia em que assisti a meninas de 9 a 12 anos sendo entregues pelos pais, camponeses pobres vindos de longe, à proprietária de uma casa de prostituição, subitamente passei mal, com fortes dores no peito. No Grande Hotel bem no centro de Recife, onde há intenso movimento de pessoas e de carros, Mori tentava, pelo telefone de nosso quarto, conseguir um médico para me atender. Ele estava muito aflito, pois me via piorar a cada instante, esticado na cama, muito pálido, com dores fortíssimas no peito e no braço que eu, como médico, já diagnosticara: infarto do miocárdio. A certa altura, desmaiei.

Acordo, chacoalhando muito, sendo carregado nos braços de Mori através do saguão principal do hotel, em direção à porta da rua. Perguntei, com o resto de voz que ainda tinha:

— O que foi, Mori?

— Você está morrendo.

— Por que você me carrega?

— Não consegui nenhum médico. Jornalista não morre na cama. Vou te deitar no meio da rua, pra você morrer lá, seu filho da puta!

E fez isso mesmo. Me colocou deitado no meio do asfalto. O trânsito se interrompeu imediatamente. Muita gente em torno, me olhando espantada. Mori, sentado a meu lado, olhava para a minha cara e apertava-me a mão dentro da sua. Chorava. Desmaiei de novo e despertei logo depois com a sirene da

ambulância.

Não se tratava propriamente de um infarto, mas uma crise de *angina pectoris*, que denunciava, já naquele tempo, problemas vasculares que mais tarde me levaram a um infarto verdadeiro. Durante o período de recuperação que passei num hospital, Mori assumiu o meu lugar junto dos meninos e prosseguiu a reportagem, seguindo um roteiro que eu fiz e, todas as noites, escondido dos médicos, me fazia longos relatórios.

No dia mesmo da internação, recebi um telegrama do pessoal da revista. Dizia só isto: *Amor. Teus amigos da redação*. Quando estava quase recuperado, Dom Hélder Câmara foi me visitar no hospital. Mostrei-lhe o telegrama e o bom homem se comoveu. Pedi licença a ele e retirei o crucifixo que estava pregado na parede atrás da cabeceira de minha cama, colocando o telegrama no seu lugar. Dom Hélder sorriu, enquanto guardava, cuidadosamente, o crucifixo na gaveta da mesa de cabeceira.

Numa noite, acho que foi na véspera da minha alta, porque eu teria, por ordem médica, de voltar a São Paulo sem terminar o trabalho, Mori trouxe para o hospital todos os meninos líderes para um último encontro comigo. A entrada dos garotos no hospital, de madrugada, sem serem vistos pelos médicos e funcionários, foi coisa de cinema e só o Mori mesmo para dirigi-la. Trabalhamos a noite toda e consegui completar as entrevistas, podendo levar a matéria pronta para São Paulo.

Pouco tempo depois fui socorrer Mori que teve um acidente em Maceió, com fratura da base do crânio. Um médico especialista de São Paulo foi enviado pela direção da revista a Maceió e Mori, depois de operado, recuperou-se bem e logo estava fora de perigo de vida. Fiquei a seu lado como enfermeiro, especialmente treinado por seu cirurgião, pois lá não havia disponível esse tipo

de enfermagem. Para não causar maior peso financeiro para a revista, durante algumas horas do dia eu realizava reportagem dentro da cadeia, com um famoso matador do nordeste, o Zé Crispim.

Mori me deu muito trabalho. A lesão causada pelo acidente provocou, logo depois da operação, sérias alterações em seu comportamento, tornando-o muito irritado, autoritário, insuportável. Chegou a brigar fisicamente comigo, a ofender gravemente as freiras e a fugir um dia do hospital. Mas depois de algum tempo foi voltando ao que era: pessoa adorável, simples, amiga, terna e divertida.

Voltamos para São Paulo. Eu ganhei o Prêmio Esso de Reportagem com a matéria “Meninos do Recife”, que tinha feito com Geraldo Mori nas circunstâncias que acabo de contar, e ele, pouco tempo depois, foi assassinado por pessoa, motivos e circunstâncias que permanecem desconhecidos até hoje.

No período de tempo em que estive desaparecido, sua mulher pediu-me que o procurasse no necrotério. Fui. Desejava desesperadamente não encontrá-lo ali. Porém, infelizmente, deparei-me com o meu amigo, sem roupa, estendido na mesa de mármore, com duas perfurações a bala em nosso coração.

Tinha super-homem dentro da babá

Naquele tempo eu ainda era babá de louco. Comportamento terapêutico paternalista e, por isso mesmo, freqüentemente ridículo. Acontece que o paternalismo hoje em dia não consegue mais esconder sua intenção autoritária mal disfarçada sob a aparência de humanitarismo hipócrita do tipo cristão. Como não havia assumido meu atual e esperto anarquismo somático, prostituía-me científica e humanamente, aceitando ser babá de louco, como faz a maioria dos terapeutas que acreditam na loucura e passam a viver à sua custa.

Começava a década de 70 e meu consultório no Centro de Estudos Macunaíma recebia um número bastante grande de jovens que se designavam “loucos”, sem que, com isso, estivessem autodiagnosticando-se de esquizofrênicos. Apenas operavam transformação semântica na palavra louco para ter algo em oposição ao que consideravam ser o comportamento “careta”. E “careta” era, principalmente, entre outras coisas não “loucas”, uma pessoa que não usava e condenava as drogas.

Aos poucos fui convencendo meus jovens clientes a desistir de ser “loucos”, porque os “caretas” jamais aceitaram e aceitarão qualquer transformação semântica para a palavra loucura, que consideram de sua propriedade. Para eles, louco é louco, maconheiro é outra coisa. Louco vai para o hospício e maconheiro para a cadeia.

Estou falando disso para contar que, em realidade, eu agia mesmo era como babá de “loucos”. E quando me convenci, através das pesquisas da antipsiquiatria, ser a loucura coisa fabricada e quando descobri que a maioria dos jovens daquela *época* se drogavam mais para dar “bandeira” e provocar os “caretas” do que para satisfazer necessidades e desejos de prazer legítimos, deixei definitivamente de ser babá de loucos que se faziam de “loucos” e de “loucos” que se faziam de loucos, uma vez que tudo isso me pareceu uma tremenda “caretice”.

Hoje a juventude se comporta de modo mais claro e, como eu também me comporto assim, são raros os jovens que me procuram porque dependem de droga. Os clientes da *Soma* são jovens viciados e dependentes de amor em liberdade e de liberdade no amor, coisas que, tanto loucos como “loucos”, bem como caretas, não desejam e nem sabem o que é. Para os meus clientes atuais, drogas são fontes alternativas, casuais e descartáveis de prazer, por eles administradas com liberdade e responsabilidade. Procuram terapia para preservar essa liberdade e essa responsabilidade, não apenas para o prazer de aumentar sua percepção.

Bem, mas essa conversa toda é para contar uma história muito vexaminosa ocorrida no tempo em que eu era babá de loucos, com ou sem aspas, por amor paternalista aos meus clientes e falso amor à minha profissão. Aconteceu em Visconde de Mauá, durante um trabalho terapêutico com meus clientes em contato direto com a Natureza. Estávamos num momento de lazer e fazíamos um passeio de carro na estrada que liga Maromba e Maringá, dois vilarejos da região. Eu viajava no carro da Ana, uma das minhas assistentes. Na frente, num fusca velho, cinco clientes. A pessoa que dirigia esse carro era um homem de uns

quarenta anos, considerado “careta” pelo grupo e que nunca tinha puxado fumo. Percebi, graças à pouca distância que separava os dois carros, o motorista estar sendo aplicado para o seu primeiro baseado. Nossos carros passaram por um trecho estreito da estrada que, naquele lugar, margeava o rio Preto, correndo lá embaixo, talvez a uns cinco metros do nível da estrada.

Preocupava-me, como babá sensata que era, pelo fato de estarem puxando fumo e, sobretudo, por ser neófito o motorista. E não deu outra: de repente o carro pareceu desgovernado, tombou no barranco e caiu com as rodas para o ar dentro da água do rio. Apavorado, saltei do carro e corri para a beira do barranco. Vi o carro de meus clientes afundando lentamente. Quando desapareceu sob a água corrente, a babá, para grande surpresa da minha assistente ao meu lado, se transformou automaticamente numa espécie de super-homem, sem que eu nada pudesse fazer para impedir isso. E atirei-me no espaço, de braços abertos, numa forma de salto olímpico conhecido por *anjo* que eu, por medo de altura, nunca pratiquei.

Uma câmara lenta me ajudará na descrição desse instante. Fico caindo no espaço, muito devagar e elegantemente, enquanto vêem-se as rodas e o fundo do carro voltando à superfície. A rotação da câmara fica normal e poder-se-á assistir, na projeção, a meu corpo se esborrachando sobre as chapas de ferro no assoalho do carro. Aos poucos vão emergindo os cinco passageiros que saíram pelas janelas abertas do fusca. Nadam ilesos, até a margem e depois começam a rir deles mesmos, ensopados e tiritando de frio.

Minha assistente lhes aponta o carro e berra meu nome. Então eles me vêem desacordado entre as quatro rodas do fusca invertido e meio submerso. Nadam até lá e me trazem, já desperto,

para a margem do rio. Tinha vários ferimentos pelo corpo, todos sem gravidade. Mas estava completamente tonto pela pancada.

Dentro do meu carro, abarrotado de gente, voltando para casa, finjo e gemo dores que não sinto, simulo outros desmaios para não participar, de tão envergonhado que estava por causa das gozações da moçada, comentando às gargalhadas o meu feito heróico e do mais puro “pastelão”. “O que faltou foi não ter gritado *Shazan!* na hora do pulo, por isso o nosso superdoutor se esborrachou!” “Não é o super-homem que grita *Shazan*, seu ignorante!” “Pulou como Clark Kent, de óculos e gravata. Sem aquela roupa colante, sensual e sem a capa, apenas os orgones reichianos do doutor não iam dar pra segurar um pulo daqueles!” “Mas onde é que ele ia arranjar uma cabine telefônica aqui, no meio dessas vacas, pra trocar de roupa?”

Não deu mais para segurar e passei a rir de mim também. Divulgado o episódio no *Macunaína*, durante algum tempo, meu apelido passou a ser Doutor Shazan e todos ali referiam-se à Soma como Supersoma.

Foi assim que descobri, nesse edificante vexame em quadrinhos, que sempre pode existir a pretensão de ser super-homem dentro das doces e frágeis babás.

Manga com leite

Zezinho e eu amávamos a mesma menina. Nós dois tínhamos dez anos de idade e morávamos na mesma rua do Bexiga. Ele era centroavante e eu meia-armador do infantil do Futebol Clube da Bela Vista, o terror da várzea onde é hoje o Parque Ibirapuera.

A menina que amávamos chamava-se Rosana. Era muito linda com suas duas tranças ruivas, suas sardas, seus óculos e seu aparelho nos dentes. Acontece que Zezinho amava Rosana mais do que eu. E Rosana amava mais a mim do que a Zezinho. Por isso — como vou contar — aconteceu aquela desgraça.

O amor chegou primeiro para o Zezinho. E me fez seu confidente. Eu nunca tinha prestado atenção na filha do *pizzaiolo* da Cantina Bella Italia, que ficava na esquina da rua 13 de Maio com a Conselheiro Carrão. Mas Zezinho falava dela cada coisa! E me lia os versos que escrevia e as cartas de que me fez portador. E de tanto ouvir a paixão do Zezinho, em prosa e em verso, e, sobretudo, graças ao privilégio de carteiro-confidente, apaixonei-me também por Rosana.

Quem não consegue ser poeta, quem não nasceu romântico, quem é gago aos dez anos, quando sente atração por uma menina, o negócio é ir agarrando logo, beijando na boca e tudo o mais. Depois, eu entregava a carta do Zezinho e, sem dizer nada, fugia correndo, o coração saindo pela boca e o corpo ardendo, como em

febre, da cintura para baixo.

Rosana tinha uma avó louca, figura famosa no bairro porque cantava o dia todo a mesma música, o *Sole Mio*. E isso aos berros, quando amanhecia e quando entardecia. Chamava-se dona Carmela, tinha uma barriga enorme e um sorriso de boneca, quer dizer, não podia deixar de sorrir. Como todos os meninos do bairro, eu judiava de dona Carmela ao cruzar com ela na rua ou ao vê-la na janela da casa de Rosana. Para judiar de dona Carmela bastava cantar o *Sole Mio* imitando-lhe a voz. Então ela começava a chorar — sem desfazer o sorriso — aos gritos. Pois foi dona Carmela a causa da desgraça de que falei.

Zezinho não era bem como a gente lá do Bexiga daquele tempo. Nós éramos pobres e os pais de Zezinho possuíam fazenda em Barretos, criavam bois, tinham muito dinheiro. Ele morava na 13 de Maio, mas ali quase na esquina da Brigadeiro, num casarão rodeado de árvores, com muro alto e portão de ferro sempre trancado. Morava com a avó, uma velha brava, rezadeira e que não gostava da vizinhança, sobretudo da meninada do Bexiga. O Zezinho era o único garoto que tinha hora para entrar em casa à tarde, não saía na rua à noite e, no domingo, ia à missa da Igreja da Imaculada Conceição. Confessava, comungava às sete horas da manhã e, às dez, nos campos do Ibirapuera, dizia palavrões, contava sacanagens e até falava mal de Deus.

Eu era o único menino do bairro que tinha entrado na casa do Zezinho e que sua avó não botou fora. Até me dava biscoitos a velha, e uma vez me convidou para jantar. Estou contando da avó do Zezinho porque ela teve papel importante na desgraça de que falei.

Acontecia que o Zezinho odiava a avó, mas a obedecia e tinha medo dela. Eu achava o Zezinho um cara legal, mas o

Zezinho tinha uns negócios esquisitos. É difícil de explicar mas, falando tudo de uma vez para encurtar a história, eu achava que ele tinha a avó dentro dele. De que outro jeito eu podia explicar aquelas chatices e velhices saindo pela boca do Zezinho, mesmo quando estava só com a gente na rua, no colégio, no campo de futebol? E quando ele falava, de repente a voz ficava igual à da velha. Sei lá, o Zezinho acreditava que a gente não podia beber água olhando para o sol que a boca ficava torta; que não chovia no domingo se a gente botasse um ovo no telhado sábado de noite e rezasse para a Santa Clara trazer o sol; que abraçar gato dava asma na gente; que a gente mijava na cama se brincasse com fogo; que se a gente tomasse banho depois do almoço tinha congestão; que vento encanado dava pneumonia na gente; que existia mesmo um anjo-da-guarda olhando e protegendo a gente dos perigos; que a gente morria se comesse manga com leite, e por aí a fora. O chato é que ele falava de um jeito que eu também acabava acreditando. Isso é que me enchia no Zezinho. Eu tinha vontade de fazer essas coisas só para provar que era tudo papo da velha. Mas não tinha coragem.

Bom, agora que está tudo explicado, vamos à desgraça. O Zezinho amava a Rosana cada vez mais e ela não respondia às cartas e nem comparecia aos encontros que ele marcava nos lugares mais bonitos e mais escondidos do Bexiga. Eu também não contava para o Zezinho que Rosana já ia me agarrando e me beijando assim que eu chegava com as cartas dele. E mais: que eu já ia visitá-la toda noite sem carta nenhuma e que numa dessas noites, no fundo do quintal da casa dela, debaixo de um chuchuzeiro, a Rosana me ensinou aquelas coisas que eu só sabia de palavrão, de brincar de casinha e de médico com as minhas primas.

A paixão do Zezinho estava deixando ele meio louco. Não dormia e não comia. Ficou magro e com os olhos lá no fundo. Parou de jogar bola e não aparecia mais na rua à tarde. Como não me procurou mais para ler poesias e me pedir para levar cartas para Rosana, fui na casa dele. Encontrei médicos, os pais dele, os padres da Imaculada Conceição e o Zezinho estirado na cama, com uma bruta febre e delirando. Só falava na Rosana e repetia que ia se matar se ela não o amasse também. Falei com ele, mas nem prestou atenção em mim naquela sua falação de doido, os olhos virando, só faltava babar. Aí os pais dele me perguntaram se eu conhecia a tal Rosana, eu disse que sim; se eu podia ir buscar ela para salvar o Zezinho, e eu disse que não. E fugi da casa dele, sentindo um bruto sentimento de culpa, jurando que nunca mais ia na casa da Rosana, que mesmo que fosse não faria mais aquelas coisas, que mesmo que fizesse aquelas coisas mais uma vez, eu diria para ela que seria pela última vez, porque o Zezinho estava louco de amor por ela, que ele ia se matar se ela não amasse ele. E foi o que fiz. Assim mesmo. E olha só o que aconteceu.

A gente estava sob o chuchuzeiro, chovia pra chuchu, era tarde e todo mundo dormia na casa da Rosana. Eu contei tudo sobre o Zezinho. Aí ela prometeu ir lá no dia seguinte, prometeu dizer que amava ele e tudo, desde que eu não deixasse de ir toda noite esperá-la sob o chuchuzeiro. Também prometi. Então, embalados por nossas santas e boas intenções, continuamos a inventar tudo o que é possível fazer com os instrumentos do amor, mesmo quando não se está maduro para o amor, mesmo quando nem é ainda amor o que está querendo amadurecer em nós. Como estávamos muito molhados, tiramos toda a roupa. E nos abraçamos. Puxa, no homem que estava nascendo em mim, sentir

a mulher que despontava em Rosana, os dois nus e crus, era uma coisa alumbrante, deslumbrante, lumbrante, sei lá, tudo junto.

Então, no meio da noite, da chuva e do lumbramento, um canto: “Ó Sole Mio”! Depois um grito, um choro berrado. E o medo, o primeiro e talvez o maior medo que já senti na vida. Aquele medo que paralisa e que a gente se fecha em lugar de se abrir, que faz a gente fugir para dentro e não para fora.

Ficamos agarradinhos, de olhos e vidas fechadas, até que apareceram os vizinhos e os pais de Rosana. Aí a gente apanhou de cinta, de bofetões e de palavrões. E, pelado mesmo, fui jogado na rua, gente nas janelas me vendo fugir correndo sob a chuva no sentido inverso ao da minha casa. Foi nessa noite que me perdi no mundo, assim pelado, machucado e assustado pelos perigos de amor, como estou até hoje.

O que vou escrever agora é invenção minha. É o que imagino ter acontecido aquela noite, quando contaram para o Zezinho o que todo o bairro do Bexiga ficou sabendo graças ao escândalo armado por dona Carmela, que saiu gritando pelas ruas enquanto eu apanhava, enquanto todos queriam saber o que era, o que foi, *et cetera* e tal. Então, por causa disso, aconteceu a desgraça que anunciei desde o começo. Acho que foi assim.

O Zezinho ouviu tudo calado, muito branco e tremendo. Disse que estava bem. Pediu que o deixassem sozinho, que queria dormir. Obedeceram. Então, levantou-se e escreveu uma carta para a Rosana, outra para os pais, outra para os companheiros do infantil do Futebol Clube da Bela Vista, outra para mim e outra para a polícia. Coitado, deve ter passado a noite toda escrevendo. Aí foi até a cozinha, abriu a geladeira, pegou um litro de leite e, na despensa, apanhou uma manga-rosa, daquelas bem grandes e bem maduras. Imagino o Zezinho, como um sacerdote, subindo as

escadas, o litro de leite numa das mãos e a manga-rosa na outra. O olhar perdido no infinito, os passos lentos, a determinação dos que vão cumprir o sacrifício final e total, mas tremendo de medo, a manga caindo e rolando pela escada, o leite derramando e sujando o pijama e a passadeira da escada. Mas acaba chegando ao quarto. Deita-se na cama, a cabeça alta apoiada nos travesseiros. Chora e, num gesto brusco e corajoso, morde a manga com casca e tudo. Engole um bocado e mete a boca, destemido e desesperado, na boca do litro e sorve todo o leite que se pode sorver sem respirar. E espera. Pensa em Rosana. Pensa em seu amor não correspondido. Pensa em seu amor traído. E nova mordida na manga, com o suco escorrendo pela cara junto com as lágrimas. Eu avisei, eu avisei! Mais leite, bastante leite. Justamente ele, justamente com ele, meu melhor amigo, com quem fiz as mais lindas tabelinhas e os mais transados gols, ele que conhece minhas poesias, meu carteiro particular! Mais manga, mais leite, mais manga, que delícia! Acabou a manga e ainda sobra leite. O que faço com o caroço? Joga o leite sobre a cabeça, sobre todo o corpo, e põe o caroço chupado da manga sobre o coração. O caroço chupado de manga sobre o coração. O caroço chupado, com leite, sobre o coração. E morreu. E morreu de leucemia. E morreu de leucemia, que para mim era o nome da morte de quem come manga com leite, de quem come manga com leite por descuido ou por amor.

Maria do medo de amar às portas da vida

— Meu nome é Maria. Não sei como se faz psicoterapia.

— Diga o que está sentindo agora.

— Meu único problema, doutor, é o medo.

— Nós só temos um problema real: o medo.

— Eu tenho medo de amar.

— As outras formas de medo são mecanismos de defesa e sobrevivência animal. A pessoa humana tem um medo especial e original: o de amar.

— E amar é a única coisa que realmente me interessa.

— É o amor e não a vida o oposto da morte. Precisamos distinguir entre estar vivo e morrer.

— Claro, não estou viva porque tenho medo de amar.

— Você não está morta porque o amor é a única coisa que realmente lhe interessa.

— Precisamente por isso decidi fazer psicoterapia.

— Precisamente por isso, estou certo hoje, decidi ser psicoterapeuta.

— Então os psicoterapeutas entendem de amor?

— Não. Os psicoterapeutas entendem de amor tanto quanto qualquer pessoa. Eu tenho tanto medo de amar como você.

— Como pretende me ajudar?

— Tenho muito mais anos de medo do amor que você. Acho que aprendi alguma coisa enfrentando esse medo.

— E já amou?

— Muito.

— Como?

— Como estou tentando e temendo amar você agora.

— Eu não vim aqui para amá-lo e ser amada pelo senhor.

— Então perde o seu tempo aqui. Quando você chegou, a primeira coisa que fiz foi perguntar-me se queria e podia amar você. Logo senti que sim. Então comecei a sentir medo. E isso provava que já a estava amando.

— Estou começando a sentir medo do senhor.

— Como é esse medo?

— É difícil de explicar.

— Não explique. Descreva apenas o que está sentindo. Esqueça a palavra medo e descreva as sensações e emoções que sente agora.

— Como o senhor falou que me ama, de certa forma eu me sinto vulnerável, em risco. Como se tivesse que me defender do senhor. Como se de repente fosse me atacar. Sabe, estou quase chorando.

— E suas mãos estão tremendo.

— O coração bate forte. A cabeça está tonta. Tenho o corpo todo contraído. Quero ir-me embora daqui.

— Fugir de medo. Por que não vai?

— Não consigo me mover!

— Por que então não chora?

— Não quero, não quero!

— Agora você está de olhos fechados e abraçou o peito com os braços.

— Pare de falar, por favor!

— Chore de uma vez, por favor!

— Eu gosto!

— Isso. Deixe o choro vir todo. Assim, relaxando o corpo. Grite, se quiser. Mais alto, mais alto!

— Eu quero... eu... eu gosto... eu... eu quero... quero... Eu gosto do senhor... eu quero gostar de você...

— Você não está tremendo mais.

— O que foi que aconteceu?

— Você chorou o que tinha para chorar. Está se sentindo melhor agora?

— Não sei. Não consigo olhar para o senhor.

— Você tem agora o rosto tranquilo. Ainda sente medo?

— Não. Sinto vergonha.

— Entendo. Você agora me parece uma pessoa mais agradável de se ver. Talvez tenha vergonha disso.

— Chorar é uma coisa feia.

— Conter o choro é que nos torna feios. Chorar é uma função biológica. Precisa ser satisfeita. Uma pessoa esfomeada é uma coisa muito feia de se ver.

— Queria poder olhar de frente para o senhor.

— Eu estou me sentindo muito bem, depois que você chorou. Eu também estou aliviado e com muito menos medo de gostar de você.

— Por quê? Só porque chorei?

— Não é pouco o que você fez. Eu sei como é difícil poder chorar e rir sem medo, sem vergonha.

— E o que acontece quando se perde o medo e a vergonha de chorar e de rir?

— Talvez no fim do choro e do riso todo da gente esteja o começo da nossa capacidade de amar.

— Acho bonito isso que o senhor disse e estou com vontade

de olhá-lo de frente. Mas me responda uma coisa: o senhor chora na frente dos outros?

— Sabe, eu chorei agora, quando disse que no fim do riso e do choro todo da gente talvez esteja o começo da nossa capacidade de amar.

— O senhor não usava óculos?

— Sim. Tirei-os para que você pudesse ver melhor meus olhos.

— Parece que estou vendo agora o senhor pela primeira vez. Parece uma pessoa completamente diferente.

— De certa forma isso é verdade. Perdi, agora, com você, mais um pouco do meu medo de amar.

— Mas como é o seu amor?

— Com cada pessoa ele é diferente. Só a energia é a mesma. Acho que não existe amor genérico. Posso lhe dizer como é agora o meu amor por você.

— Acho que vou sentir vergonha e medo de novo.

— Porque, certamente, você confunde o sentimento com a posse. Talvez você sinta que devemos possuir as coisas e as pessoas que amamos.

— Sim, é isso. E como, então, podemos satisfazer nosso amor?

— Só existe uma forma de amor que implica posse provisória dos corpos das pessoas: quando o amor pede sexo para se completar. E, assim mesmo, não chega a ser posse a relação sexual. Depois do orgasmo, os corpos necessitam estar separados um do outro. Eu sinto que é sempre mais prazeroso e mais bonito o amor em mim quanto menos me sinto possuidor das pessoas que amo e quando essas pessoas se sentem menos possuídas por mim. No sexo e nas outras formas de amor também.

— Mas o sexo é importante.

— Para quem está insatisfeito sexualmente. Você, agora, tem vontade de chorar?

— Não. E não sinto medo nem vergonha. Pode dizer como é o seu amor por mim.

— Eu não sinto atração sexual por você. Eu não sinto pena de você. Eu me senti e ainda estou me sentindo muito bem a seu lado. E quero conhecer o que está do outro lado da porta...

— Da porta?

— Do seu medo de amar. Parece-me que o seu medo é o de possuir e ser possuída. Enfim, alguma coisa muito forte dentro de você impedindo que possa tornar alguém objeto ou ser objeto de alguém. E, sabe, eu acho isso muito bom, uma coisa muito saudável. Talvez a intuição da existência disso em você é que me tenha levado a sentir logo que gostava de você.

— E o que seria essa coisa?

— Você vai descobrir. Eu sei como ela é em mim. Veja: vivendo numa sociedade regulada pela posse — das coisas e das pessoas que se transformam em bens de consumo e de *status*, que se transformam em instrumentos de poder — os que não se conformam em possuir e em ser possuídos só podem mesmo viver amedrontados e envergonhados. Se for assim com você também, garanto que não será fácil resolver seu problema só com psicoterapia.

— Mas tem solução?

— Amar livremente o nosso amor não-apropriador de pessoas e coisas é uma forma muito perigosa de viver.

— E quem temer esse perigo?

— Será apropriado por alguém ou por instituições que esses alguéms controlam. E não vive, quer dizer, entrega sua energia

vital para eles.

— E como funcionam essas apropriações?

— Quando nos inoculam, desde cedo e permanentemente, o medo e a vergonha de sermos nós mesmos, de vivermos ampla e livremente o nosso amor não-apropriativo.

— Sabe, doutor, eu sou casada e tenho dois filhos. Estou sentindo uma coisa muito forte e muito bonita agora. Estou sentindo muito amor por meu filho mais velho. Ele nos tem criado muitos problemas. Saiu de casa, largou os estudos. Sabe o que estou sentindo, doutor? Ele se parece muito com a gente.

— A gente?

— Sim. Comigo e com o senhor.

Se bater o bicho morde, se apanhar o bicho come

Ela assistia a uma conferência minha no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Sentada na primeira fila, olhava-me de um jeito absolutamente sedutor. Além de linda, mostrou cultura e aguda inteligência durante os debates. Na saída, porque deixou-se ficar a meu lado até as últimas despedidas, convidei-a para irmos juntos até um bar.

— A um bar, não. Quero ir para a cama com você.

Eu estava de carro e fizemos um belo passeio até a Barra da Tijuca. Ela falava pouco e isso me obrigou, como sempre que tenho parceiros encantadores e calados, a ficar falando como um papagaio. Pediu-me para parar em certo ponto da praia e fizemos um passeio a pé, de mãos dadas, pela areia, até o mar. Tirou os sapatos e molhou os pés.

— Sou arquiteta. Li seus livros e me apaixonei por você. Fui à conferência para seduzi-lo. Será que estou mesmo certa a seu respeito?

— Em relação a quê?

— Admiro sua agressividade, seu jeito direto, você não parece bem educado e não respeita muito as pessoas. Além disso, sinto que ainda deseja devolver as torturas que recebeu nas prisões. Isso tudo me excita muito.

E me beijou na boca, mordendo meus lábios de um modo

um tanto doloroso mas realmente muito excitante. E fomos para o motel. Já no quarto, bebendo um uísque, observei-a despindo as roupas e ajeitando-as meticulosamente sobre a cadeira. E ficou de pé, assim nua, vendo-me beber.

— Quer um pouco de uísque?

— Não, quero você.

Eu a abracei do jeito que sempre fiz com as mulheres que me provocam dessa maneira, de um jeito sexualmente direto. Depois de um longo beijo na boca ela me afastou. Tinha o rosto transtornado, tenso e sorria de modo irônico.

— Não vai me dizer que é do tipo doce e romântico! Me pega e me beija com força.

Fiquei meio paralisado. Aquela atitude desafiadora me fez mal. Afastei-me e voltei a beber. Senti suas unhas rompendo a carne das minhas costas, depois de rasgarem o tecido da camisa.

— Eu falei pra me pegar com força! Assim!

E voltou a me agredir com as unhas. O copo caiu de minhas mãos e agarrei-lhe os punhos.

— Me bate! Eu quero que você me bata! Na cara, com força!

— Pare com isso. Vamos embora...

Soltou-se, correu para a porta, trancou-a e ficou com a chave numa das mãos. Avançou para mim e começou a gritar. Pedia, implorava que lhe batesse. Isso seria impossível para mim. Tentei tomar-lhe a chave para ir embora. Então começamos a lutar. Mas era justamente o que ela queria e eu não faria isso em hipótese nenhuma. Dei-me conta do que estava fazendo e soltei-a.

— Que foi, está com medo? Quer a chave? Vem pegar!

E como eu não me movia, assustado e sem saber o que fazer, ela começou a me ofender verbalmente, xingando de tudo. As palavras, em si, não me atingiam. Era o tom de voz que me

perturbava muito. Era não poder sair dali imediatamente o que começou a me exasperar. Como eu não reagia, ela passou a jogar em cima de mim tudo o que achava: abajur, cinzeiro, copo e, finalmente, uma cadeira que me atingiu o braço com que protegia o rosto, fazendo-o sangrar.

— Reaja, covarde! Reaja! Me bate, faz alguma coisa...

Estava exasperado e uma forte irritação crescia em mim. Mas percebia claramente o absurdo da situação. Eu não podia agredi-la, não podia, de nenhum modo, ceder. Entretanto, eu via que lhe estava proporcionando também prazer o ato de me agredir cada vez mais. Era a situação de violência, medo e possibilidade de dor que a excitava, dentro de seu transe, tanto agredindo quanto sendo agredida. A única solução era tomar-lhe a chave. Decidi-me e, mesmo sabendo que de certa forma isso lhe agradava, saltei sobre ela. Caímos na cama e tentava agarrar-lhe o pulso. Debatendo-se, gritava e eu podia ver formando-se em seu rosto a máscara do prazer. Então agarrou e puxou com força meus cabelos, mordeu-me e eu, instintivamente, revidei com uma bofetada no rosto aplicada com o dorso de uma das mãos. Ela me soltou, ficou de joelhos na cama, e começou a rir de forma histérica.

— Você bateu! É bom, não? Bate... bate mais, com toda a força!

Saltei da cama, desistindo de tomar-lhe a chave. Fui para o telefone, tirei-o do gancho.

— Não! Não faça isso!

E veio em minha direção com a garrafa de uísque na mão.

— Solta, solta o telefone!

Ouvi a voz do outro lado do fio. Ela quebrou a garrafa na madeira dos pés da cama e a segurava pelo gargalo, ameaçando-

me com os cacos em ponta.

— Desliga!

Peguei uma cadeira e a ergui em sua direção, me defendendo dos golpes enquanto ao telefone pedia socorro e avisava que a porta estava trancada por dentro.

— Covarde! Covarde!

Soltou a garrafa, caiu de joelhos no chão e começou a soluçar. O quarto estava na mais completa desordem. Meu braço sangrava muito. A porta foi aberta. Na frente vinha o encarregado do motel, apontando-nos um revólver. Atrás, outros funcionários e freqüentadores vizinhos, assustados com o barulho e a gritaria vindos do nosso quarto.

— Lúcia! Você, de novo!

No carro, completamente refeita, ela me falou longamente de suas crises de sadomasoquismo, do tratamento psicanalítico que fazia e que, apesar disso, continuava tendo freqüentes recaídas. Já era conhecida nos motéis da Barra.

Chegamos onde morava, em Ipanema. Convidou-me para subir. Claro, não aceitei. Então andamos um pouco pela areia, junto do mar. Tinha agora, de novo, as feições serenas, voltando a ser linda. Durante algum tempo ficou calada, com expressão triste e deprimida. Parecia chorar.

— Você não vai me querer mais?

— Não, é muito difícil pra mim. Compreendo você, é o seu jeito de obter prazer. Mas eu preciso exatamente do contrário.

— Mas, você é muito agressivo. Foi isso que...

— Mas é muito diferente. Você precisa buscar o prazer na dor, sua e dos outros...

— É muito bom, sabe?

— Não, não consigo imaginar. Você está doente...

— Se fosse possível, preferia não me tratar. Felizmente a Psicanálise não está ajudando muito... Sabe, tenho encontrado muita gente que gosta. Às vezes a gente acaba no hospital.

Fiquei um tempo ali parado, olhando o mar. Ela continuou andando. Entardecia sem sol e estava ficando escuro rapidamente. Pensava no horror da situação que vivera pelo simples fato de conhecer uma mulher bonita que me admirava e por ter procurado fazer amor com ela. E horrível para mim qualquer situação que se mostre aparentemente sem saída. Naquela, a coisa era ainda mais apavorante. Se você bate, à sua revelia, produzindo prazer no outro pela dor provocada, você sente a dor da vergonha e da humilhação de estar fazendo algo que reprova e repudia profundamente; se você não bate, a pessoa te agride sem parar, satisfazendo-se com isso e você sente a dor e a violência da agressão sem que isso lhe produza o menor prazer, muito pelo contrário, porque, para se defender, você pode vir a agredir a pessoa realizando o seu desejo mórbido. Enfim, um círculo vicioso no qual você é, ao mesmo tempo, o objeto e o sujeito da violência. A única solução mesmo nessa situação é a fuga. Assim como o acontecido comigo, apesar de ter sido uma coisa muito ridícula e humilhante.

Voltei-me e a vi bem distante. Ela parou, procurou-me com o olhar e fez um aceno bonito e alegre. Retribuí. Então a vi ir entrando no mar, vestida como estava, devagar, mas sem parar. Chegou à arrebentação. Ia correr até onde ela estava, disposto a atirar-me no mar para salvá-la. Mas vi várias pessoas fazendo isso. Então, saí da praia apressado, peguei meu carro e parti em grande velocidade, precisando ir para bem longe dali, não apenas do que vivera com aquela mulher, mas de tudo o que realmente significa no plano social e político esse tipo de comportamento,

sem dúvida doente, lamentável e contagiante, porém insuportavelmente autoritário.

Era tudo uma coisa só: Mário, pedra e lago

Mário não sabia que tinha nascido poeta. Seus pais primeiro pensaram que ele fosse débil mental. Porque, por exemplo, se o menino visse uma formiga no canteiro do jardim, apaixonava-se por ela de modo obsessivo, quer dizer, enfiava a cara contra o chão para focalizar nitidamente aquele ser movente. E rastejava o dia inteiro atrás da formiga, por onde ela fosse, a fim de saber direito o que era aquilo, o que fazia, como vivia e, sobretudo, o que significava em relação à pessoa dele. Como os adultos, do alto de suas estaturas, não podiam ver a formiga sob a cabeça do menino, e como não conseguiam arrancá-lo daquela posição sem escândalo e violência, tudo levava a crer que se tratava de natureza ou vocação quadrúpede.

Mário custou muito a aprender a falar do jeito que as pessoas gostam que as crianças falem. Quero dizer que ele falava, emitia sons articulados muito parecidos com os das línguas estrangeiras que ainda não aprendemos. Essa comparação me parece boa porque, de fato, Mário tinha inventado uma linguagem própria e queria que os outros a aprendessem com o mesmo empenho com que queriam que ele aprendesse a deles.

Esses exemplos dão alguma idéia de como foi a infância de Mário, principalmente imaginando que formiga e falar são duas das coisas menos interessantes e perturbadoras que se pode descobrir no jardim da gente, nas ruas da gente, nas cidades da

gente e nas gentes da gente.

Na adolescência, Mário já falava o português, embora com forte e carregado sotaque de sua própria língua. Submeteu-se à escola, e espantava mestres e colegas com seus conhecimentos de fenômenos e coisas da natureza. O maior problema de Mário era traduzir para o português as coisas que sabia. Outro problema era imitar o comportamento de outros meninos, reservando apenas para quando estivesse sozinho o seu jeito natural de ser que tanto incomodava e escandalizava as demais pessoas. Cansou de apanhar dos pais e de ser apalpado e revirado ao avesso pelos médicos, de ser humilhado pelos professores e pelos colegas. Assim, para evitar as bordoadas, os quartos escuros, as refeições sem sobremesa, as injeções e colheradas de óleo de fígado de bacalhau, Mário inventou um personagem que, quando representava bem, garantia-lhe o direito de ficar sozinho no lugar que escolhesse e sendo ele mesmo pelo tempo que quisesse.

Um dia aconteceu de Mário estar amando a menina do vizinho. Não lhe podia ocorrer, é claro, a diferença ou a separação entre amor e sexo. Espontaneamente, e com muita alegria, foi brincando com ela do jeito que seus corpos e sentimentos pediam juntos. Flagrado, acabou conhecendo os rigores da moral e das leis sociais. Coisa parecida aconteceu quando apropriou-se de um cão de outro vizinho, pelo qual desenvolvera profundo e intenso amor, correspondido com a mesma profundidade e intensidade. Então, muito magoado e desiludido, deixou de amar com e sem sexo.

Mário acabou sabendo que se chamava “poeta” aquilo que existia nele e que se manifestava quando podia estar só e livre das leis morais e sociais. Nessa época, vivia num colégio interno. O professor de português um dia pediu à classe que redigisse uma

descrição do que tinha sentido e vivido no último domingo. Mário lutou muito tentando traduzir para o português aquele mundo de coisas sentidas à beira de um lago e que lhe era tão fácil exprimir em sua própria linguagem. E convenceu-se de que o português era insuficiente para isso.

Assim, mais ou menos, colocavam-se as dúvidas de Mário. A pedra que ele jogava no lago não só produzia círculos concêntricos na superfície da água, assim como círculos concêntricos não eram produzidos apenas pela pedra que ele jogava na água e, ainda, não lhe bastava saber que acontecem círculos concêntricos na superfície da água de um lago quando lhe atiram pedras. Mário não sabia separar as partes de um fenômeno, fosse ele qual fosse, fora ou dentro de si. Tudo era uma só coisa, coerente e organizada; assim Mário era ele jogando a pedra, Mário era pedra, Mário era água, Mário era os círculos concêntricos e vice-versa. Ainda mais: ele era pedra no fundo do lago, sozinha e independente dos círculos concêntricos que produzira e que continuariam a se formar um do outro, até que o último atingisse o tamanho do lago. E Mário significava também, finalmente, o lago voltando a ser o que estava sendo antes de a pedra atingir a sua superfície.

Tudo isso parecia-lhe fácil de sentir, integrar, organizar e comunicar com sua linguagem, porém em português ficava impossível. Mas era preciso escrever de qualquer maneira. Então foi botando no papel as palavras que mais proximamente reproduziam ou traduziam suas sensações. Ao final, não ficou nem um pouco satisfeito com o conteúdo de sua descrição. Entretanto, descobriu que as palavras brotando espontaneamente de dentro dele se organizavam no papel de um jeito bonito, musical, formando ritmos harmoniosos, melodias, tanto visuais

quanto auditivas. Sim, mas em termos de verdade, entre o que sentira e o que escrevera, havia um abismo de mistérios incommunicáveis, que lhe produzia angústia, ansiedade, medo e depressão, dependendo do tipo de coisa sentida e não satisfatória e completamente comunicada.

O professor disse que aquilo escrito por Mário eram versos e que ele não passava de um poeta. E deu zero pelo trabalho, pois pedira uma descrição em prosa. Foi assim que Mário descobriu que ser poeta é coisa tão má quanto amar. Não escreveu mais em português. Foi expulso do colégio. Não fez mais nada como personagem de si mesmo. E liberou ampla e totalmente sua verdadeira pessoa. A família não sabia mais o que fazer com ele, nem os vizinhos, nem a cidade. Como última esperança, levaram-no à força a um psiquiatra.

Encontrei Mário num sanatório para doentes mentais. Os psiquiatras referiam-se a ele como um caso de esquizofrenia catatônica. Diziam tratar-se de um caso incurável, pois Mário não melhorava de sua paranóia poética nem com eletrochoques. Eu era ainda estudante e senti algo em mim que nos ligava profunda e antigamente. Por isso resolvi comunicar-me com ele de qualquer forma. Adotei o seu próprio jeito, como com as suas formigas, por exemplo. E como com a pedra e o lago, também por exemplo. Consegui muito pouco, porque naquele tempo eu só conhecia a língua portuguesa. Depois, porque fui inventando a minha própria linguagem de comunicação comigo mesmo e com o que me rodeia, acho que decifrei os versos ouvidos e decorados pelo poeta Mário e que, às vezes, brotam de dentro de mim. Então, angustiosa, catatônica e paranoicamente, cometo poesias, como este soneto meu e do Mário, no qual tentei descrever um instante de paz que vivi sozinho no alto de uma montanha em Visconde de Mauá:

Olhos de mergulho sobreceste
Olhar arpoador de cores voadoras
Altitude extrema de ver a luz
Pela primeira única última vez

Ouvidos ponto final da fonte do som
Ouvir tudo de tanta desarmonia pura
Altitude extrema de ouvir o vento
Antes durante nunca mais ventar

Mãos em férias: prêmio da contemplação
Gestos potenciais de imóveis sementes
Em cristais de sonhos mais segredos

Alma ou mulher no homem apenas corpo
Poesia desfeita de dor nervos pó
Na altitude extrema do silêncio Deus.

Caçada nos esgotos do DOPS

Maio de 1964. Cella do DOPS, em São Paulo. Dez presos políticos num espaço de quatro por quatro metros: líderes sindicais e estudantis, um poeta, um físico nuclear, um policial disfarçado de bancário e eu. Porta com cadeado por fora, janela gradeada no alto da parede, pia e privada a um canto da cela. Quando a campainha tipo cigarra soava, vinha o medo. Alguém seria levado para interrogatório, geralmente com espancamento e tortura. Ouvíamos os gritos. Depois o companheiro de cela voltava ferido e em pânico. Chegou a minha vez. Queriam que traísse meu amor à liberdade e o amor aos meus amigos. Fiquei calado, bateram-me muito, mas em vão. Ainda sofrendo e sangrando bastante, escrevi isto na margem de um jornal velho, no qual anotava vários pensamentos para um livro que pretendia escrever quando saísse da prisão:

E o amor, não a vida, o contrário da morte.

No dia seguinte, decepcionado, descobri que a folha de jornal em que fazia minhas anotações tinha sido usada como papel de privada. Dois anos depois, aquela frase escrita no papel de jornal foi incluída no romance *Cléo e Daniel*. Nesse livro pretendi ter purgado a violência da repressão e ter podido me vingar da ditadura militar, provando, pelo menos poeticamente, ser o amor impossível na sociedade burguesa.

Quase no final da fase já de composição do livro, recordei-me por inteiro de um outro texto que também tinha desaparecido nos esgotos do DOPS. Mas, como pude constatar, não deixou nunca meu coração. É uma fala desesperada, do personagem Benjamin, falando comigo e por mim, pouco antes de sua morte:

— *O amor sendo traído, mentido, negado, iludido, falsificado, destruído! Porque não são as pessoas que existem, mas a esperança de amor que há nelas. Não há nomes, não há olhares, não há gestos, não há palavras. Apenas o seu conteúdo, em promessas, intuições de amor. Não há projetos de vida, não há realizações, não há conquistas, somente essa busca cega e desesperada de salvar o frágil e único legado de Deus! A ilusão de amar. Porque a vida humana é essa imensa e grotesca caçada: cada homem tentando alcançar o germe do amor que há no outro para aprisioná-lo, para feri-lo, matá-lo. Por isso fazem-se amigos, parceiros, parentes, amantes, sócios. Porque é preciso estar mais próximo, mais ao alcance do ódio, mais perto da ilusão de amor do outro. Para a ceva, para o bote, para o crime. A humanidade é o resultado dessa caçada. Os homens estão vivos, mas o seu amor está morto. Assassinado. Um matou a possibilidade do amor no outro. A lei é essa mesma: amor por amor, para que não haja amor.*

Canto fúnebre da insubmissão

Traduzir poesias é, para mim um dos mais importantes e emocionantes momentos de criação. Faço isso por puro amorismo, nos dois sentidos da palavra *amador*: pessoa que ama o que faz e o faz sem outro objetivo além de o estar fazendo.

Um amigo me fez ler este poema da poetisa norte-americana Edna St Vincent Millay, auxiliando-me nas dificuldades com o inglês. Não sei se consegui uma tradução correta do que sentia a Edna ao criá-lo, porém posso garantir ter sido absolutamente fiel aos meus sentimentos face à morte das pessoas que amei.

Aliás, essa fidelidade não se limita apenas à morte física, mas é exatamente o que sinto também em relação à pessoa amada quando ocorre a morte de seu amor por mim.

A tradução do título seria *Canto Fúnebre sem Música*. Por motivos pessoais e porque se tratava de um trabalho amor e íntimo, traduzi por *Canto Fúnebre da Insubmissão*:

Eu não concordo com a descida dos corações amantes à terra dura. Assim é, será e foi desde tempos imemoriais: eles seguem pelas trevas, os sábios e os belos. Coroados de lilases e de louros, eles partem; mas eu não me conformo. Amantes e pensadores, contigo, dentro da terra, transformados na poeira morna e cega. Um fragmento do que tu sentias, daquilo que tu sabias, uma fórmula, uma frase apenas restou — mas o melhor está perdido. As respostas rápidas e vivas, o olhar honesto, o riso, o amor — estes

partiram. Partiram para alimentar as rosas. Os botões serão meigos, elegantes e perfumados. Eu sei. Mas eu não aprovo. Mais preciosa era a luz em teus olhos que todas as rosas do mundo.

Fundo, fundo, fundo na escuridão da cova, docemente, os belos, os ternos, os bons, calmamente eles descem, os inteligentes, os espirituais, os bravos. Eu sei. Mas não estou de acordo. E eu não me conformo.

Tempo de meu tempo em semente

Dia 13 de outubro de 1954. Sala-de-estar, pequena, apenas iluminada pela luz que filtra através do papel pardo e baço do abajur.

A mulher, nos últimos dias de gravidez, deitada no sofá, tem a cabeça no colo do homem e dorme tranqüilamente. Ele tenta reler poemas de Manuel Bandeira.

Seus olhos são levados a se fixar no grande ventre da mulher. A palavra filho surge em sua mente, sai como som filho de sua boca, quando o sentimento filho irrompe dentro dele ao ver o volume filho que se formou e foi crescendo naquele ventre, depois que ele fez amor filho com a mulher que, agora, por causa de tudo isso, seria amanhã ou depois a mãe de seu filho.

Naquele instante, o homem foi atingido por uma emoção de tal modo diversa de todas as que já tinha sentido na vida que não encontrou nada em seu corpo, além de chorar, para poder exprimi-la.

Recorreu aos seus conhecimentos de biologia e medicina, para, pelo menos, compreender o que pode significar a emoção produzida no homem pela palavra filho, quando ele, o pai, para a concepção daquela criança que estava para nascer, apenas contribuíra, até então, com uma semente e com o amor pela mulher que se oferecera à fecundação e abrigava sua germinação.

Mas era inútil, ele sabia, recorrer à ciência para desvendar o

que faz brotar a vida e a eternidade a partir das sementes.

Ergueu-se cuidadosamente, para que a mulher não despertasse e foi escrever, exatamente na véspera do seu nascimento, esta carta para o filho.

Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1954.

Meu filho

Angústia genética de encantamento paterno. Doçura infinita de um poema de carne, ainda em rascunho. Lágrima que umedece o sorriso (mímica translúcida da fonte de amor invisível que já não está mais em mim): meu filho.

Espero. Impaciência gerando necessidade de confronto, entendimento. Quero acreditar na continuidade de um tempo dentro de outro.

A unidade é indivisível, mas está feita de muitas partes que só existiram antes. Já não é mais possível voltar. Melhor, porque apenas único, é o esperar. E, no vazio, deixar as marcas da presença da intenção. Os símbolos, soltos e bem visíveis, ao sabor do tempo e da luz, acabarão por encontrar o intérprete específico.

Dentro de você vejo-me no futuro. Vergado sobre as folhas brancas, destilando alma, sou apenas cristal de sonho.

Enclausurado em pedra ou desfeito em mar, assistirei, recompensado, a minha solidão biológica e poeticamente revelada germinando esperança no tempo de meu tempo em semente.

*Meus belos olhos separados do mundo
onde estão os mortos estou mais vivo
Eu queria poder repetir o mundo
não ser apenas sombra de uma sombra
Meus belos olhos tornem-me visível
eu não quero terminar em mim. (Paul Eluard.)*

Seu pai.

Uma vida para dois

Trinta e dois anos atrás morreu o meu melhor amigo, depois de uma longa doença. Coube a mim cuidar dele depois de morto: retirei dele o pijama do hospital, vesti-lhe uma calça *jeans*, uma camisa branca, meias pretas e sapatos também pretos. Coisas novas, mas comuns e baratas que fui comprar na Sears, que ficava ali perto, enquanto a família providenciava o caixão. Ficamos sozinhos numa sala branca. Eu de pé, encostado na parede, e ele deitado de costas, todo elegante, numa mesa hospitalar.

Alguma coisa, de repente, aconteceu comigo e perdura até hoje, intocada: o meu amigo viveria enquanto eu vivesse, apesar de estar morto. Eu lhe emprestaria minha vida, pois ela seria bastante para os dois.

Mas algo meu também tinha de morrer naquele instante, por pura cumplicidade. Entretanto, não morreu ali, na hora. Vem morrendo aos poucos, até hoje, de um jeito ou de outro, até mesmo agora, ao escrever estas coisas, enquanto, da minha parte, de um jeito ou de outro, até mesmo agora, escrevendo estas coisas, vou mantendo-o vivo.

No diário que escrevia nessa época, encontrei estas anotações feitas dias depois da morte do meu amigo e que reproduzem, certamente, os meus tristes pensamentos enquanto contemplava sozinho e solitário o seu cadáver, naquela sala

branca e fria do hospital.

A morte injusta o fez dormir e, gentilmente, por piedade ou remorso, o levou em sonho. Não houve tempo para o adeus, poupando-o da maior dor de partir. O morto que nos deixou, humilde coisa usada, é diverso. Através das lágrimas, dá-se a difração do que era vivo, multiplicando-o nas unidades fundamentais. O silêncio e a ausência tornam-nas irrecomponíveis. O que já existia antes e existirá sempre inutilmente continua intocado, apesar do morto querido parecer excedente.

Meu amigo está morto. Olho-o longamente sem compreender. Nada do que vejo o identifica a meu amigo morto e a meu amigo vivo em mim. Não os posso aceitar dessa forma divididos, diferentes e incommunicáveis. As lágrimas vão secar, mas a difração continuará para sempre.

Já não há mais meu amigo morto, fora ou dentro de mim. Trago-o apenas vivo, atrás dos olhos e antes de cada gesto. Duro e inaceitável é não estar mais depois dos dele e ao alcance de suas mãos.

Quem tem medo de ser Cléo ou Daniel?

Nada do que vou escrever agora será compreensível se não ficar claro que o episódio se passou no final da década de 40, logo depois da última guerra mundial.

Éramos muito jovens e começávamos a descobrir, de fato e em nossos corpos, o amor que julgávamos brotar apenas do coração.

Nossa área de namoro ficava nas ruas do bairro de Botafogo, no Rio, em torno do pensionato de freiras para moças estudantes que existia na rua General Osório. Horário de entrada no pensionato, muito rigoroso: oito da noite, em ponto. Nunca chegamos atrasados, apesar de sabermos estar sacrificando assim as melhores horas noturnas da juventude de nossas vidas.

Apesar de todos os apelos naturais de nossos corpos sadios, o namoro era conduzido de modo cuidadoso e atento, porque acreditávamos espontânea nossa ingenuidade, para nos garantir o lirismo e o romantismo de que necessitava, basicamente, aquele amor nascente e que brotava em nós ambos, de verdade e inteiro, pela primeira vez.

Caminhávamos de mãos dadas pela rua Voluntários da Pátria, pela General Osório, pela São Clemente e, principalmente, por ruas transversais, menos iluminadas e mais tranquilas, parando às vezes o mais longe possível dos postes de luz, para rápidos abraços e furtivos beijos, mais emocionados que sensuais.

Mas conversávamos. Falávamos sobre coisas vividas naqueles deliciosos momentos, sobre nossos problemas nos estudos, sobre nossas vidas pessoais e familiares, como dois cúmplices irremediáveis, e fazíamos planos para o futuro (Ah, hoje não se faz mais futuro como antigamente!), até para o casamento que muitos anos depois pudemos realizar, tendo conservado a mesma ternura e a mesma paixão daquelas noites encantadas pela ruas de Botafogo.

Foi numa dessas ruas transversais, uma das mais bonitas e escuras, que, certa noite de incontrolláveis transbordamentos de vida e de amor, perdi minha última inocência, a que faltava, no amor. Vou contar, como posso ainda me lembrar hoje, 30 anos depois, o que aconteceu naquela noite.

A gente devia estar em silêncio. Existe um momento em que fica impossível dizer ao outro a intensidade de nossos sentimentos. Os amantes, mesmo os neófitos, sabem muito bem a hora do silêncio, do silêncio cósmico no germinar das sementes, na hora do amanhecer e no instante que antecede o primeiro e definitivo *eu te amo* entre dois futuros amantes. E foi durante esse silêncio de cumplicidade profunda, embora ainda irrevelada, que, de repente, nos abraçamos descuidada-mente, sem saber que era totalmente e para sempre. Algo nos avisou que havia chegado o momento culminante de nosso amor. Tudo o que acontecera antes entre nós existiu apenas para que chegássemos àquele instante e, depois dele, caso o pudéssemos viver integralmente, tudo seria apenas desenvolvimento, aprofundamento e suplemento de nossos potenciais de amor. Enfim, aquele era o ponto de viragem de nossas vidas.

Aparentemente, não acontecia nada de novo. Apenas nos olhávamos nos olhos, como sempre. Mas, desta vez, todo o desejo

que estava acumulado em nós de repente transbordou, inundando um o corpo do outro, e, num abraço completo, que nos fundia numa única pessoa, através das bocas unidas, trocávamos vida pelo desejo e desejo pela vida.

Não posso lembrar e nem naquele instante podíamos avaliar quanto tempo durou aquele beijo. Súbito, como se fosse de vidro, o encantamento foi espatifado, tudo em nós se fragmentou e nossos sentimentos, desejos e emoções estavam em pedaços e caindo por terra. Ouvíamos gritos que pareciam ecoar, repetindo sons agressivos, violentos. Quando nos separamos, uma vez rompido o encantamento fomos tomados por um medo indefinível, mas absolutamente paralisante, e vimos estar cercados por um grupo de pessoas que aumentava sempre, vindos do jardim da casa diante da qual havíamos parado.

Não podíamos entender claramente o que diziam, mas as expressões eram de reprovação, indignação, raiva, desprezo, nojo e desespero, enquanto as vozes, sempre ameaçadoras, tinham tom de crítica, de reprovação, de condenação. Mas aquelas palavras, mesmo compreendidas todas ou apenas uma delas, eu sentia não ter nada a ver com o que nós dois vivíamos e fazíamos ali. Ouvi, então, a palavra polícia, berrada muitas vezes, junto com outras que procuravam identificar o absurdo, a loucura daquela cena.

Continuamos abraçados, agora não mais por amor, mas por medo e busca de proteção um no outro. Então ouvimos ou achávamos estar ouvindo a sirene do carro da polícia e eu, agarrando minha namorada pela mão, saí correndo, arrastando-a por alguns metros de calçada. Uma mulher de uns quarenta anos nos alcançou. Estava em plena crise histérica e tentava agredir minha namorada. Agarrei a mulher pelos ombros e olhei-a nos olhos, agora já com a coragem de viver e de defender meu amor.

Ela chorava e gritava a palavra *não*. Minha namorada fugiu dali correndo e eu olhei ainda uma vez para o rosto da mulher. Não me recordo de nada, em toda a minha vida, nada que tenha representado melhor a máscara da dor pela frustração amorosa e pela inveja do amor possível mas bloqueado em si, porém liberto e realizado nos outros.

Ele chegou também para junto do banco. E o espaço entre seus lábios diminuía, enquanto pronunciavam os nomes cada vez mais baixo, mas para uma só pessoa.

— Cléo...

— Daniel...

As mãos se encontraram quando não era mais possível falar. Porém ainda houve tempo para que Cléo e Daniel dissessem os nomes, um dentro do outro. Sentaram-se abraçados, as bocas coladas.

Primeiro a subida. Como nos sonhos. A gente salta e permanece longo tempo no ar, quanto quiser. Cléo subia pelos lábios, pelo calor e umidade dos lábios de Daniel. Subia insuflada pelo ar, pelo hálito verde, seiva aérea que chegava à boca e descobria passagens novas e inexploradas para se expandir. E percorria seu corpo por onde jamais passaram os nervos, o sangue, a linfa, a vida. Um despertar de sono eterno, dos átomos, das células, dos órgãos. Mais luz que calor. Sentia a transparência inflamada de uma necessidade antiga e desconhecida. No alto, muito alto, acima de tudo, percebeu que a vida se reorganizava dentro de si, fluindo mansamente de todas as partes iluminadas, para um centro único. E começou a descida. Primeiro dentro. Da boca ao ventre. Quando toda a sua vida, renovada, limpa, concentrada, unitária, deixou morto o resto do corpo e ficou suspensa, imóvel no sexo. Veio a explosão, a desintegração, o caos.

A paz vertiginosa.

Daniel sentiu e compreendeu tudo o que acontecia em Cléo. Porque não havia mais Cléo. Nem Daniel. Havia o beijo. O encontro, a ascensão e a queda. Queda que era ascensão, pois não havia mais centro, como não há centro e nem periferia no universo. O curso da energia livre não tem fim. E as novas desintegrações, novas sínteses, no ritmo do infinito sendo antes e depois sem tempo, sendo aqui e agora, sem espaço.

Um beijo de adolescentes num banco de praça. Três horas da tarde. Bocas coladas, olhos fechados, mãos apertadas. Nenhum movimento na superfície. Nenhum indício aparente de que havia sido violado o segredo da vida dentro daquele beijo.

O primeiro transeunte achou bonito e parou. Olhava o casal, mas via sua própria condição. E chegou no limite de sua solidão e insatisfações. Deixou de sentir e pensou. Parou de pensar e julgou. Julgou com a solidão e as insatisfações. E condenou.

O segundo, o terceiro, o quarto, o quinto não tiveram tempo e nem possibilidade para a surpresa, a emoção e o juízo. O sexto, o sétimo, o oitavo, o nono, o décimo, porque precisavam perguntar para conhecer o que viam, sentiram o que o primeiro julgou e aos outros escandalizou.

Onde dez pessoas param, haverá logo uma centena. Nasce a multidão, exigindo satisfação plena. Como o amor e o ódio das feras em liberdade. As leis do nós não tem conteúdo de consciência, de ética e de valor.

Olhares, gestos, gritos, assobios individuais logo tornaram-se corais e danças. Por isso, para compreendermos a massa é preciso estar bem acima dela, numa posição e distância em que não nos possa contaminar e não seja possível distinguir o que faz um de seus componentes. A unidade da massa é a massa. E seu líder, o

inconsciente da humanidade.

Quem, como pessoa, pode suportar, diante de suas limitações, frustrações e angústias, a imagem da liberdade total, do prazer e da alegria revelados de forma pura e natural? Quem, como pessoa, que racionaliza o impossível, que mistifica o misterioso e sublima a impotência, pode tolerar a visão física do eterno, o segredo humano revelado, a energia vital possuída e possuindo?

Não se via nada, além da estátua de um beijo. Estátua de carne, mas estátua. Nenhum movimento. Apenas o tempo do beijo era maior, como o das estátuas. Só isso se via sobre o banco da praça. Cada um que olhava, entretanto, sentia o que não estava olhando. E entrava merda em lugar de sangue, em seu coração. Sentia, cada um, ao ver aquilo, o que não houve nunca em si mesmo. E a estátua de carne torna-se uma ofensa. Ofensa insuportável que exige revide. Necessidade de revide que é inveja. Muito mais que inveja, é o ódio. E quando se chega ao ódio, descobre-se o amor. O amor inatingível, o alheio amor. Então, olhando o beijo de Cléo e Daniel, sentindo o que vê — o desconhecido sentimento, o inatingível prazer — cada um é um mendigo em desespero. Cada um é o ódio exigindo destruição.

Na massa, poucos vêm, mas todos sentem. E basta alguém gritar. E alguém gritou. Veio a fúria. Todos gritavam. Gritavam para se libertar da dor que os imobilizava, impedia-os de viver.

Cléo e Daniel não se davam conta de nada além do que sentiam. Era tudo novo, imenso. Não podiam ouvir gritos e perceber a presença da massa enfurecida a seu redor. Subidas e descidas, sem fim. Sons e cores desconhecidos e mais belos que os existentes. E o calor, mais qualidade que intensidade. Cléodanieldanielcléo: silêncio.

Os mais próximos berravam em seus ouvidos. O que é que

diziam? Nada. Berravam, como os bichos. Berravam que era preciso parar, acabar. No céu, desde que os dois se haviam encontrado, apenas o sol desaparecera. Na terra, por ali, o trânsito estava interrompido. Filas imensas de carros, de ônibus e gente que descia e juntava-se à massa. O que havia? O que era? Os últimos nunca sabem a verdade. Mas gritam como os primeiros. E são ainda mais cruéis.

Sirene. Os soldados descem dos caminhões. Enfrentam a massa. Para dispersá-la. Porque o trânsito está parado e o povo ocupa toda a Praça da República, as ruas próximas. Apitos que ensurdecem, bombas que fazem chorar. Muitas bombas e muitos apitos. Os homens choram, mas não se afastam.

Distantes, muito distantes do alcance das bombas, Cléo e Daniel choram também e estreitam o abraço. Mas são agarrados. Um grupo segura o corpo de Cléo e outro o de Daniel. Começa a luta. Conseguem, num tranco violento, separá-los. Suspensos sobre as cabeças do povo, são impulsionados por braços e mãos sem direção. Seus gritos não podem ser ouvidos porque um gemido desesperado e contínuo, coletivo e anônimo, encobre tudo. Os dois dizem apenas: Cléo e Daniel. Cléo grita por Daniel. Daniel grita por Cléo. Mas a distância entre eles aumenta sempre. Ela está na Rua do Arouche e ele na Rua São Luís, suspenso agora por pequeno grupo de pessoas. E caem no asfalto. Não se erguem. Ninguém mais é todos. Acabou. Ônibus e carros superlotam. O trânsito voltou a fluir. Ruas e praças ficam desertas. As luzes se acendem.

Eu e o meu amor no barco bêbado

Acredito que fazer poesias é um ofício de solidão. O que há de poeta em mim revela-se, às vezes, como um exigente, implacável e solitário artesão, que trabalha paciente e longamente sobre a matéria-prima poética, produzida pelo inconsciente coletivo em mim, sobretudo quando o amor torna permeável e transparente a crua beleza do meu lado de dentro.

Mas isso acontece muito raramente. Talvez eu me defenda e fuja do ser poético que posso ser. Porque é penoso, porque fragiliza, porque devassa, porque consome, tudo isso demais. Porém há momentos em que não resisto ao apelo, ou, o que é mais freqüente, sou apanhado de surpresa, escorrego e, de um plano muito inclinado como é o poético, não tem jeito, só se sai quando ele acaba.

Foi o que aconteceu, por exemplo, em minha casa em Ilhabela, num verão cinco anos atrás. Vou dar apenas os detalhes relevantes para que se compreenda o meu processo de criação da poesia sobre situações realmente vividas.

O ponto de partida de tudo era o êxtase em que vivia durante os primeiros tempos de um amor que tinha, entre outros, o poder de me manter em quase permanente estado de efervescência lírica.

Conseguíramos, com dificuldade, ficar sós, e apenas ali em Ilhabela isto se tornou possível. Tratava-se de um amor que só se

pode viver totalmente na intimidade secreta da solidão, sem mágoa. Amar à luz do sol, a céu aberto, era o nosso maior sonho que, naquele entardecer quente e tranquilo, pudemos transformar em realidade.

Diante da casa que fica no alto de uma colina, o mar imenso, algumas poucas ilhas e nuvens leves espaiadas no horizonte. O sol, prestes a mergulhar no oceano, entardecia em cores as mais belas e as mais escandalosas, tingindo o céu, as nuvens e o mar no poente.

Eu estava impregnado de poesia e mar porque tentava, como tento até hoje, inutilmente, conseguir verter para o português, apenas para mim, o poema *Bateau ivre* (Barco bêbado), do Arthur Rimbaud. Eu sentia confirmada em mim, na excitação generalizada e desgovernada em meus sentidos tanto pelo que seus versos me produziam quanto pela lembrança de sua história fantástica de vida, a sábia e profética afirmação de Rimbaud aos 16 anos de idade:

O poeta torna-se vidente por um longo, imenso e sistemático desregramento de todos os sentidos.

A gente ficava olhando o entardecer no mar como se estivesse num cinema. E procurávamos tornar esse ambiente o mais sofisticado possível e ao nosso gosto. A gente se deitava numa só rede. abraçados e podendo, os dois, contemplar o entardecer. Na minha mão um copo cheio do melhor uísque e na do meu amor um bom baseado. E ficávamos trocando bolas e goles enquanto ouvíamos, muito alto, o último movimento da *Oitava Sinfonia* de Mahler, a nossa preferida.

Plenitude perfeita, no mais completo desregramento de todos os nossos sentidos, numa vidência e numa vivência de

poesia, viagens, música, beleza natural, tesão e alegria de puro amor.

Anoitecia e lá ficávamos na rede vivendo os saldos possíveis desse amor quase impossível, naquilo que chamei de um contraponto perfeito para o silêncio que era quebrado e harmonizado caoticamente apenas pelo marulhar das ondas distantes do mar e pelo ruído meio vegetal dos grilos.

De madrugada acordei para escrever uma poesia que me surgiu e se impunha ser escrita com a força de algo fisiologicamente inadiável, como respirar, como urinar. Tratava-se de uma espécie de inventário do que tínhamos vivido naquela tarde. Saiu direto. Eu não tinha tempo de rever, antes de chegar ao fim. Meu amor o leu assim recém-nascido e, de modo apaixonado, pediu o original. Prometi-lhe, mentindo, uma cópia que faria depois, mas que sabia não poder fazer jamais.

Durante um ano, movido a uma paixão furiosa por um ímpeto artesanal que não possuo normalmente, fui revendo, ou melhor, refazendo o poema. Quando me satisfiz, ele não passava de um extrato, muito concentrado, do original. Queria que a forma contivesse a emoção que lhe passariam os excessos do conteúdo.

Entreguei-a ao meu amor que, depois de uma demorada e atenta leitura, expressando grande decepção no lindo rosto, me disse preferir o original e, devolvendo-me a forma que eu considerava definitiva, exigiu de volta o rascunho do seu poema.

Eu me pergunto se essa mania artesanal, essas súbitas e insólitas preocupações formais na feitura de alguns de meus poemas não são exatamente o oposto do que Rimbaud esperava de um poeta? E, para ir mais fundo e mais dolorosamente à verdade, não será isso que fiz com o poema exatamente o que acabo sempre por fazer com as minhas paixões?

Talvez esses versos sejam mais publicáveis e mais perduráveis na forma em que acabaram ficando graças ao meu estranho e bissexto perfeccionismo, mas — pergunto-me apavorado — não seria melhor deixá-los ficar como nasceram, pois era algo mais gostoso, mais tesudo, mais emocionante, como vivíamos de fato, o nosso amor, embora também mais fátuo e mais descartável, como qualquer relação amorosa que se preza?

*Não sou mais o corpo de pedras
navegantes.*

*Nem sou menos o negro farol que
cega o mar.*

*Nego ter sido névoa bússola e vaga
estrela*

*da Ursa: apenas naufrago alimento
à vida no mar.*

*Do meu corpo: saldos de guelras
ancestrais.*

*No oceano: chuva e vento parindo
o mar.*

*Quento o sol verde o azul ondulo
a maré.*

*Espremo e sangro a carne líquida
do mar.*

*Amo violenta maresia gozo doces
tempestades*

*fecundo as algas gero liquens salgo
o mar.*

*A Oitava Sinfonia de Mahler
rompe
crepúsculos*

*e faz nascer costeiras sonoras no
alto mar.*

*Vivo ao luar o desejo nu e a viagem
d'erva.*

*Um marinheiro mareio de rede e
de mar.*

*Sonho viagens sem portos chegadas
sem cais.*

*Do meu amor no amor do meu
amor no mar.*

Para quem ainda vier a me amar

Quero dizer que te amo só de amor. Sem idéias, palavras, pensamentos. Quero fazer que te amo só de amor. Com sentimentos, sentidos, emoções. Quero curtir que te amo só de amor. Olho no olho, cara a cara, corpo a corpo. Quero querer que te amo só de amor.

São sombras as palavras no papel. Claro-escuros projetados pelo amor, dos delírios e dos mistérios do prazer. Apenas sombras as palavras no papel.

Ser-não-ser refratados pelo amor no sexo e nos sonhos dos amantes. Fátuas sombras as palavras no papel.

Meu amor te escrevo feito um poema de carne, sangue, nervos e sêmen. São versos que pulsam, gemem e fecundam. Meu poema se encanta feito o amor dos bichos livres às urgências dos cios e que jogam, brincam, cantam e dançam fazendo o amor como faço o poema.

Quero da vida as claras superfícies onde terminam e começam meus amores. Eu te sinto na pele, não no coração. Quero do amor as tenras superfícies onde a vida é lírica porque telúrica, onde sou épico porque ébrio e lúbrico. Quero genitais todas as nossas superfícies.

Não há limites para o prazer, meu grande amor, mas virá sempre antes, não depois da excitação. Meu grande amor, o infinito é um recomeço. Não há limites para se viver um grande

amor. Mas só te amo porque me dás o gozo e não gozo mais porque eu te amo. Não há limites para o fim de um grande amor.

Nossa nudez, juntos, não se completa nunca, mesmo quando se tornam quentes e congestionadas, úmidas e latejantes todas as mucosas. A nudez a dois não acontece nunca, porque nos vestimos um com o corpo do outro, para inventar deuses na solidão do nós. Por isso a nudez, no amor, não satisfaz nunca.

Porque eu te amo, tu não precisas de mim. Porque tu me amas, eu não preciso de ti. No amor, jamais nos deixamos completar. Somos, um para o outro, deliciosamente desnecessários.

O amor é tanto, não quanto. Amar é enquanto, portanto. Ponto.

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



DECLARAÇÃO DO AMANTE ANARQUISTA:

Porque eu te amo, tu não precisas de mim. Porque tu me amas,
eu não preciso de ti. No amor, jamais nos deixamos completar.

Somos, um para o outro, deliciosamente desnecessários.

R o b e r t o F r e i r e

EDITORA  GUANABARA



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>